

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23218

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 10 ABRIL 90 60\$00

Oliveira Martins ainda não tem substituto

Cavaco "sem tempo para pensar"

Ainda não é conhecido o substituto de Oliveira Martins, o ministro que se demitiu por causa da nomeação do novo secretário-geral do PSD. Uma fonte do gabinete do primeiro-ministro admitiu, esta manhã, ao DL que «Cavaco nem sequer tempo tem para pensar», entre a

visita oficial do Presidente de Moçambique e a entrevista hoje à «1ª Página» da RTP. Cavaco é, no entanto, um homem de surpresas, e poderá adiantar logo à noite que já tem ministro, mas que só revelará o nome depois de informar Soares. Pág. 4



Rui Vasco



O tal empurrão

CDS pronto a apoiar Lucas Pires

O dirigente centrista Basílio Horta afirmou ontem que o seu partido ainda não apoiou a candidatura presidencial de Lucas Pires, pelo simples facto de que ele ainda não a apresentou; mas adiantou que o seu correligionário contará seguramente com o apoio do CDS caso decida entrar na corrida para Belém. Esta afirmação poderá constituir o tal empurrão a que se referia Lucas Pires quando, referindo-se pela primeira vez à possibilidade de se candidatar, declarou ao DL: "Se fôr empurrado..."

Basílio Horta defende que a candidatura de Lucas Pires ultrapassa o espaço político a que ele pertence e não perdeu a oportunidade de um ataque ao partido do Governo: "O PSD perde por falta de comparência". Pág. 4

Torello à portuguesa

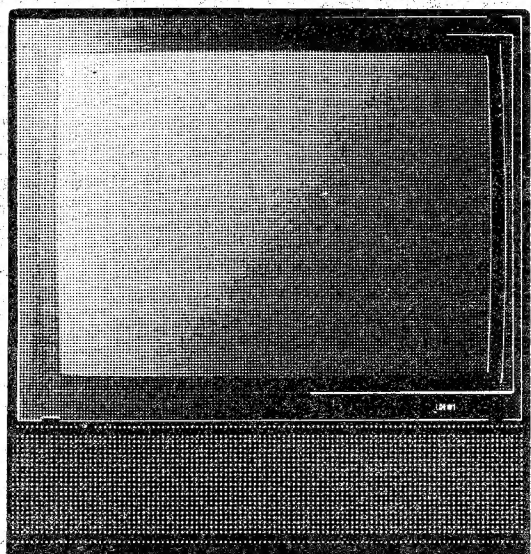
O polícia equilibrista de pistola entre os dentes não se está a exhibir. Lá, nas alturas de um prédio do Bairro Alto, ele partiu na peugada de um gatuno que se introduzira em casa alheia. E não brincou em serviço. Levou a tarefa a bom termo e capturou o assaltante, numa actuação digna do Mike Torello que, logo à noite, fará a sua habitual aparição na RTP em "Crónica do Crime" Pág. 13

UGT/CGTP

Bases são contra fusão das centrais

Pág. 15

Os televisores da nova «Art». Digital



LOEWE.

Representante em Portugal:

SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

DL

Líbano:
três reféns
libertados
pela Fatah
Pág. 9

Padre polaco
fala ao DL
sobre a Igreja
no Leste
Págs. 16 e 17

Lotaria
Popular

1.º 214 490
2.º 354 881
3.º 367 474
4.º 405 115
Pág. 12

Hoje:
Suplemento
Económico

Aberto ao público desde Outubro de 1987, o Museu da Água Manuel da Maia vai receber a 7 de Maio, no Conselho da Europa, em Estrasburgo, o «Prémio Europeu do Museu do Ano». Por se tratar de um caso inédito em Portugal, justificava-se a visita. O DL foi lá e constatou que o galardão se justifica plenamente

Mais de um século de águas livres

O Museu da Água Manuel da Maia é constituído por três núcleos: o Aqueduto das Águas Livres, o reservatório terminal das Amoreiras também designado por «Mãe de Água» e a Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos. Foi neste último local - inaugurado em Outubro de 1880 mas mantendo surpreendentemente intacto o ambiente característico de uma instalação industrial do último quartel do século passado - que procurámos saber, a propósito do importante prémio recentemente atribuído a este museu, algo que pudesse proporcionar aos leitores, o mais fielmente possível, uma visão realista desta instituição dependente da Empresa Pública das Águas Livres - EPAL.

O encontro do repórter do DL com o director do Museu da Água decorreu no local mais apropriado, ou seja na antiga Estação Elevatória dos Barbadinhos, porventura a «menina dos olhos» do Museu. Guiados pelo Dr. Pedro Inácio - um jovem licenciado em História que vive com transparente entusiasmo o seu trabalho - percorremos exaustivamente as instalações e colhemos, à vista das coisas, todas as informações que adiante reproduzimos:

Efectivamente a funcionar desde 1 de Outubro de 1987, desde os anos 50 que existia já uma sala onde se encontravam expostos alguns materiais que entretanto tinham caído em desuso, em termos de abastecimento de água. Houve então pessoas que se interessaram por esse acervo museológico e, à medida que o tempo foi passando, conseguiram preservá-lo, iniciando um trabalho de conservação e inventariação das várias peças.

Ao serviço da comunidade

Concretamente, foi a partir de todo esse trabalho que, já na década de 80, foi possível pensar muito seriamente no presente museu. Aberto ao público, e ao serviço da comunidade, tal como se encontra desde a inauguração.

É evidente que - como nos explicaria Pedro Inácio - foi necessário um trabalho de museologia aprofundado, feito por técnicos espe-

cializados, não esquecendo a própria arquitectura de base.

Antes de iniciarmos a visita propriamente dita às antigas instalações industriais, onde hoje se encontra exposto todo o acervo do Museu da Água, pudemos apreciar a sugestiva exposição temporária «Água, princípio de» - imagens fotográficas da autoria de Eduardo Nery - patente até ao próximo dia 21 e justamente à entrada do Museu, no preciso local onde se encontra um painel de azulejos do mesmo autor.

A seguir, uma passagem pelo centro de documentação, que também fazia parte do acervo. Como teve oportunidade de esclarecer Pedro Inácio, trata-se de uma parte que ainda não está aberta ao público, mas poderá estar a partir de Outubro. No entanto, isto não quer dizer que, em condições particulares, não se possa facultar a sua abertura a curiosos sobre o abastecimento de água. A partir da abertura formal, isso sim, já vai ser possível a consulta a todo um acervo que remonta à fundação da Companhia das Águas de Lisboa (em 1868), antecessora da EPAL.

Quisemos então saber se a criação do Museu da Água se fica a dever à actual Empresa Pública das Águas Livres.

O director do Museu diz que não é bem assim:

«A ideia dum museu - ou a concepção, se quiser - já vem do tempo da Companhia das Águas, digamos que dos anos 30, daí que se fossem reunindo alguns materiais. Só que nesta última fase, na década de 80, pensou-se fazer uma evolução histórica do abastecimento de água a Lisboa e, se possível, demonstrá-la museologicamente».

Desde a presença romana

E foi o que passámos a ver, na sala ao lado: Começámos por verificar a evolução, desde a presença romana até aos nossos dias, que se encontra ali patente através dos mais variados componentes, sucessivamente utilizados nas épocas mais marcantes em termos de abastecimento de água. Como são os casos

do Aqueduto das Águas Livres, do Aqueduto do Alviela e, mais recentemente, do Aqueduto Tejo e do Sub-Sistema do Castelo do Bode.

Especificamente no que toca aos materiais utilizados nas várias épocas, o director do Museu acrescenta:

«Temos aqui uma grande sala, que era o lugar onde estavam instaladas as caldeiras que alimentavam esta Estação Elevatória dos Barbadinhos, e agora foi construída a actual sala de exposições. As caldeiras foram demolidas há cerca de 40 anos, mas foi possível preservar o material da estação elevatória. Mas, a propósito, dir-lhe-ia ainda que de todos os sistemas, sobretudo desde o aqueduto até aos nossos dias, temos testemunhos em termos de vestígios, como é o exemplo de uma barragem que se situa precisamente no mesmo local das nascentes do Aqueduto das Águas Livres, mas a uma distância de 1500 anos. Temos aqui, naturalmente, elementos que permitem estabelecer uma certa ligação. Depois, o acervo mais recente - dos últimos 150 anos - do que foi possível conservar e preservar, têm-lo aqui, permitindo que os visitantes consigam ver a tecnologia de há século e meio em comparação com a desta época. Com diferenças bastante significativas. Basta dizer que há 110 anos o vapor era ainda a tecnologia de ponta e hoje é a electricidade».

Pensámos, nesta altura da visita, procurar saber qual a intenção que presidiu à inauguração deste museu tal como está, e o que é que a EPAL pretende para ele, em termos de evolução futura, ou da própria dinâmica.

Pedro Inácio diz que «é uma preocupação dos responsáveis pelo Museu da Água, como também da própria administração da empresa, revitalizar os espaços culturais de que dispõe, de forma a podermos fazer uma animação cultural viva e dinâmica. Assim, posso enumerar o que já fizemos, num curto espaço de tempo: desde teatro, bailado, concertos musicais, coros, exposições de pintura, de fotografias, visitas guiadas, concursos de banda desenhada com estabelecimentos de

ensino, concursos de fotografia, tudo isto está a ser objecto de uma certa preocupação no sentido de não ser apenas um museu para recolher e arrecadar materiais, mas para dar vida e trazer a comunidade aos espaços que integram o Museu da Água, que são como sabe a «Mãe de Água» das Amoreiras, o Aqueduto das Águas Livres e aqui a Estação Elevatória dos Barbadinhos, onde está instalada a sede do museu».

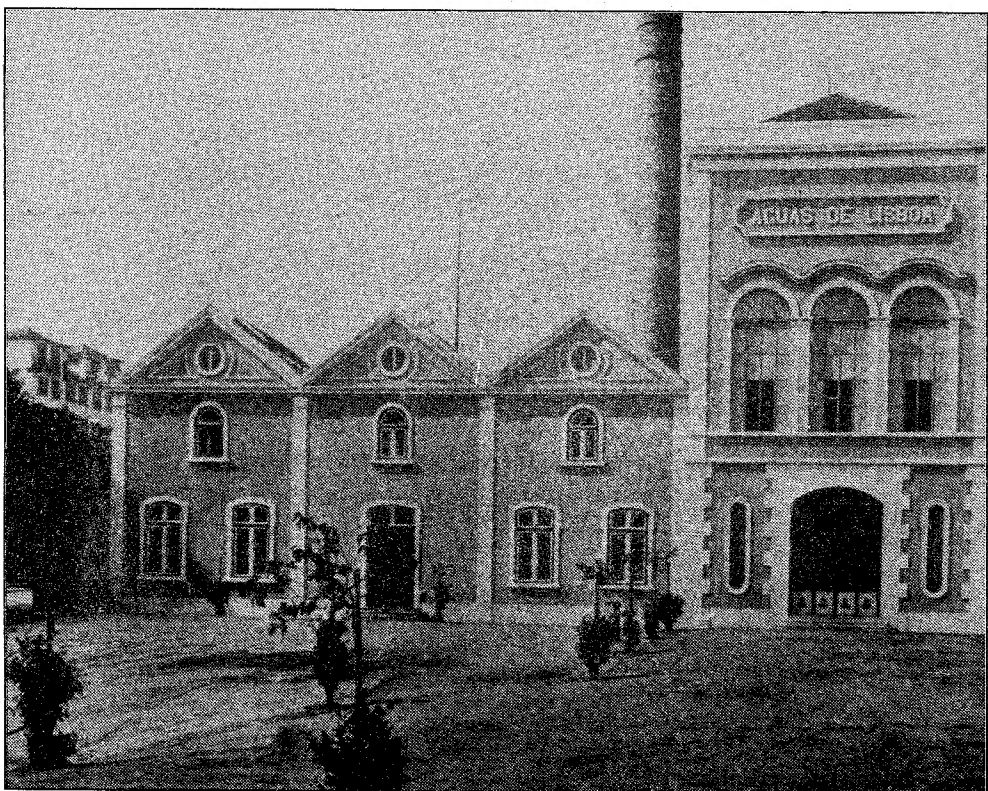
Falámos a seguir com o Dr. Pedro Inácio sobre captações, sabendo como elas estão na origem de todo e qualquer fornecimento de água às populações. Eis a síntese que fez o nosso anfitrião:

«Temos diversas captações, e históricas porque são de diferentes épocas, e numeradas. Neste momento a primeira ainda é o Alviela, que está em funcionamento e traz água para Lisboa, depois temos as captações feitas por poços - que serviram nos anos 40 e ainda servem para alimentar o canal Tejo, na década de 60 entrou em funcionamento superficial do Rio Tejo - onde a água era tratada na estação de Vale da Pedra - e recentemente a do Castelo do Bode, inaugurada em 1987, em relação à qual se prevê que, a partir da água dali conduzida, Lisboa não tenha problemas de abastecimento pelo menos até ao ano de 2015. Isto é, em resumo, o que lhe posso dizer em termos da evolução dos sistemas de captação em funcionamento».

As velhas máquinas a vapor

Passámos depois, em revista, os mais diversos materiais expostos na estação dos Barbadinhos: tanto os materiais de manutenção utilizados na rede de distribuição nos últimos cem anos, como as máquinas a vapor que antes da electricidade serviram para a elevação da água até aos circuitos de abastecimento a Lisboa. Apreciamos também - como qualquer visitante o pode fazer - a colecção de contadores, desde o primeiro até ao mais recente modelo, igual ao que temos nas nossas casas, como tivemos ainda oportunidade de dar uma espreitadela à história administrativa da empresa, através

Do velho Aqueduto ao Castelo do Bode



Aqueduto das Águas Livres: iniciado em 1731, foi concluído um século depois

Pode dizer-se que tudo começou no dia 12 de Maio de 1731 quando, «no reinado de D. João V, por força das diligências do procurador de Lisboa ocidental, Cláudio Gorgel do Amaral, foram de novo estudadas as nascentes de Careque, e resolvidas as grandes obras das chamadas águas livres, que têm a sua expressão maior no grande aqueduto erecto às portas da velha Lisboa».

Contudo, apesar das obras se terem iniciado logo no citado ano de 1731, apenas ficaram concluídas um século depois, e logo nessa altura era reconhecida a sua insuficiência para as crescentes necessidades da capital e por isso se viram os poderes públicos obrigados a pensar noutro sistema de abastecimento mais eficaz.

Assim, a partir de 1858, dá-se início à montagem de canalizações sobre pressão na rede de distribuição, que atingiu a extensão de 73

quilómetros e constróem-se os reservatórios do Pombal, Arco, Penha de França, Patriarcal e Verónica, com uma capacidade total da ordem dos 30 mil metros cúbicos, dominando três zonas-andares de distribuição, para onde a água era bombeada inicialmente por meio de estações térmicas localizadas no Chafariz de Dentro e no Arco.

Nova época do abastecimento de água à cidade de Lisboa surgiu com a construção do Aqueduto do Alviela, iniciada em 1871 e concluída em 1880, e da primeira estação elevatória dos Barbadinhos (a actual sede do Museu da Água), bombeada para os reservatórios de distribuição a água proveniente das nascentes do rio Alviela, designadas por «Olhos de Água» e localizadas no concelho de Alcanena.

Iniciava-se em 1880, por consequência, um período

de abundância de água em Lisboa, jamais antes atingido.

Os tempos foram passando. O crescimento da cidade acabaria por pôr termo à festejada abundância de água criada a partir do aproveitamento das nascentes do Alviela.

As primeiras crises de falta de água, já nos anos vinte deste século, procuraram-se soluções que passaram então pela construção das primeiras captações por poços e caldeiras junto à ribeira da Ota, pela primeira vez em 1925, e à de Alenquer, em 1934. Estas captações forneciam água, em apoio estival ao sistema do Aqueduto do Alviela, quando as nascentes na origem baixavam a sua produção.

Posteriormente, no apoio da adução do Aqueduto do Alviela, substituíram-se as antigas captações de poços artificiais, existentes junto das ribeiras, por novas cap-

COMENTÁRIO

Displícência nacional

Andaremos tão providos de reconhecimento internacional do nosso mester cultural que não publicitemos nem nos regozijemos com um grande prémio europeu? O trabalho cultural tem graus nobres e outros espúrios, que tocam as trombetas quando o mérito é das artes, e silenciam quando é das técnicas?

Vêm estas interrogações a propósito do altíssimo mérito do Museu da Água, distinguido com o Prémio Europeu do Museu do Ano, e do menosprezo da mudez com que tal distinção foi recebida por quem tinha o dever de aplaudir, a administração pública, os intelectuais e os meios de comunicação social.

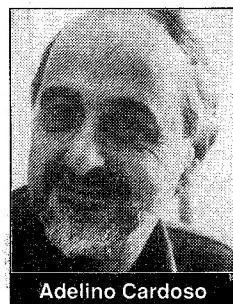
Simples menções honrosas do mesmo troféu, instituído pelo Conselho da Europa, igualmente meritórias, tiveram maior ressonância, quando atribuídas a dois outros museus lisboetas, o do Trajo e o do Teatro. De tudo isto se colhe o louro da museologia portuguesa estar hoje a renascer, com uma vitalidade e uma criatividade que o olhar estrangeiro reconhece, talvez mais que o nosso próprio olhar, sempre displíciente e entediado com os nossos valores.

E do rigor e da categoria do prémio se pode aferir pela nomeada dos distinguidos nos dois últimos anos, o Museu de Berlim, o Museu Nacional da Baviera ou o do Convento das Dez

Causas, de Madrid.

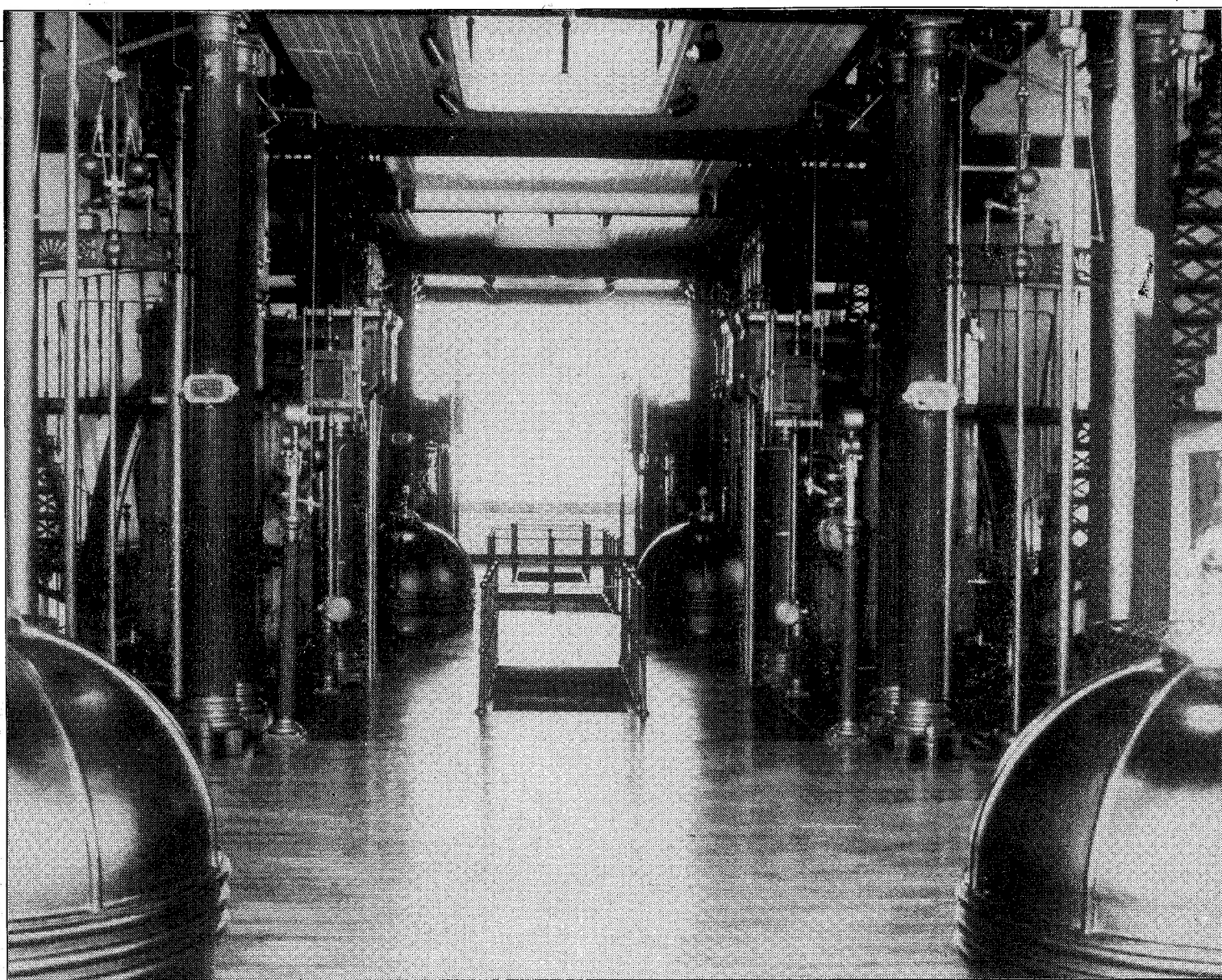
Este prémio é tanto mais relevante quanto se dirige a uma área relativamente nova da museologia, a relativa à arqueologia industrial, que tem tido alguma dificuldade em afirmar-se entre nós, uma área que está afirmar-se mundialmente como testemunho de uma época que está a perecer, a da Revolução Industrial. Estamos a deixar morrer esses testemunhos, em centros tão importantes como os bairros operários de Lisboa e Porto, os das áreas industriais da margem esquerda do Tejo, da Marinha Grande, da Covilhã ou do Tramagal.

Que o prémio tenha sido endereçado à memória da água, ainda que no campo restrito do abastecimento público, não deixa de ter alguma ironia, num País que, actualmente tanto a despreza, tão mal a administra. De tal modo que é sobre ela que mais incidem as agressões poluidoras, mais anarquicamente se desperdiça com riscos de esgotamento de recursos.



Adelino Cardoso

R.B.



Sala das máquinas a vapor, inaugurada em 1880

do conhecimento directo do sistema de cobranças e de outras curiosidades... que só vistas.

Guardada praticamente para o termo da visita guiada pelo dr. Pedro Inácio, a surpreendente visão da sala das máquinas da Estação Térmica dos Barbadinhos em pleno funcionamento.

Trata-se de uma instalação que foi inaugurada a 3 de Outubro de 1880 e funcionou ininterruptamente até 1928. O seu principal equipamento, constituído por quatro máquinas a vapor, foram construídas nas Oficinas de E. W. Windsor, de Ruão.

«A partir do momento em que a electricidade entrou como força motriz principal, o vapor teve os dias contados, e isto deixou de funcionar. O trabalho que houve aqui foi essencialmente de manutenção das peças e

das máquinas e conseguimos que uma delas funcionasse, embora electricamente, para o público ver» - explica Pedro Inácio.

E foi mesmo verdade: pudémos então, como acontecerá a qualquer visitante que ali se desloque, ficar com uma ideia de como se moviam as velhas máquinas destinadas à elevação das águas, desde o século passado até ao final dos anos 20.

«Isto está rigorosamente tudo como estava dantes» - garante-nos Pedro Inácio, que exerce as funções de director do Museu da Água há cerca de um ano e meio.

As máquinas, cujo vapor era produzido por cinco caldeiras (as caldeiras e o vapor é que já foram à vida...), são todas do mesmo tipo: êmbolos verticais de dois cilindros cada, com camisa de vapor sistema Woolf, de expansão variável e de condensação.

Destinada à elevação das águas provenientes do rio Alviela, para os reservatórios da Verónica e da Penha de França, a Estação Térmica dos Barbadinhos, tanto pelas características ímpares da maquinaria instalada como pelo rigoroso estado de conservação - ainda em funcionamento esporádico, como vimos, para demonstrações - constitui, por si só, um verdadeiro testemunho de extrema raridade e valia no campo da arqueologia industrial.

Por tudo, resta-nos aconselhar aos leitores que façam também uma visita (pensamos que seja obrigatória) ao Museu da Água, que nós fizemos, ao fim e ao cabo, talvez por causa do Prémio Europeu do Museu do Ano que lhe foi atribuído. Diga-se, com toda a justiça.

Rodrigues Borges

Quando o orgulho é legítimo

tações do tipo de furos nos subsolos calcários da Ota, em 1959, e de Alenquer em 1960.

Mais tarde, a partir do Aqueduto do Alviela, são efectuados os fornecimentos de água, iniciados nas datas mencionadas, aos concelhos de Azambuja e Vila Franca de Xira (1945), Alcanena (1953), Santarém (1958) e Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço (1964).

Em 4 de Junho de 1987 - na sequência da construção dos Subsistemas do Alviela, nos anos 60 - entrou em funcionamento, fruto das novas tecnologias, o Subsistema do Castelo do Bode.

Trata-se de um empreendimento a longo prazo, uma vez que visa servir, hoje, não só a velha cidade, mas a Grande Lisboa e os seus três milhões de habitantes, previstos para o início do século XXI.

R.B.

No próximo dia 7 de Maio, na Assembleia Permanente do Conselho da Europa, em Estrasburgo, vai ser entregue, ao Museu da Água Manuel da Maia, o Prémio do Museu do Ano. A propósito deste acontecimento, a conversa com o director do Museu, dr. Pedro Inácio:

- É óvio que todos os prémios, na generalidade, têm uma história. Na sua qualidade de director do Museu da Água, quer contar ao Diário de Lisboa «a história deste» prémio, que creio ser inédito no nosso país?

«O prémio aconteceu, curiosamente, aquando de uma visita da dra. Natália Correia Guedes, presidente do Conselho Internacional dos Museus, de que Portugal faz parte.

A presidente desta instituição fez uma proposta ao Museu da Água para que pudesse ser um candidato. Isto foi em 1989, há quase um ano.

Depois, a candidatura foi aceite por um comité chamado Prémio Europeu do Museu do Ano, após a aceitação enviámos o dossier que nos foi solicitado.

A seguir recebemos um júri italiano que veio avaliar o nosso museu, ou seja os três núcleos que integram o museu - aqui a antiga Estação Elevatória dos Barbadinhos, o Aqueduto das Águas Livres e a Mãe d'Água - isto em Novembro passado, e então viemos a ter um momento muito feliz (para a própria empresa e porque não para Portugal) quando nos comunicaram oficialmente, em princípios de Março, que ao Museu da Água tinha sido atribuído o Prémio Europeu do Museu do Ano, ou Prémio do Conselho da Europa dedicado ao Museu.»

- E agora, quando é que o prémio vai ser recebido?

«Já não falta tudo: é no dia 7 de Maio, em Estrasburgo, numa reunião da Assembleia Permanente do Conselho da Europa. Muito importante, até que é a primeira vez que um museu português vai receber este galardão.»

- E o que é que isso representa, particularmente, para o Museu da Água?

«Provavelmente, vamos ter a partir de agora mais preocupações

com os nossos visitantes, mas não temos dúvidas de que essas preocupações irão ser cumpridas.»

- Vão também ter, a partir de agora, responsabilidades acrescidas?

«Primeiro, iremos continuar a fazer o que temos feito, sempre na base das iniciativas que temos aqui promovido.»

- Quer dizer que o prémio, para além de recompensa, pode constituir um estímulo para o futuro? Ou talvez mesmo como que um motor de arranque para outras iniciativas?

«Creio que as duas coisas, ou seja recompensa pelo que já foi feito e estímulo para o futuro, isto para todos as pessoas que trabalham aqui na empresa.

Quanto ao papel de motor já não o vejo, porque temos feito o máximo possível nestes últimos anos.»

- O Museu sente-se vaidoso por ter conquistado este prémio?

«Melhor, acho que temos é razão para nos sentirmos muito orgulhosos.»

R.B.

POLÍTICA

«Cordão humano» contra campo de tiro

Unir o concelho de Alcochete ao do Montijo através de um «cordão humano» será a próxima iniciativa de protesto contra o alargamento do campo de tiro - anunciaram esta manhã em Lisboa os presidentes dos quatro municípios mais afectados.

A acção, complementada com actividades desportivas e culturais e intervenções cívicas, realiza-se no próximo dia 22. De acordo com os autarcas dos concelhos de Alcochete, Montijo, Palmela e Benavente, trata-se não apenas de sensibilizar a opinião pública para os efeitos nefastos do alargamento daquela instalação militar, mas também de «dar força às pessoas que, no seio do Governo, sabem que temos razão».

Entretanto, será hoje mesmo divulgada uma carta aberta, a transformar posteriormente em abaixo-assinado, apelando aos órgãos de soberania a uma operação. Os promotores da iniciativa, segundo António Pedro, do Conselho para a Paz, propõem-se chamar a atenção para as incidências económicas, ecológicas, jurídicas e militares do alargamento, susceptível de afectar nada menos de 32 concelhos e quase três milhões de pessoas.

Macedo «reexaminado» no PSD

O reexame do processo instaurado pelo Conselho de Jurisdição Nacional do PSD a Carlos Macedo vai ser solicitado por Pais de Sousa, eleito membro do órgão no congresso do passado fim-de-semana - anunciou esta manhã a agência Lusa.

Artur Portela com Mário Soares

O presidente do Conselho de Comunicação Social, CCS, Artur Portela, deslocou-se ontem à Presidência da República com o intuito de esclarecer o alegado conflito entre aquele órgão e a RTP. No final da audiência com Mário Soares, Portela disse que «se se demonstrar que a RTP, enquanto serviço público, não cumpriu os deveres constitucionais e legais», o CCS deverá pronunciar-se.

Miguel Cadilhe não apresentou o seu livro

Miguel Cadilhe, o ex-ministro das Finanças, esteve ontem ausente na apresentação do livro, «Factos e Enredos», no qual descreve os quatro anos da sua passagem pelo Governo. Afinal, foi o director comercial das Edições Asa que acabou por explicar como é que este livro foi preparado, impresso e publicado, em tempo recorde (cerca de duas semanas).

Ministro bate com a porta

João Maria Oliveira Martins solicitou a sua demissão no domingo passado, em carta enviada para a residência oficial do primeiro-ministro Cavaco Silva. Tratou-se de «um texto muito longo», segundo fontes próximas de Oliveira Martins. Cavaco Silva aceitou ontem o pedido de demissão.

A porta-voz de Oliveira Martins, Luísa Castelo Branco, recusou-se a adiantar ao DL mais do que a sua primeira declaração sobre as causas deste abandono do Governo. «Foi por razões político-partidárias», limitou-se a sintetizar, desviando assim da prática governativa para o que sucedeu no último Congresso do PSD os motivos da decisão do ex-ministro, titular de uma das mais controvertidas pastas dos últimos Executivos.

Meios próximos de Oliveira Martins recusaram, entretanto, que a gota que fez transbordar o vaso da paciência do ex-governante fosse a despromoção de sua mulher, Maria Amélia Oliveira Martins, dentro das estruturas do PSD, tendo passado da Comissão Política para o inelegível 44º lugar na lista para o Conselho Nacional.

«A obra feita desde Novembro de 1985 não admite essas especulações», declararam ao DL. O facto de Oliveira Martins não ter merecido um só elogio durante a reunião magna do PSD foi também determinante na decisão do ex-ministro.

Falcão e Cunha: a causa

A designação polémica de Falcão e Cunha para o cargo de secretário-geral do PSD teria sido sentida por Oliveira Martins como uma conduta ofensiva, dado que, durante o segundo andamento da penúltima «mexida» governamental, o novo dirigente escolhido por Cavaco Silva tinha saído pela mesma porta

por que saíram todos os secretários de Estado do ministro cessante. Ora Falcão e Cunha era secretário de Estado das Vias de Comunicação e acabou por ser arrastado na onda remodeladora.

O Congresso social-democrata que terminou há dois dias não lhe poupou referências elogiosas, no capítulo da acção governativa. Mesmo quando Ângelo Correia criticou a escolha do novo secretário-geral do partido, salvaguardou a sua actuação durante o tempo em que integrou o Executivo.

Recorde-se, a propósito, que Oliveira Martins foi o único governante que dispensou todos os seus secretários de Estado na segunda fase da remodelação principiada em 2 de Janeiro do ano corrente.

Já no caso de Elias da Costa, outro secretário de Estado que Oliveira Martins tinha dispensado do pelouro da Construção e Habitação, tinha sucedido um caso semelhante: transitou para um cargo governativo muito mais importante, o de secretário de Estado das Finanças, integrado na equipa de Miguel Beza, constando que será o principal organizador dos processos de privatização.

Ter sido exonerado por Oliveira Martins passou a constituir uma credencial séria para voos mais altos. E o ex-ministro não gostou.

A delicadeza de certos processos como os da construção de novas vias, reestruturação do sector dos Transportes e adopção do «livro verde» da CEE às telecomunicações portuguesas está, portanto, ausente das causas próximas da demissão de Oliveira Martins, que ainda há pouco tempo tinha demitido em bloco o Conselho de Administração dos CTT, presidido por Viana Baptista.

Tratou-se apenas de «razões de natureza político-partidária», repita-se, estando fora de causa qualquer *dossier*

O invejável currículo de Oliveira Martins

Poucos ministros dos Governos de Cavaco Silva se poderão orgulhar de um currículo como o de João Maria Oliveira Martins: formado em engenharia civil pela Universidade do Porto - de que foi o melhor aluno do seu curso - com 22 anos (nasceu em Esposende em 1936), aos 30 era membro do Conselho de Administração dos CTT/TLP.

O 25 de Abril quase o apanhava como secretário dos Transportes, cargo que abandonara três meses antes, após

quatro anos de exercício. Voltaria à gestão privada na área dos transportes, a sua grande especialidade, ao mesmo tempo que iniciava os primeiros passos nas comunicações.

Saiu do País com a revolução, para se afirmar como consultor «internacional de empresas de transporte». Regressou a Portugal com a AD no poder (1980) para continuar a sua carreira de consultor económico de grandes empresas. Um ano depois foi nomeado presidente



Oliveira Martins: obviamente ultrapassado

mais escaldante ligado ao Ministério.

Um comunicado do Partido Socialista classificou a demissão de Oliveira Martins como «mais um capítulo da tragicomédia protagonizada pelo Governo», ao mesmo tempo que chamava a atenção para «uma concepção das relações partido-Estado que já nem mesmo nos países de Leste tem adeptos».

Os socialistas pensam que esta demissão - mesmo em cima do encerramento do Congresso do PSD - desmistifica a imagem de unidade e coesão que o partido da Maioria quis dar aos portugueses.

No mesmo sentido foi a primeira reacção do PCP, segundo o qual a atitude do ex-ministro não passou de um golpe na operação de maquilhagem encenada no Congresso do PSD, evidenciando «que o Governo está atingido por um claro processo de contínua desagregação».

Nas entrelinhas, a Oposição alude sempre a um processo de remodelação que nunca mais acabou, desde o último mês de Janeiro. «Um primeiro-ministro que, no curto espaço de meses, se confronta com a demissão de sete ministros é um primeiro-ministro sem credibilidade», acusam os socialistas.

Redacção DL/Lusa

A MARGEM

A demissão de Oliveira Martins só surpreende porque se julgava (erro nosso) que os ministros de Cavaco Silva eram atentos, veneradores e obrigados ao seu chefe. Mas os tempos são de mudança. E se, no fim de semana, os ouvidos do líder do PSD foram sobrecarregados com críticas como já não se ouviam no partido desde que o mesmo Cavaco Silva chegou um dia à Figueira da Foz e disse que, a partir dali, quem mandava era ele, agora é um ministro que decide não poder assistir impávido e sereno a uma desautorização provocada pelo chefe.

Falcão e Cunha foi dispensado por Oliveira Martins, tal como Elias da Costa, aliás. Este último foi repescado por Miguel Beza perante o silêncio de Oliveira Martins. Cavaco chamou agora, para secretário-geral do partido, o outro secretário de Estado que Martins demitira. Para desconsideração chegava. Salazar demitia os seus ministros por simples mensagem em cartão de visita. Cavaco tem, pelos vistos, outros requintes. Mas há quem não aprecie.

José Leite Pereira

A corrida para Belém CDS «empurra» Lucas Pires

«O CDS não apoia ainda formalmente Lucas Pires, porque ele ainda não declarou que se candidatava, mas caso isso aconteça terá seguramente o apoio do partido», declarou ontem Basílio Horta, secretário-geral e vice-presidente daquele partido, à saída de uma reunião da Comissão Directiva dos centristas.

Uma candidatura de Lucas Pires nas próximas eleições presidenciais «servirá não apenas o espaço político em que ele se insere, mas o próprio País», afirmou ainda Basílio Horta, que disse que a reunião da Comissão Directiva tinha visto «com regozijo» a disponibilidade do deputado europeu a entrar na corrida a Belém, noticiada em primeira mão pelo DL. Em declarações que publicámos na nossa edição de 29 de Março, Lucas Pires afirmava que só se candidataria se fosse empurrado. Este foi o primeiro empurrão.

«Nesta matéria, o PSD perde por falta de comparência», criticou Basílio Horta, que ao referir o congresso social-democrata do último fim de

semana considerou: «Cavaco Silva está a aprofundar uma crise que não é de agora».

Manuel Monteiro com Freitas

Também ontem, mas antes da reunião da Comissão Directiva, Manuel Monteiro e Luís Nobre Guedes tiveram uma conversa com Freitas do Amaral, para dizerem ao líder centrista que «tinha terminado» a polémica gerada no último Congresso e manifestarem a opinião favorável a um apoio mais entusiástico do CDS perante a eventualidade de uma candidatura de Lucas Pires à Chefia do Estado.

Manuel Monteiro disse que a sua «sensibilidade» está a preparar um documento de «reflexão interna» versando a organização do CDS.

Declarou-se disponível para colaborar na elaboração do programa eleitoral centrista para as próximas eleições legislativas e aventou a hipótese de, no caso de não ser chamado a dar uma ajuda nesse terreno, apresentar com os seus apoiantes uma «proposta autónoma».

Acusa Carlos Candal Autarcas do PS de Aveiro querem dominar distrital

Os socialistas que dirigem a Federação Distrital do PS de Aveiro estão divididos à volta de Jorge Sampaio, que poderá ter de intervir para sanar o problema criado por diversos autarcas naquela estrutura regional. O dirigente socialista Carlos Candal, que pertence àquela estrutura, alertou já o secretário-geral Jorge Sampaio para «uma possível tentativa de tomada do poder» na Federação.

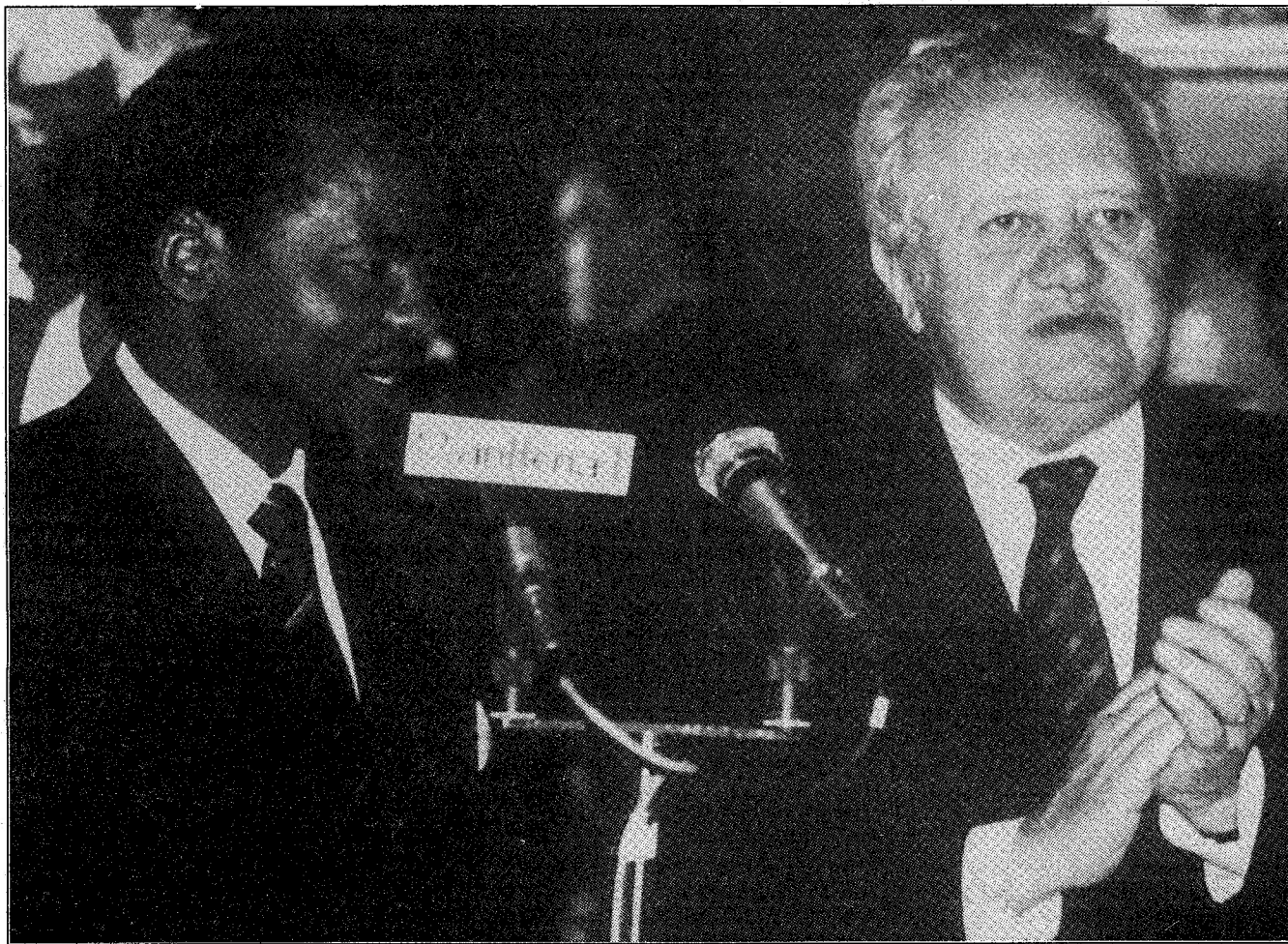
Carlos Candal solicitou a Jorge Sampaio para intervir para «pôr termo ao desvario de um grupo radical e faccionista». De acordo com aquele deputado, que se

afirma à margem de qualquer grupo local, o secretário-geral do PS deverá actuar «urgente e drasticamente no interesse da sua legítima liderança e do próprio partido», para que esses elementos não estejam a «antecipar fúteis guerras locais».

Foi constituído no seio da estrutura regional aveirense o PS um movimento participado de autarcas que reivindica a necessidade de «imprimir uma melhor dinâmica dentro do partido».

Um dos elementos visados pela posição de Carlos Candal afirmou não «haver sedução pelos cargos políticos».

POLÍTICA



Soares aplaude Chissano

Referências afectivas dominaram primeiro dia da visita de Chissano

O primeiro dia da visita oficial do Presidente Joaquim Chissano a Portugal, foi marcado pela expressão mútua da amizade e solidariedade entre os povos de Portugal e de Moçambique e o desejo de que a paz se torne uma realidade em África. Foi essa a linha do discurso de Mário Soares no banquete que ontem à noite ofereceu ao Presidente moçambicano. Assim se exprimiu também o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio na sessão solene em honra de Joaquim Chissano. No mesmo tom retribuiu o líder da República Popular de Moçambique.

Grandes factos políticos não são esperados no decorrer desta visita, a não ser a abordagem de questões ligadas com o processo de paz em Moçambique e com o reforço da cooperação entre os dois países.

No seu discurso de ontem à noite, no Palácio da Ajuda, Mário Soares referiu «o afecto fraterno» que liga os povos dos dois países e salientou que a visita de um Presidente de um país de língua oficial portuguesa reveste-se para os portugueses de um significado muito especial.

O Presidente da República saudou em Joaquim Chissano «o combatente intrépido pela libertação do seu Povo, e o estadista cujo percurso político se identifica com a própria história de Moçambique independente».

Lembrou o tempo em que foi primeiro ministro do Governo de transição, «um momento particularmente difícil do período de descolonização», em que

Chissano «soube impor-se como figura consensual e como um político dialogante».

Recordou Samora Machel e «o abraço fraterno» que tivera oportunidade de lhe dar em Lusaka, em Setembro de 1974, «e que ficou a simbolizar o reencontro de dois povos, que uma política de cega obstinação, teimou, durante anos, em separar».

O Presidente português fez alusões «aos ventos de liberdade que hoje sopram em todo o mundo, e que já varreram tantos regimes totalitários na Europa, na América Latina e na África». Disse que a África não ficará, por certo, imune ao contágio dessa «subversão democrática», para usar esta expressão em voga, referindo Joaquim Chissano como um dos líderes clarividentes que vão dando sinais nesse sentido.

O Presidente português reiterou em nome de Portugal, o interesse que continuaremos a dedicar à cooperação com os países africanos de língua portuguesa, «desfazendo assim os receios dos que temem que a consolidação das novas democracias no Leste europeu venha a provocar, da parte dos membros da Comunidade Europeia, um desinteresse pela ajuda ao desenvolvimento das zonas mais desprotegidas do Terceiro Mundo».

Foi no mesmo tom o discurso de Joaquim Chissano, que se referiu também ao processo de revisão constitucional em curso em Moçambique e aproveitou para anunciar que o Governo do seu país decidira encetar negociações directas com a Renamo com vista a uma

solução de paz.

A cerimónia na Câmara Municipal de Lisboa foi igualmente marcada pela referência à fraternidade e à amizade, com Jorge Sampaio a lembrar que «se a condição humana apela à fraternidade, as circunstâncias históricas impõem-nos um presente e um futuro de fraternidade» de que, salientou, o Presidente moçambicano tem sido portavoaz especialmente credenciado e pessoalmente empenhado.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa lembrou o recente congresso da UCCLA, no Maputo, a que presidira e, dirigindo o seu discurso para as questões autárquicas, sublinhou que Lisboa, ao receber Joaquim Chissano, estava a viver um momento de profundo significado, na medida em que esta visita corresponder ao aprofundar das relações de cooperação entre os dois países e as duas capitais.

«Ao confiar-lhe as chaves da cidade, a Câmara Municipal a que presido tem plena consciência de que nem sequer simbolicamente Vossa Excelência tem necessidade de as utilizar», disse Jorge Sampaio ao Presidente moçambicano, afirmando que Lisboa «é uma cidade de braços abertos para o receber».

Joaquim Chissano respondeu num improviso em que disse não poder deixar de ficar emocionado «quando a completar o que podemos ver com os sentimentos dos portugueses, ao olharmos as suas caras, ouvimos palavras de amizade e de solidariedade pronunciadas por um amigo

de longa data» como é Jorge Sampaio.

«Vivemos no nosso país momentos difíceis. Às vezes parece que estamos sós e seríamos levados a pensar que onde tínhamos menos amigos era aqui. Mas ao chegarmos a Portugal sentimo-nos em casa e sentimos que os portugueses querem que no sintamos em casa.»

Chissano lembrou o empenho do povo moçambicano para que haja mais justiça e mais harmonia entre os povos, salientando que «há mais fortes razões entre os povos de língua portuguesa porque nos podemos entender».

O programa do primeiro dia da visita do Presidente Chissano, além da sessão solene na Câmara Municipal de Lisboa e do jantar oferecido pelo Presidente Mário Soares, foi preenchido com uma visita aos Jerónimos, onde depositou um coroa de flores no túmulo de Camões, e com um encontro com os chefes das missões diplomáticas dos países africanos.

Esta manhã, Joaquim Chissano teve um encontro na Palácio de Queluz com o primeiro ministro, Cavaco Silva, que lhe ofereceu um almoço no Palácio de Sintra. Antes, o Presidente da República Popular de Moçambique recebeu em audiência o corpo diplomático acreditado em Lisboa.

À tarde, Chissano visita a Assembleia da República, seguindo-se um encontro com os representantes dos partidos políticos, no Palácio de Queluz, onde oferece também um banquete em honra do Presidente português.

Augusto Vilela

B R E V E S

Frederik De Klerk visita - nos em Maio

Frederik De Klerk visita Portugal entre 13 e 15 de Maio. A vinda do presidente sul-africano a Lisboa encerra a primeira fase, com início a 9 de Maio em Atenas e Paris, de uma deslocação a países da Europa ocidental, combinada com a Comunidade Europeia. Segundo o diário espanhol «ABC», De Klerk pretende obter o apoio da Europa Ocidental para o processo de reformas iniciado na África do Sul. A CEE aceitou esta viagem do Presidente sul-africano a alguns dos seus países membros, depois de Pretória ter posto em liberdade Nelson Mandela.

Deus Pinheiro comenta processo de paz angolano

«Existem agora boas perspectivas para se alcançar a paz em Angola», disse o ministro português dos Negócios Estrangeiros, em Dublin, onde participa na conferência ministerial entre a Comunidade Europeia e os países da América Central. Comentando o teor do comunicado ontem divulgado em Lisboa pela UNITA, Deus Pinheiro, disse que Portugal está pronto a acolher as conversações de paz entre os angolanos, se estes assim o desejarem. O ministro manifestou-se satisfeito pela concordância que disse existir entre o teor daquele comunicado e plano em nove pontos para as negociações de paz, apresentado pelo Governo de Luanda. O responsável máximo pela diplomacia portuguesa defendeu no encontro ministerial de Dublin, que a Europa se mantenha «solidária e cooperante» com as regiões do mundo que enfrentam os desafios do desenvolvimento.

Portugal (já) não é país de emigrantes

O secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Correia de Jesus, disse que actualmente Portugal «é mais um país de regresso do que de emigração». Para aquele governante, que ontem visitou a fronteira de Vilar Formoso, trata-se de uma questão nova que é preocupante pois implica a «necessária criação de condições sociais, económicas e culturais». Neste sentido, sublinhou que os portugueses devem saber as condições que se verificam no seu país, para não «virem colocar-se em condições dramáticas».



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$30	53\$30
ALEMANHA FED. (marco)	87\$30	88\$50
AÚSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	4\$034	4\$284
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127\$30	129\$80
(notas de 5 a 1000)	127\$80	130\$30
DINAMARCA (coroa)	22\$85	23\$25
ESPANHA (peseta)	1\$342	1\$462
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$85	151\$35
(notas de 5 a 1000)	148\$35	151\$85
FINLÂNDIA (marka)	36\$95	37\$55
FRANÇA (franco)	26\$90	26\$70
HOLANDA (florim)	77\$55	78\$65
IRLÂNDIA (libra)	23\$50	23\$50
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$899	\$954
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	243\$30	247\$80
SUÉCIA (coroa)	24\$10	24\$60
SUÍÇA (franco)	98\$75	100\$25
VENEZUELA (bolívar)	2\$619	3\$419

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

FORUM

Diário
de LisboaFundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana AndringaExerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui CamachoRedactor-principal
João Paulo de OliveiraCoordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico
Vasconcelos, João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Guilomar Lima, Neves
de Sousa e Vítor LeitãoRepórter-coordenador:
Adelino CardosoRedactor-paginador
António Ribeiro FerreiraRedacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves
Henriques, Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares, Duarte
Calvão, Elsa Andrade, Emília
Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria, Maria
Antónia Martinho, Maria João
Martins, Maria João Rocha, Maria
José Belo Marques, Marina Tadeu,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui PachecoColaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraiso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.Cartoonistas: António Alfredo
e José BandeiraGrafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís TenreiroPaginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo
e Ricardo MagalhãesSecretária de Direcção
Maria Eduarda SoutelloSecretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena MatosChefe de Publicidade
Luísa ValadasGestor de Informática
Luís CanteiroRedacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Depósito legal nº 1426/82. Preço do
jornal: no Continente, 60\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.PORTE
PAGOO MITO
DOS ALIMENTOS
DA «INTELIGÊNCIA»

Ninguém desconhece que, ao longo da História, os alimentos foram também apreciados ou detestados em função de atributos e propriedades que lhes foram imputados e, vamos lá, sem grande base de rigor. Até ao século passado, enquanto permaneceram desconhecidas as vitaminas, deu-se pouquíssima importância às hortaliças no que elas têm de valor nutritivo. Foi a nossa época de industrialização maciça que nos pôs a comer a carcaça, o pão menos nutritivo que se pode imaginar. Dizia-se que o leite não era bebida para homens e muitas outras ideias falsas sobre alimentação e nutrição só vêm enfatizar que pagamos custos invisíveis muito elevados por desconhecermos exactamente se o pão engorda ou se a água engarrafada é melhor que a água da torneira.

Vem esta observação a propósito do mito dos alimentos que nos fazem inteligentes, ou seja, há ainda quem pense que o cérebro se pode alimentar à margem do corpo, que há alimentos que «abrem o espírito» ou que estimulam as faculdades intelectuais. Daí as histórias fabulosas que se contam acerca de virtudes recônditas das proteínas e dos alimentos mais ricos em proteínas (para já não falar dos alimentos que além de serem ricos em proteínas são ricos em vitaminas e sais minerais)...

Como observa um conhecido nutricionista, o dr. Emílio Peres: «Todos os nutrientes são indispensáveis por igual, embora oijamos frequentemente encarecer a importância de alguns deles; por exemplo, bombardeiam-nos com propaganda a favor de vitaminas e proteínas, a ponto de muita gente pensar que vitaminas são tónicos (e quantas mais melhor) e que proteínas, só por si, são factor de pujança física e de bem-estar. Nada mais errado. Vitaminas são imprescindíveis mas só actuam quando incluídas num esquema alimentar correcto; não se mata a fome com vitaminas nem nos fortalecemos com elas. Quanto às proteínas, com efeito elas fornecem constituintes imprescindíveis (aminoácidos) para construção e reparação de órgãos e demais estruturas nobres do corpo - é o seu grande papel; no entanto, elas não desempenham essa função quando são ingeridas ou sozinhas ou acompanhadas por quantidades deficientes de hidratos de carbono: bife com alface é puro desperdício. Quando escasseiam hidratos de carbono na ração, o organismo utiliza as suas próprias proteínas de constituição ou as que recebe dos alimentos como fonte de energia, papel que compete a alimentos muito mais baratos (hidratos de carbono e gorduras.»

Foi, pois, sem surpresa que li numa revista destinada a consumidores esta descarada apologia da comida inteligente, aquela que fornece às células do cérebro os nutrientes de base e em que a inteligência, a faculdade de adquirir conhecimentos e a memória vão da formação no cérebro de novas proteínas.

O autor refere que há experiências que parecem demonstrar que se pode aumentar o quociente intelectual administrando ácidos aminados seleccionados que existem nos alimentos de toda a gente: o ovo, a carne e o peixe.

Com base em quê é que se desenvolve esta fábula das proteínas da inteligência? As proteínas, faz parte do ABC da Nutrição, são essenciais para formar

novos tecidos ou para repor os desgastes quotidianos. Um mínimo de proteínas na alimentação é essencial para a vida: 118 gramas de proteínas diárias. O que no fundo é importante, mas que não tem nada a ver com a inteligência, é a qualidade das proteínas: existem as que têm elevado valor biológico (proteínas animais) e as de pouco valor biológico (em geral, as proteínas vegetais). Ora o valor biológico das proteínas depende do seu conteúdo em aminoácidos. A albumina da clara do ovo contém numa proporção adequada, os 8 aminoácidos fundamentais, por exemplo.

Voltemos aos argumentos do dr. Emílio Peres: «Em algumas proteínas o excesso ou falta de certos ácidos aminados essenciais é tão grande que a proteína pode considerar-se incompleta.

Proteínas completas e equilibradas são as de ovos, leite (e lacticínios, excepto manteiga) e fígados, portanto, as de maior valor biológico. Proteínas completas mas desequilibradas são as de cereais (excepto milho), carnes musculares, peixes e outro animais do mar, soja e hortaliça (folhas).

Pode pensar-se que o ideal seja comer só fontes alimentares de proteínas completas e equilibradas; nada mais errado. As proteínas não estão isoladas nos alimentos mas sim acompanhadas de outros princípios nutritivos, os quais, a virem sempre das mesmas fontes, provocariam grandes desequilíbrios, excessos e carências, no que respeita a gorduras, hidratos de carbono, vitaminas, sais minerais e fibra...»

Claro está que alguns negócios alimentares se montam com bases em cápsulas vitamínicas e associações de nutrientes que são publicitadas como miraculosas, ou quase. Não basta dizer (e muito menos aliciar para comprar!) que a vitamina C e o cálcio estimulam o funcionamento da célula nervosa e exercem uma acção antifadiga, anti-stress e de resistência ao esforço. O que seria plausível que se comunicasse era que uma alimentação diversificada permitirá uma boa associação de todos os ácidos aminados e que facilita a recuperação das funções cerebrais.

Ninguém pode viver sem os alimentos que fazem parte da Roda dos Alimentos. Uma coisa é apelar-se à redução de gorduras, outra coisa é ter-se um discurso desvaído e pedir-se para não se comer gorduras. Ora cá está: há ácidos gordos essenciais para o desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso, e alguns deles (ácido linoleico, ácido linolénico e ácido araquidónico) cumprem funções insubstituíveis.

Enfim, já vai longe o tempo em que se recomendava a vitamina C para evitar a gripe ou comer queijo para melhorar a memória. Os alimentos da «inteligência» são todos os que compõem a alimentação equilibrada e mesmo nos regimes de redução de peso não pode faltar a alimentação que se fundamenta na variedade. Por isso quando lhe acenarem com promessas de alimentos especiais para a inteligência, responda com firmeza: a única

inteligência alimentar é comer equilibradamente (que nenhuma substância nutritiva falte ao organismo ou seja fornecida em excesso), é comer sadamente (respeitar os horários, comer devagar, cozinhar de maneira simples, etc.), usar da mais escrupulosa higiene alimentar, cortar no sal e usar de uma grande moderação nas gorduras. Sai mais barata e é naturalmente mais saudável...



Beja Santos

GERAIS
EM
CONCLAVE

Estamos numa sociedade livre e de livre expressão; mas parece haver quem tenha saudade do tempo em que só uma verdade podia sobrenadar e todas as outras eram afogadas à nascença pela Polícia e pela censura.

Vejo a notícia de uma reunião em conclave de generais, daqueles generais-políticos, que exerceram cargos políticos e que felizmente, foram vencidos na guerra. A profissão de militar é a arte de fazer a guerra; nessa, os senhores generais agora em conclave na Universidade Lusitana foram vencidos; mas esses mesmos generais foram políticos, uns foram ministros, outros foram governadores-gerais, secretários de Estado e não sei que mais e, nesses cargos, eles sempre impuseram a sua verdade e só a sua verdade.

Nunca deixaram que os cidadãos se exprimissem livremente, tão livremente como os mesmos senhores ministros e ou senhores governadores-gerais mandavam para a cadeia, expulsavam do território nacional, nem davam ao menos o direito de se defenderem em julgamento livre, e de se expressarem, sem que intervisse a censura.

Nunca nenhum desses senhores generais conclavistas de agora levantou a sua espada em defesa dos direitos mais elementares do cidadão. Eles pertenciam a uma casta, a casta dos eleitos. Ao comum das gentes, competia apenas obedecer, ou ir para a cadeia ou para o exílio. Era um país de clandestinos.

Contra esse silêncio imposto e que é o atentado mais grave contra a cidadania, nunca os senhores generais levantaram a sua espada. É que esta não estava ao serviço da defesa dos direitos do homem, não defendia a verdadeira cidadania dos portugueses; estava ao serviço da vontade do ditador. Os generais eram simplesmente paus-mandados do ditador. E são esses militares que nunca defenderam os direitos do cidadão português, antes os amarfanharam, que enaltecem os venturosos dias em que eles dedicadamente serviam a tirania e o tirano contra o comum das gentes, o cidadão. Defendem e glorificam os tempos do Estado Novo, tão velho como a tirania dos sátrapas da mais alta Antiguidade.

Têm saudades do tempo em que «o Estado Novo funcionava com acentuado autoritarismo», dizem-nos. E acrescentam que «esse autoritarismo era limitado e condicionado, constitucional e efectivamente pelo direito e pela moral cristã».

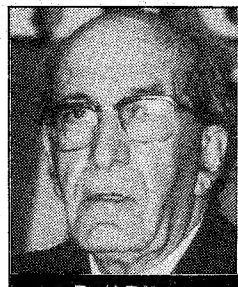
Pelo direito de quem? Do mandante que abafa ou da vítima que é abafada, sem ao menos poder reclamar? Pela moral cristã, de qual cristianismo? Do chefe que se benze e manda matar o general seu adversário; ou do bispo do Porto que vai entrar na sua diocese e é posto lá fora?

É claro que, bons servidores e paus-mandados que foram, têm saudades do tempo em que tudo se regia por ditames «harmónicos com a formação jurídica e católica de Salazar».

Mas não serão o direito e o catolicismo, simplesmente direito e catolicismo? Ou será preciso invocar o nome estrangulador desse mesmo direito e negador do universalismo católico? Por que não falam os senhores generais do Direito de Afonso Costa à cidadania, já que também ele era professor; e não falam do catolicismo do bispo do Porto ou do padre Alves Correia já que também eles eram católicos?

O conclave de generais Kaulza de Arriaga e Silvino Silvério Marques, coronel Gomes Beça, almirante Ferreira de Almeida, brigadeiro João Quintela será simplesmente um encontro de saudosistas, do tempo em que o País era só de uma parte dos cidadãos? Esperemos bem que sim.

Ao menos, eles podem reunir em liberdade, sem riscos de irem parar ao Aljube ou de serem abatidos a uma esquina, como o Delgado.



Raul Régio

FORUM

UM MITO QUE ESTÁ
A DESAPARECER

Conheci o meu amigo Michel Froissard há muitos, muitos anos, em casa do José Bacelar, e surgiu entre nós uma amizade que resistiu ao tempo, à morte do grande democrata e às vicissitudes da vida.

Sempre que o Michel vinha a Lisboa no decorrer da sua vida profissional, batia-me imediatamente à porta, e mal eu chego a Paris apresso-me a telefonar-lhe para reatarmos as nossas relações temporariamente interrompidas. No dia seguinte — quando não é no próprio dia — o casal Froissard já está em minha casa, ele de copo na mão, proferindo sentenças acerca de tudo o que vem à baila, e ela comentando uma festa qualquer dada por uma das suas inúmeras amigas.

Tudo isto vem a propósito de Vitry-sur-Seine, a pequena cidade metropolitana de Paris em que reside o casal Froissard e que eu frequento assiduamente por isso mesmo, sobretudo nos fins-de-semana, quando o centro de Paris parece adormecer e a cidade entregar-se, de mãos atadas, aos turistas estrangeiros.

Afirmar que Vitry é uma grande cidade é mentir, até porque já se confunde com Paris e é perfeitamente possível ir, num feriado, do Boulevard de San Michele a casa dos meus amigos em três desinteressantes e aborrecidos quartos de hora, durante os quais a paisagem nunca muda: casas e lojas que se sucedem monotonamente, sem uma pausa que dê descanso aos olhos.

Saindo, porém, da estrada principal, nota-se que há mais jardins, que abundam os cais à solta e que as pessoas tem o ar inconfundível de «habitantes de cidade-dormitório», já que se passeiam sem um objectivo determinado e se vestem segundo os preceitos que a burguesia parisiense copia, religiosamente, dos «gentlemen farmers» ingleses.

Um dia destes, passei, com minha mulher, um fim-de-semana em Vitry. Íamos a Saint-Menehould, onde queríamos comer, mais uma vez, os deliciosos «pieds de cochon» locais — um dos mais célebres petiscos da gastronomia dita regional da França — e resolvemos visitar o casal Froissard, partindo do princípio, um tanto ou quanto optimista, de que eles viviam no caminho de Saint-Menehould.

Não conseguimos como, aliás, era de esperar, fugir aos convites tradicionais dos fins-de-semana, e lá ficámos mais dois dias, até partirmos, novamente, rumo ao «pays d'Argonne».

Durante o dia, a conversa foi a do costume e girou, em grande parte, à volta dos países do Leste, tanto mais que eu voltara dias antes da Roménia, e que todos estavam interessados em saber como é que se vivia num país praticamente desconhecido dos presentes.

Ao anoitecer, porém, um professor da Sorbonne sugeriu que fôssemos dar uma volta e não tivemos outro remédio senão enfrentar a chuvinha miúda e o vento cortante que se faziam sentir, desde manhã, em Vitry.

Lá para as nove e meia, depois de muitas, muitas voltas, demos connosco em frente de um restaurante popular na área e, como a chuva aumentara de intensidade, resolvemos entrar, não sei se em busca de mais uns copos reconfortantes, se em busca do anunciado jantar. O que sei é que a casa estava cheia de gente, que o ambiente era alegre e que a temperatura era convidativa. Por tudo isto, resolvemos procurar uma mesa e abanar, até porque um dos presentes jurava, a pés juntos, comer-se involuntariamente bem naquele restaurante.

Ou porque a conversa fosse animada, ou porque alguns dos amigos do Michel conhecessem dois ou três adolescentes presentes, passada uma hora de estarmos sentados à mesa, tínhamos à nossa volta um grupo de jovens que participava na conversa como se nos conhecêssemos há anos. Todos eles eram,

repito, muito novos — o mais velho tinha 22 anos de idade — e todos eles eram do mesmo estrato social; tinham, pelo menos aparentemente, o mesmo grau de cultura.

Comecei a conversar com um deles e, tentando explicar-lhe onde é que ficava uma loja qualquer em relação à Ópera, fiquei surpreendido quando ele me confessou, com toda a naturalidade, nunca ter ido ao centro de Paris, nem tencionar fazê-lo, a menos que lhe fosse necessário.

O meu espanto atraiu a atenção de um dos presentes e a conversa generalizou-se, levando os restantes adolescentes a fazer a mesma confissão: quatro dos sete jovens que estavam connosco nunca tinham ido a Paris, apesar de viverem a trinta quilómetros dessa cidade, e os restantes três, apenas tinham visitado a capital uma vez, como se fossem turistas, vindos de um planeta distante.

Inútil será dizer que apresentavam várias explicações para a sua recusa, todas elas baseadas no facto de não lhes ser necessário ir a Paris, já que tinham à mão, sem se deslocarem, tudo o que lhes era necessário: piscinas, *courts* de ténis, ginásios, livrarias, exposições, *dancings* e o mais que lhes apetecesse.

Disse-me o professor da Sorbonne que Vitry não deveria ser muito diferente das outras terras dos arrabaldes e que, na sua grande maioria, os habitantes dos arredores de Paris nunca tinham ido, senão acidentalmente, à capital francesa.

Confesso-me chocado por esta revelação. Nunca supusera que gente residente a trinta quilómetros de Paris nunca se tivesse deslocado à cidade, a não ser por motivos económicos — problema que nem sequer se punha em relação aos jovens de Vitry.

Ninguém mais, porém, se espantou, senão com a minha admiração — todos consideravam o facto normalíssimo.

Fui para Saint-Menehould a pensar neste facto, para mim espantoso, sem poder compreendê-lo, e ainda me é difícil, neste momento, perceber inteiramente a indiferença destes jovens para com uma cidade que encheu a minha mocidade de sonhos.

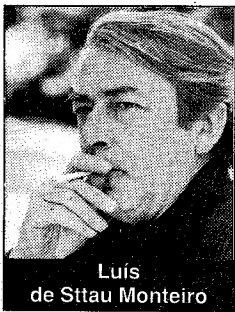
É que pertencem, efectivamente, a uma geração ainda muito marcada pela França, ainda deslumbrada pelo racionalismo francês, ainda ávida de se revelar europeia, lendo o que se publicava no «país da cultura» e pensando como se tivesse nascido em Paris.

Esta maneira de ser fazia parte integrante do mundo da minha mocidade e, até, da minha família. Recordo que o meu avô ia, todos os anos, passar uns meses em Paris; que os meus pais foram viver para essa cidade assim que os filhos casaram e puderam, por isso, recomençar a vida onde lhes apetecesse; que chorei, horas a fio, quando saí de Paris, com o embaixador Caldeira Queiroz e uma irmã do embaixador António Faria, no dia em que os alemães entraram na cidade, e que dancei à volta da sala quando, finalmente, os aliados a reentregaram aos seus legítimos proprietários.

Recordo, sobretudo, que sou, em certa medida, filho de Paris, já que me sinto em casa percorrendo as suas ruas, andando com a sua gente, comendo a sua comida e cheirando o seu ar.

Não conheço cidade em que me sinta melhor quando o frio aperta e o cheiro dos castanheiros invade a alma das pessoas até se apossar delas.

É, talvez, por tudo isto que me custa a compreender a indiferença destes jovens de Vitry, tal como me custa compreender a mesma indiferença em centenas de jovens com quem tenho contactado por essa Europa fora. Talvez o mundo esteja a mudar e a gente nova da Europa já se não sinta vinculada a Paris, talvez a proximidade tire o fascínio às cidades, talvez Paris esteja a perder o domínio cultural que exercia sobre o resto do mundo, talvez eu seja um dos últimos europeus a conservar o mito de Paris.



Luis de Sittau Monteiro

IDEOLOGIA,
POR MAIS
PEQUENA
QUE SEJAS...

A propósito da crise dos regimes de Leste ou das novas características dos movimentos estudantis (e até a propósito de grupos de jovens que se agitam apenas em discotecas ou pastelarias) fala-se sempre de fim da ideologia ou das ideologias. Geralmente quer-se aludir às crises ideológicas «históricas» que todos nós aprendemos a conhecer como tal, mas este uso linguístico parece-me profundamente «ideológico». Se por ideologia se entende (e cito Jaspers) «o conjunto de pensamentos e representações que se impõe como uma Verdade Absoluta ao sujeito pensante... produzindo um auto-engano, uma ocultação, uma fuga» ou então (e cito Engels) «um processo que o chamado pensador conclui conscientemente mas com falsa consciência», então creio que, quando falamos de fim das ideologias, estamos a cair numa armadilha ideológica.

A definição de ideologia tem feito correr rios de tinta, desde Destutt de Tracy a Mannheim. Cada um lhe dá uma definição diferente; e penso ter sido Napoleão quem dizia que a ideologia era a opinião dos próprios adversários. Também o discurso marxista-leninista contribuiu para que se lançasse muita confusão porque, por um lado, quando fala de «ideologia burguesa» pensa como Napoleão, mas quando refere a sua própria ideologia como arma intelectual que serve para a transformação da sociedade, pensa na ideologia como em algo de muito belo.

Cinjo-me a uma definição compreensiva e genérica e defino ideologia como uma visão do mundo, uma perspectiva sobre as coisas, que quando está consciente da própria parcialidade, e a declara, pode tornar-se num instrumento útil de acção política (ou de análise da realidade) e quando, pelo contrário, se ignora como tal, e não sabe que é parcial como todas as ideologias, se transforma exactamente em falsa consciência. Mas neste caso o discurso sobre a morte das ideologias é muito ideológico.

De facto, no Leste as ideologias não estão a morrer: estão, antes, a despontar ideologias diversas, e a hegemonia de uma é substituída pelo convívio ou pelo conflito entre muitas. Mas existe também uma ideologia do pluralismo ou do conflito perma-

nente. E mesmo sem dar por isso o rato de discoteca tem a sua ideologia, assim como a tem qualquer um que afirma não ser mais necessário ter confiança nos partidos. Existe uma ideologia da Liga para a Salvação de Veneza, do burguês que não suporta os negros no autocarro, uma ideologia ecológica, uma ideologia de quem quer encarcerar os drogados, uma ideologia de quem quer legalizar a droga, e assim por diante.

O problema, para uma boa filosofia e para uma sociedade civilmente organizada, é o de sabermos que as ideologias existem e de as reconhecermos onde se encontram. E é também sabermos que cada ideologia como que comporta as próprias liturgias, as próprias técnicas, as próprias tácticas. Se mudamos de ideologia mas se conservamos a liturgia respectiva (sem lhe reconhecermos a origem) sentimo-nos em maus lençóis. É actualmente o que acontece com o impasse em que se encontra o movimento estudantil, o qual escolhe como própria estratégia, táctica e liturgia o princípio da reunião em assembleias e recusa o princípio de delegações a essa assembleia (sem conseguir, pois, encontrar uma linha comum).

É natural: assembleia e recusa de delegação pressupõem uma ideologia leninista, onde depois um partido muito bem organizado, ponta de diamante com uma clara ideologia, consegue hegemonizar a assembleia. Tal aconteceu nas de 1968. As de 1977 entraram em crise porque a ideologia subjacente já não era a leninista, mas a «libidinal-transversal» (com os seus belos costal de assembleia e recusa), graças à qual a assembleia podia ser lugar de rotura e não de reconstrução. As Brigadas Vermelhas extraíram daqui o inevitável teorema e puseram-se a actuar fora de toda e qualquer assembleia.

Não sei qual seja a ideologia do actual movimento. A leninista não será certamente, nem haverá só uma, mas o facto de não haver uma só não significa que não existam muitas. Em qualquer caso, estas ideologias flutuantes e indefinidas (ou, por enquanto, indefiníveis) não podem ser canalizadas para a liturgia própria das assembleias, a qual pressupõe a única ideologia ausente — que, numa situação limite, poderá voltar a ser introduzida.

Exclusivo
«L'Espresso»/«DL»
Tradução
de Manuela
Ferreira de Almeida



Umberto Eco

CRÔNICA

SAGRAÇÃO DO INVERNO

Um carro azul metálico parou, ao vermelho do semáforo, diante de nós. Quando nos aprestávamos a atravessar a passarela, o condutor interceptou-nos:

- Franceses?
- Não, não somos franceses.
- Espanhóis, então?
- Portugueses.

E, num rápido discurso polido, a estória toda:

- Viemos aqui, ao Centro Pompidou, tomar parte num Exposição de Confecções. Somos italianos e estamos de regresso a Milão. Sobram-nos, porém, alguns dos produtos que trouxemos para venda. Vamos a caminho da fronteira e não nos interessa levar connosco o stock. Está o senhor a perceber?

- Sim, claro. Querem que eu vos compre um fato qualquer. Muito obrigado, não posso gastar dinheiro.

- Repare, caro senhor, a sua esposa gosta do casaco que o meu colega lhe está a mostrar.

A minha esposa era, na circunstância, a Edite, uma amiga, deveras intrigada e, em todo o caso, não disposta a arrumar, liminarmente, as hipóteses de negócio. Observei-a: avaliava a qualidade do blusão de camurça verde e do casaco forrado com uma pele macia e quente. Perguntei-lhe, em doce português risonho.

- Achas que vale a pena entrar na jogada? Isto é, decerto, a reedição do conto do vigário...

- Não tanto, acredita. O material é bastante bom.

- Tens a certeza disso?

- Tenho.

E o nosso vendedor italiano, num impecável francês parisiense:

- Os dois casacos por dois mil francos. E é uma sorte apanharem-nos com esta pressa.

Pico-o, sem piedade:

- Dois mil francos? Nem pense. Arranque que o feu vert amarelece...

Segue-se a defesa verbosa do *minério*: *dernier cri*, inigualável, uma espantosa suavidade no contacto com o corpo. No Pompidou, a nata da sociedade elegante rendeu-se...

- Pois sim. Por esse preço, escolho eu, com mostruário mais variado, numa *boutique* aqui da rua. Além disso, não estou no meu País. Trago as divisas contadas...

- Não faz mal. Nós fazemos uma gentileza. Fazemos ou não uma gentileza, Corrado?

Tudo excelentemente construído. Nem o deslize de um nome correntemente afrancesado... A Edite que sim, que tentássemos reduzir o montante;

o blusão serviria para o filho, o casaco ficaria-me a matar. Partido ao meio o custo global, até nem seria desmesuradamente caro...

E o salafário do volante:

- Bom, nós somos assim. Acabamos sempre por perder. Gostaríamos, já agora, de levar uns

champanhes de presente à família. Champanhes razoáveis, é bem de ver. Enfim: mil e quinhentos.

Regougo-lhe uma risada faceta e, a encurtar caminho para o fim da farsa, pondo-me em movimento:

- Nem por quinhentos francos lhe adquiriria o contrabando.
- Não exageres, diz a Edite.
- Estes gajos não passam de uns gatunotes de aspecto polido.
- Pois. O melhor é, de facto, irmos embora.

Gralharam entre si umas tretas inaudíveis. Devolve-me o outro, o do lugar do morto, num vozeirão rouco:

- Olhe, não discutimos: mil. E é porque estamos atrasados.

- Levaremos menos champanhe, lastima-se o compincha.

La mort dans l'âme, o raio da ocasião era de não perder, os casacos esplendiam (dobrados) no braço da Edite:

- Quinhentos.
- Não, quinhentos é uma ofensa. Não somos ladrões nem chulos. Mil.
- Quinhentos. É o máximo de todos os máximos!

Onde fora eu buscar tal arreganho de prestamista? Excedera-me. Bem feito, lá se ia o acaso feliz que os deuses propícios nos puseram no caminho.

O berbere que convencera a minha companheira preparava-se para me destruir os argumentos.

Inicia um discurso flatulento em torno das excelências do pêlo castanho, da invulgar beleza dos modelos, quando, seguro da irreduzibilidade dos dois descendentes de Fernando Mendes Pinto, o camarada estende um pulso onde fulgia um relógio da Gucci e remata:

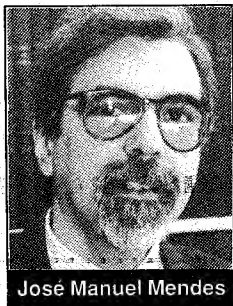
- Proponha um valor intermédio e não se arrependerá.

Ah, cão! Cedez, decerto até ao fim. Fiz mal em não ter avançado com trezentos ou quatrocentos francos. Um certo mal-estar me sacudia, ciente de que os embrulhos haviam sido roubados, ao retorquir, desejoso de pôr tudo em pratos limpos:

- Desculpe. Nem um tostão acima dos quinhentos. E nem sequer nos apetece demasiado arrecadar a fruta...

- O caro senhor é duro. Injusto. Direi mesmo: injustíssimo! Pronto, quinhentos. Que havemos de fazer? É tarde, tardíssimo. E precisamos de comprar o champanhe, Corrado.

Lá descemos, divertidos, levemente incrédulos, a Avenue d'Yéna. No átrio do hotel festejou-se o evento. Houve que experimentar cada um dos espécimes, brejeirar com bonomia, indagar os astros pela benesse. Alguém sugeriu que um grupo destemido excursionasse, nos arredores do local sagrado pela sorte, à espera da reprodução do milagre. Não me contive que não segredasse, evocando horas desabrigadas, à minha orelha ladina: «Como as coisas são! Pisaste solo de França sem um agasalho e retornas à Pátria com um conjunto de peças pimponas a rogar invernos...»



José Manuel Mendes

A carta de Václav Havel (conclusão)

O HOMEM MUTILADO

O medo das pessoas da década de 70 será o mesmo que sentiram gerações anteriores? Será o medo da tortura, das execuções, da prisão, da deportação? Não; trata-se de um medo mais subtil, um medo que se baseia nesta premissa: *todos têm algo a perder*; e uma força persuasiva que gera o «apartheid político», com uma parte da população - os privilegiados - a governar pela intimidação uma nação inteira, subjugada pela «ameaça quotidiana».

«Esta aranha assustadora teceu uma teia invisível sobre toda a sociedade; é uma espécie de imensa proveta na qual se interpenetram finalmente todos os fios do medo, a última e irrefutável prova de desespero de toda a tentativa dos cidadãos se oporem ao Poder.» (Ibid.)

O cidadão torna-se um cooperante do Poder, se preciso denunciá-lo a alguém das suas relações, da sua família, para se salvar; o cidadão transforma-se num activo e empenhado elemento da conjura da hipocrisia. Com efeito, a própria extensão desta mentalidade exacerba o egoísmo: (...) «Nunca o sistema social teve ocasião de se fazer valer de indivíduos tão dispostos a tudo, não importa o quê, nem quando, desde que lhes traga proveito; indivíduos sem princípios nem coluna vertebral, prontos a tudo fazer por gosto do poder e dos privilégios pessoais; lacaios, suportam todas as ofensas, capazes de sacrificar os seus familiares e a sua dignidade para serem bem vistos pelos poderosos. Não é por acaso que, em tais condições, inúmeras funções públicas e cargos governamentais são, hoje em dia, ocupados precisamente por arrivistas notórios, oportunistas, charlatães e gente duvidosa.» (Ibid.)

Resultado: falta de fé no futuro, apatia, perda do sentido da vida e de valores como a Verdade e Justiça.

Que sucede ao indivíduo que se «rebelar» contra a «normalização»? Isola-se, é olhado como um louco, é rejeitado pelos «normais», fica sem modo de ganhar a vida. Poderá, no entanto, suceder que, sem o suspeitar, granjeie uma «simpatia secreta» no coração daqueles a quem pesa a hipocrisia da cumplicidade.

Por outro lado, a indiferença funciona como arma de dois gumes: a ritualização do Poder, a rotina das funções, o automatismo doutrinário geram a descrença, o imobilismo, o absentismo da «vida política». Votar num candidato único não tem qualquer aliciente; a própria ausência de competitividade esvazia de sentido a participação política. O egoísmo é uma concentração, um investimento no *interior*, preferível ao *exterior* demasiado inacessível e gerador de conflitos para quem não aceita as regras.

Prevedendo o aproveitamento pelo Estado repressivo do potencial manipulativo da sociedade de consumo, Havel avisa:

«Em vez de uma livre participação nas decisões económicas e políticas, em vez de um desabrochar espiritual, oferece-se-lhe a possibilidade de decidir livremente que género de frigorífico ou máquina de lavar comprará (...) Por um lado, os *slogans* tonitruantes sobre o desenvolvimento sem precedentes, de todas as liberdades ou da riqueza espiritual da vida - por outro, o cinzento e o vazio de uma vida que se reduz a fazer compras! Algures no topo da hierarquia das pressões e das manipulações que fazem do

homem um carneiro estupidamente disciplinado no rebanho dos consumidores está uma força escondida e onnipresente, a Polícia do Estado.» A «nulidade semântica» da propaganda-publicidade veicula afinal este conselho: (...) «Não te ocupes de política, é connosco; faz só o que te dizemos, não filosofes inutilmente e não metas o nariz em assuntos que não te dizem respeito, cala-te, trabalha no teu canto, ocupa-te de ti próprio e serás feliz.»

A cultura do banal

A que leva este sistema de hipocrisia que empurra o homem para o isolamento da «existência material»? A «erosão progressiva de todos os valores, de todas as normas morais, à destruição de todos os critérios de decência; e só pode levar a minar a confiança em valores como a abnegação, a dignidade e a honra. Caímos ao nível da vegetação biológica, da desmoralização em profundidade que resulta da perda de toda a esperança, da crise do sentido da vida.» (Ibid.)

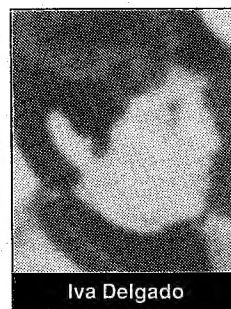
O domínio mais afectado pela dominação é a cultura. O Poder não aceita que esta se exerça livremente, pois a cultura é o instrumento da verdade. O estiolamento intelectual, a domesticação dos artistas, o vazio são o resultado. Não quer dizer que não se faça «cultura». Mas qual? Uma cultura «superficial» que representa a «castração» total da consciência do indivíduo como interveniente na realidade. O Poder sabe que uma cultura autêntica o afecta, afecta a sua «realidade»; gera-se, portanto, o que Havel chama de «estética da banalidade», feita de «sentimentalismo pequeno-burguês», de «humanismo de café», de «jovialidade de dona de casa», de concepção «provinciana», de «bonomia» geral. A estética da banalidade servindo a mentalidade convencional, serve os interesses do Poder e a sua concepção consumista da vida. «Não perturba com a Verdade, tranquiliza com a mentira.»

Perde-se a noção da História.

Desaparece, detrás do ritual repetitivo, o sentido do passado histórico; a própria noção de tempo altera-se; anula-se a dimensão histórica pela anestesia colectiva; a vida privada cai a um nível «pré-histórico, em que o tempo é ritmado por acontecimentos como o nascimento, o casamento e a morte». Como, porém, persiste a necessidade de enquadramento histórico, a ordem oficial propõe constantes efemérides, salta-se de «uma comemoração a outra, de uma parada a outra»; é uma história feita pelo calendário oficial.

O tom profético da Carta a Husák sobe de tom. Que se passará quando as contradições explodirem? O Poder resistirá algum tempo: será a época das intrigas, das traições, da desagregação, das rivalidades larvares, das acusações públicas. Depois, «a desordem histórica tanto tempo reprimida brotará de repente». A vida reclamará em força o «instante de Verdade» do seu futuro, da sua História.

Há homens que nascem para alterar o presente. Havel, simbiose de homem europeu, de oráculo, de poeta da existência, de político mundial, foi um «exilado» que soube colher do particularismo da sua «loucura» o universalismo da salvação do homem, chamada que o Ocidente distraído no bem-estar tecnocrático não pode deixar volatilizar. Havel trouxe para a cena mundial não o rumor amorfo das massas, mas a voz interior do ser humano.



Iva Delgado

INTERNACIONAL

Depois de três anos de cativo, três reféns foram libertados esta manhã no sector muçulmano de Beirute. Os reféns foram detidos em 1987, num barco de recreio que navegava nas costas libias. A Fatah, que reivindicou a autoria do assalto, afirmou na altura tratarem-se de espões israelitas

Fatah liberta três reféns no Líbano

Foram libertados esta manhã, na parte ocidental de Beirute, três reféns que se encontravam em poder da Fatah-Conselho Revolucionário, um grupo extremista dissidente da OLP, anunciou a Agência France Presse.

Jacqueline Valente, 31 anos, o seu companheiro Fernand Houtekins e a sua filha Sofia foram deixados cerca das 8.25 horas locais por dois carros num parque de estacionamento à frente da embaixada francesa, no sector muçulmano da capital libanesa, sob controlo sírio. Os reféns eram acompanhados por cinco homens armados que deixaram o local imediatamente a seguir à libertação dos reféns. Os três reféns foram recebidos pelo emissário francês, o coronel Philippe Rondot, colaborador dos

serviços de contra-espionagem, a DST, chegado a Beirute no domingo. Ainda hoje, ao fim do dia, os três reféns deixarão Beirute num avião ministerial, acompanhados pelo ministro delegado dos Negócios Estrangeiros, Edwige Avice.

Jacqueline Valente foi rapta, em Novembro de 1987, na sequência de um assalto efectuado pela Fatah, o grupo de Abou Nidal, a um barco de recreio que navegava no Mediterrâneo, «Silco» próximo da costa líbia. No assalto foram detidos mais sete reféns: duas filhas de Jacqueline, o seu companheiro, Fernand Houtekins, o irmão de Houtekins e a sua família. A Fatah reivindicou nesse dia em Beirute, uma hora antes da abertura da cimeira extraordinária dos países árabes, a captura de «oito

espões israelitas». Meses depois, difundiu uma gravação vídeo comprovando, segundo a Fatah, que Jacqueline Valente e os irmãos de Houtekins tinham ligações aos serviços secretos israelitas, Mossad. Conhecidos em França por «reféns esquecidos», só cerca de um ano depois à sua detenção, começaram a mercer as atenções dos diplomatas franceses e da Comunicação Social. Em Novembro de 1988, Pascal Batille, pai de duas filhas de Jacqueline, foi recebido em Novembro de 1988 pelo Presidente François Mitterrand. No fim desse mesmo ano a Fatah anuncia a libertação das duas crianças graças à intervenção do Presidente líbio Mouammar Kadhafi. Em Julho de 1989, Anne-Marie Métrel, irmã de Jacqueline, e

o seu marido iniciam uma greve de fome para quebrar o silêncio que rodeia o «caso Silco», como passou a ser conhecido.

A 31 de Julho o ministro dos Negócios Estrangeiros Roland Dumas, anuncia o empenho do Governo em libertar os reféns envolvidos no caso, afirmando que se tratam de «reféns como os outros». Dumas avança mesmo com a hipótese de o rapto ter sido efectuado pela Líbia. Tripoli reagiu imediatamente desmentindo a versão do ministro francês. O desfecho do «caso Silco» iniciou-se a 4 de Abril último com uma intervenção de Kadhafi sobre o caso. No dia seguinte a Fatah anunciou que estava disposta a encetar negociações com vista à libertação dos reféns.

Redacção DL/AFP

Os «Doze» ajudam comércio da América Central

Os doze ministros dos Estrangeiros da Comunidade Europeia e igual número de colegas latino-americanos concluem hoje em Dublin dois dias de conversações sobre a cooperação mútua no âmbito das conferências designadas por S. José.

No final de uma reunião dominada por apelos ao estreitamento das relações entre os dois grupos regionais e ao prosseguimento dos esforços de paz e democratização na América Central, como condição para o seu desenvolvimento, os ministros aprovaram duas declarações conjuntas, uma política e outra económica.

A Comissão Europeia deverá também anunciar a disposição de facultar ainda este ano uma verba de 20 milhões de Ecus (aproximadamente 3,6 milhões de contos) para o apoio aos países tradicionalmente deficitários de entre os da América Central - a Nicarágua e as Honduras.

Ontem, a Comissão Europeia e os cinco Estados da América Central assinaram um acordo para aplicação, no prazo de três anos, nesta região, do mais importante projecto financeiro comunitário jamais lançado na América Latina.

Desenvolvido ao longo de um ano, o projecto envolve uma verba de 250 milhões de Ecus (cerca de 45 milhões de contos), metade da qual constitui um donativo comunitário, e destina-se a fazer regressar os níveis de comércio centro-americano aos do final dos anos 70, quando os conflitos armados, a instabilidade e a ausência de progresso fizeram a região mergulhar numa profunda crise económica.

Redacção DL/Lusa

Cimeira internacional anti-droga

Grã-Bretanha promete auxílio económico para o combate ao tráfico

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, prometeu um milhão de contos à Colômbia, e 250 mil contos adicionais aos países das Antilhas, para os auxiliar a combaterem o tráfico de narcóticos.

Thatcher, que excluiu peremptoriamente como solução a legalização do uso da droga, recordou que em alguns países do mundo, a produção de narcóticos e o seu tráfico se tinha tornado uma parte fundamental da economia.

«Há grupos, não só de grandes produtores, como também de pequenos lavradores e de intermediários, que não desejam o sucesso dos que combatem a droga.

Thatcher, que discursava na inauguração da cimeira ministerial mundial da droga, no Centro de Conferências Rainha Isabel II, em Londres, anunciou a formação de uma força de ataque constituída por peritos na redução da ansia ou vício pelo uso de drogas.

A primeira-ministra britânica considerou a medida vital, pois «reduzir a ansia e o desejo do uso de droga levará mais tempo do que reduzir o seu abastecimento».

Lutar com o «objectivo de vencer»

«O sucesso (desta cimeira de dois dias) auxiliará a determinar a qualidade de vida e de saúde dos nossos jovens



Margaret Thatcher conversa com o Presidente colombiano, Virgílio Barco, no início da conferência internacional antidroga

em futuras gerações», concluiu Thatcher.

A conferência, em que participam também o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, e o Presidente Barco, da Colômbia, divide-se em dois temas principais, tratados por duas comissões.

Uma delas, a «comissão de pedido de redução», discute a prevenção, tratamento e reabilitação, bem como o papel da lei criminal no controlo da actuação das pessoas envolvidas no uso da droga.

A «comissão da ameaça da cocaína» examina os efeitos da cocaína na sociedade, e as perspectivas para intervenção em todo o ciclo, desde o cultivo dos arbustos de coca até à sua venda nas ruas.

O ministro da Saúde português, Arlindo Gomes de Carvalho, deverá discursar

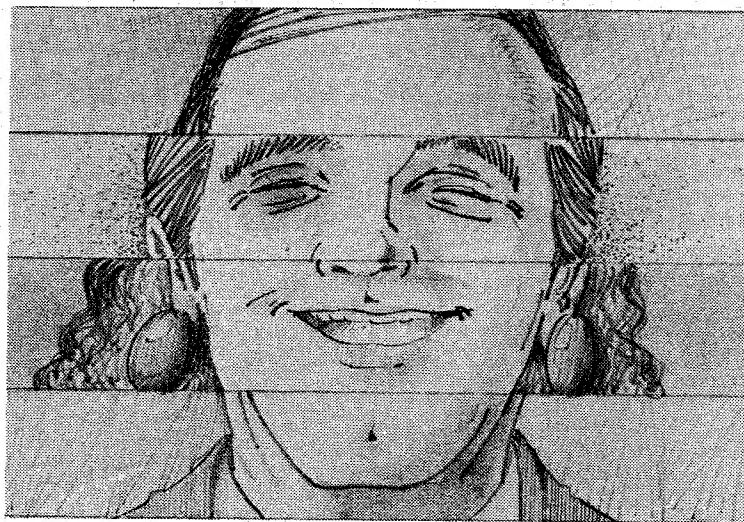
esta tarde (16 horas) na sessão presidida pela princesa Ana. A conferência encerra amanhã com uma conferência de Imprensa.

Assistem à conferência, que foi organizada pela Organização das Nações Unidas em conjunto com o Reino Unido, representantes de 112 países, que incluem Angola e Moçambique, entre outros países africanos, Colômbia, Cuba, Jamaica, e todos os países da América Latina e da América do Norte, da Europa e do Extremo Oriente, incluindo a Índia, Paquistão, China e Japão.

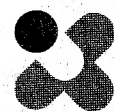
O objectivo desta cimeira é derrotar esse «império oculto» que é o inimigo da humanidade, e «lutar nessa guerra, com o objectivo de vencer», exortou António Gava, ministro do Interior da Itália.

Redacção DL/Lusa

ESTA SEMANA, MAIS UM MEMBRO
DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO
É DE LEIRIA



NÃO LHE CONHECEMOS A CARA
MAS CONHECEMOS-LHE A FORTUNA
SÃO 83 191 154\$00



totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

INTERNACIONAL

Não obstante os acordos para a sua desmobilização, os «contras» continuam a combater os sandinistas, prevendo-se que o período de transição até à posse de Violeta Chamorro, a 25 de Abril, seja bastante conturbado

A guerra na Nicarágua não terminou

«Porque é que os sandinistas vão ficar com as armas agora que os 'contras' vão depor as suas? Eles querem ter as mãos livres para massacrar os camponeses», diz coléricamente um pequeno agricultor do norte da Nicarágua, Rodolfo Montenegro. A menos de três semanas da entrada em funções do novo Governo, eleito a 25 de Fevereiro, os camponeses nicaraguenses continuam a viver com medo e suplicam aos rebeldes anti-sandinistas para conservarem as suas armas para protegê-los contra as forças regulares do exército e sobretudo contra a temível Polícia de Segurança de Estado.

«Quatro dos meus empregados foram selvajamente torturados pelos agentes da Segurança que os acusavam de ser colaboradores dos 'contras'», prossegue Rodolfo. «Não esquecerei jamais esta cena de horror apenas a poucos metros da minha casa.»

Num cenário paradisíaco, uma colina dominando o Cua, um dos numerosos rios que nascem nas montanhas no departamento de Jinotega, os camponeses reunidos em casa de Rodolfo denunciavam os abusos do exército durante os nove anos de guerra civil, na presença de um antigo dirigente dos «contras», o comandante Johnson.

Dois nomes de chefes locais da Polícia de Segurança são citados incessantemente.

São os responsáveis pelo massacre de dezenas de pessoas, cujos cadáveres foram encontrados pavorosamente mutilados. «Eu enterrei numerosas vítimas perto de onde moro», conta Francisco Castro. «Em certos casos obrigaram-nos a queimar os cadáveres no local em que o exército ia lançá-los nas valas; estávamos aterrorizados mas decidimos ficar aqui mesmo assim.»

Zona favorável aos «contras»

Porque é que os sandinistas se encarniçaram sobre a população destes departamentos rurais situados nas zonas montanhosas onde vive 40 por cento da população do país e que se estendem da fronteira das Honduras no norte até à Costa Rica no sul? Simplesmente porque a guerrilha anti-sandinista financiada pelos Estados Unidos desde 1981, recrutou a maior parte dos seus elementos nestas regiões hostis à revolução e refractárias à intervenção do Estado nas actividades produtivas.

«Os sandinistas queriam impor-nos um regime comunista, como em Cuba», dizem os camponeses. «Todos os que estavam em desacordo não tinham direito a empréstimos bancários para comprar sementes e grãos; depois, quando a guerra começou, o exército destruiu as nossas colheitas, roubávamos o gado e recrutava os

nossos jovens à força para o serviço militar. A maior parte de nós decidiu então colaborar com os contras. Nós damos-lhe de comer e fornecemos-lhes informações sobre as movimentações do exército sandinista.»

O comandante Johnson - Luís Fley de seu verdadeiro nome, que foi um dos principais dirigentes militares dos «contras» até ao seu retorno a Manágua, em Janeiro último, lamenta o grave «mal-entendido» mantido durante anos a propósito dos rebeldes. «É verdade que os primeiros 'contras' eram ex-membros da Guarda Nacional de Somoza agrupados por iniciativa dos EUA para impedir os sandinistas de ajudar a guerrilha salvadorenha. Mas, rapidamente, juntaram-se a eles sandinistas desiludidos

com o desvio da revolução e camponeses vítimas da repressão.»

«Devíamos ter executado alguns combatentes»

Johnson entrou para os «contras» em Junho de 1981, após a repressão brutal desencadeada contra os camponeses que participaram numa manifestação do Movimento Democrático Nicaraguense, organização social-democrata que passou à oposição depois de ter apoiado os sandinistas. «Eu próprio fui preso», diz Johnson, «e fiquei detido durante seis dias como muitos outros camponeses, pelo simples facto de ter participado nessa manifestação. O Governo confiscou-me a quinta que eu tinha perto da aldeia de El Cua. Para os

sandinistas, éramos todos reaccionários.» Esta acusação faz sorrir Johnson que participou na guerrilha sandinista contra a ditadura de Somoza. «Houve abusos nas nossas fileiras», reconhece Johnson, «e nós devíamos ter tomado medidas mais duras, incluindo a execução de alguns dos nossos combatentes.»

Hoje em dia, Johnson distribui aos camponeses milhares de exemplares da Declaração Universal dos Direitos do Homem. «O Governo nicaraguense assinou este documento», diz. «Vejam todos os Direitos que lhes foram tirados e aprendam a defendê-los. Quando a guerra acabar de verdade, será preciso esquecer o passado e respeitar a vida e os direitos daqueles que cometeram tantos abusos. É a única maneira de restabelecer a paz e sair do círculo vicioso da violência.»

Os bombardeamentos não cessaram

Mas a guerra não acabou e os camponeses não se contentam com um fascículo ilustrado para se protegerem. Eles querem que os «contras» fiquem com as armas, pelo menos até à tomada de posse, a 25 deste mês, de Violeta Chamorro em quem votaram massivamente. «Os bombardeamentos não cessaram», garantem, «e o exército disse-nos que iríamos pagar caro o nosso apoio à UNO».

Numerosos testemunhos, incluindo alguns da Cruz Vermelha local, confirmam que a artilharia e a aviação prosseguiram as suas actividades depois das eleições, em particular na região de Wiwili e de San Marcos. Muitas casas foram destruídas e a maior parte das vítimas seriam civis. Denunciaram-se também vários assassinatos. O chefe de um grupo de rebeldes, conhecido por Marinero, está convencido que os sandinistas preparam uma nova guerra, «para acabar connosco, assim que

depusermos as armas. Eles perderam as eleições e a guerra, logo eles deverão ser desarmados em primeiro lugar».

Que pensa ele dos acordos assinados em 23 de Março nas Honduras, entre o estado-maior dos «contras» e o futuro Governo, que marcou para 20 de Abril o início da desmobilização dos rebeldes? «Aguardo as instruções dos meus superiores», responde Marinero. «De qualquer maneira, isso durará vários meses já que será necessário desmantelar o exército popular sandinista e substituí-lo por militares leais ao novo Governo.»

Acelerar a desmobilização

Face às exigências dos rebeldes, as autoridades sandinistas fizeram um apelo à comunidade internacional para que acelere o processo de desmobilização dos «contras», confiado às Nações Unidas e à Organização dos Estados Americanos (OEA). Simultaneamente, o exército, que não conseguiu impedir a infiltração de numerosos rebeldes vindos das Honduras, procura afastá-los das aldeias e repeli-los para as cinco zonas onde é suposto entregarem as armas aos organismos internacionais.

«Tudo indica que os 'contras' vão lançar uma ofensiva para se apoderar de algumas aldeias e ajustar contas com os militantes sandinistas», afirma a Imprensa oficial. Os rebeldes desmentem categoricamente, fazendo notar que eles não têm meios para enfrentar o poderoso exército sandinista. «Depois da suspensão do auxílio militar norte-americano», dizem, «nós temos munições à justa para nos defender e manter a pressão necessária para obrigar os sandinistas a respeitar o resultado das eleições.»

Bertrand de la Grange - exclusivo «Le Monde»/ «DL»



Os «contras» recusam ser desarmados sem garantias de que não haverá um «ajuste de contas» por parte dos sandinistas

INTERNACIONAL

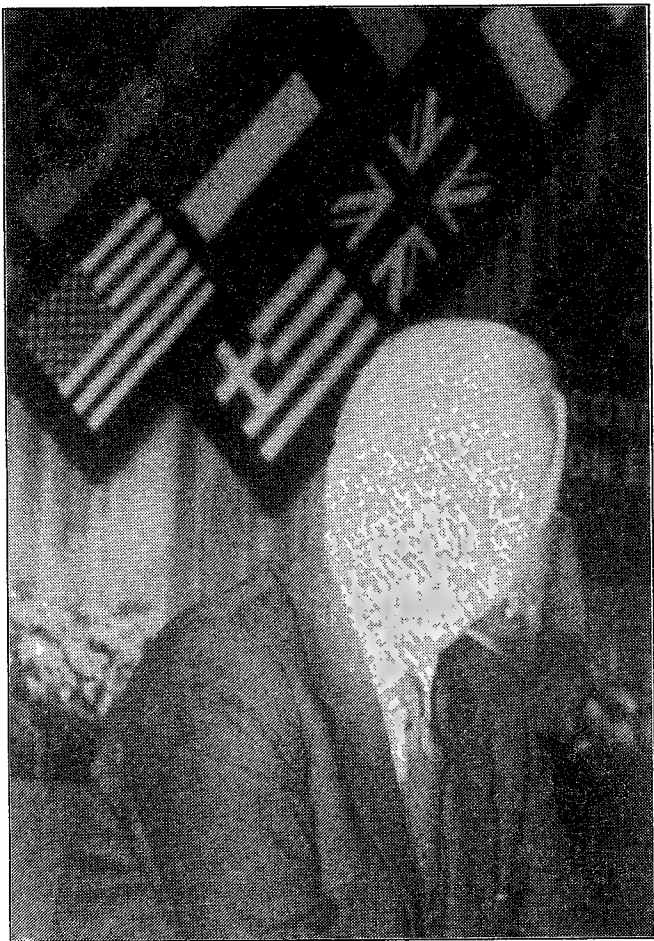
Conferência económica da CSCE

Leste adere ao pluralismo e economia de mercado

Pela primeira vez, uma reunião especializada da CSCE (Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa), sobre «a cooperação económica na Europa», saldou ontem os seus trabalhos com sucesso depois da subscrição pelos 35 países membros de um documento final sem precedentes.

Reunidos durante três semanas em Bona, todos os países europeus excepto a Albânia juntaram-se aos EUA e ao Canadá para marcarem o seu acordo relativamente a um texto que defende o «pluralismo político e a economia de mercado» como base do desenvolvimento económico na Europa. Alguns meses após a queda dos regimes comunistas no Leste, as novas democracias que daí resultaram estão também desta maneira ligadas ao modelo de desenvolvimento ocidental.

A reunião de Bona foi a primeira conferência especializada da CSCE consagrada à economia, tendo os países membros privilegiado até agora os outros dois «pilares» deste processo, isto é, o desarmamento e os Direitos do Homem.



O Presidente alemão-federal, Richard von Weizsäcker, sorridente durante a conferência económica da CSCE em Bona.

Alan Homer, chefe da delegação norte-americana, afirmou também não haver «derrotados» neste acordo pois todos ganham «ao contribuir para para o crescimento económico».

Objectivos e princípios

O acordo final prevê os seguintes objectivos:

-Uma política fiscal e financeira que favoreça o crescimento económico.

-O repatriamento dos lucros em moedas convertíveis.

-Uma economia de mercado onde a oferta e a procura determinem os preços.

-Uma política que favoreça a justiça social e melhore as condições de vida e de trabalho.

-Um crescimento económico que respeite o ambiente.

-O pleno reconhecimento de todas as formas de propriedade.

-O direito a uma indemnização imediata em caso de nacionalizações.

-A possibilidade de contacto directo entre clientes e fornecedores.

O texto final afirma que «os progressos ainda a fazer para chegar à convertibilidade total» das moedas dos países de Leste requerem uma reforma do sistema bancário, a criação de um mercado de capitais, uma reforma das empresas públicas e que o capital privado se torne progressivamente a fonte mais importante do financiamento exterior.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Dificuldades de decidir a trinta e cinco

Na última reunião especializada da CSCE que teve lugar no ano passado em Sófia e tratou de problemas do ambiente, a oposição da Roménia de Ceausescu, impediu que se chegasse a um acordo final. A CSCE que funciona segundo o princípio do consenso a oposição de

um só Estado pode levar a conferência a um fracasso.

O documento final, ontem aprovado em Bona, está ainda sujeito a à rectificação na capital de cada Estado signatário. Embora não se tenham abordado os *dossiers* «quentes», ou seja, as barreiras à exportação de alta tecnologia para os países de

Leste, as relações entre a CEE e estes países ou o problema do endividamento, o consenso final é um sucesso sem precedentes.

Descrevendo o resultado final da conferência como «um sinal claro para o mundo dos negócios de que a Europa do Leste e do Sul estão prontas para se abrirem ao comércio»,

UNITA privilegia acordos de Alvor

A UNITA anunciou a sua disponibilidade para reconhecer o Estado angolano e «cessar as hostilidades imediatamente e sem pré-condições, mesmo que o MPLA queira continuar na área do Cuito-Mavinga», pode ler-se num longo comunicado distribuído ontem pelos rebeldes, assinado pelos membros do Bureau Político do movimento. «A UNITA aceita reconhecer o Estado angolano, com base nos acordos de Alvor», de 1975, e depois de ter avaliado as conclusões do encontro entre Baker e Shevardnadze realizado na passada semana. «A UNITA - acrescenta o comunicado - compromete-se a respeitar todos os acordos assinados durante os 15 anos passados, pelo Governo do MPLA» após a realização de «eleições livres e justas, verificáveis por um organismo internacional».

Redacção «DL»/Lusa

Diluição na Esquerda Unida é hipótese

Convenção do PCE põe tudo em causa

Júlio Anguita, o secretário-geral, diz aos militantes que não há motivos para dúvidas sobre o futuro. No entanto, o Partido Comunista de Espanha (PCE) vive um momento de renovação sem precedentes, que põe em causa questões como o direito de formação de tendências internas, o centralismo democrático, o marxismo revolucionário, o princípio de partido de vanguarda, ao mesmo tempo que se aproxima da Internacional Socialista e examina a possibilidade de diluição no movimento Esquerda Unida. Tudo isto foi discutido em Madrid durante o fim-de-semana, pela sexta convenção do PCE, que, 70 anos após a fundação, pretende injectar ânimo nos seus militantes mais tradicionais, desorientados com os recentes acontecimentos nos países de Leste.

Para que esta renovação seja encarada com optimismo, contribui certamente o facto da Esquerda Unida, coligação liderada pelo PCE que integra o partido PASOC formado por um sector procedente da esquerda do PSOE, ter obtido excelentes resultados nas eleições de Outubro passado, aumentando em cerca

de um milhão o número de votos.

Aprovada, quase por unanimidade como todas as outras resoluções, foi também a criação de um fórum de debate para o qual os comunistas convidarão os partidos e organizações da esquerda espanhola. Em contraposição ao Programa 2000, do PSOE, que tem excluído os dirigentes do PCE.

A diferenciação do PSOE, foi aliás, um dos pontos mais destacados do discurso final de Anguita que, após ter feito duras críticas aos socialistas, advertiu os militantes do PCE que propõem «falsos debates que nos vêm de fora» e avisou que só aceita avançar no processo de unidade da esquerda com o partido de Felipe González sem imposições hegemónicas.

Anguita defendeu também que «o PCE continua existindo como tal» e embora tenha dito que o seu partido se deve subalternizar ao protagonismo da Esquerda Unida, de que é presidente, não admite para já a dissolução do movimento. «A pressa pode matar o PCE e matar a Esquerda Unida», sublinhou.

Redacção «DL»/Manuel Lopes -Lusa

Gorbachev aumenta pressões sobre a Lituânia

O conselho presidencial do líder soviético anunciou que vai aplicar sanções económicas, políticas e outras contra a República da Lituânia. Um comunicado distribuído aos órgãos de Comunicação Social rejeita os sinais conciliatórios dos dirigentes da Lituânia e acusa-os de conduzirem a república para o caos e para um beco sem saída. O conselho considera necessária a imediata aplicação de medidas económicas, políticas e outras, que não especifica, para «defender a Constituição soviética e os interesses dos cidadãos que vivem no território da república e no país no seu todo».

As declarações e atitudes dos dirigentes da Lituânia «não contribuem de forma alguma para a solução do problema e, de facto, conduzem o assunto a um beco sem saída», salienta a nota do conselho presidencial.

«A presente liderança lituana, pelas suas acções anticonstitucionais e aumento das medidas ilegais, bloqueia as possibilidades de saída da crise e agrava a situação na república para a qual é responsável», diz o comunicado.

Manifestação na Geórgia

Ontem, mais de 60 mil cidadãos da República soviética da Geórgia apelaram para a independência do território e o boicote do serviço militar. Dirigentes nacionalistas, reunidos em comício comemorativo do primeiro aniversário da morte de 20 manifestantes pró-independência pelas tropas soviéticas, apelaram para a unidade em torno do único objectivo para a república: a sua independência.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Presidenciais peruanas sem maioria

O escritor Vargas Llosa, da coligação FREDEMO, e Alberto Fujimori, do movimento Câmbio 90, disputarão dentro de dois meses a segunda volta das eleições presidenciais peruanas. No entanto, nenhum dos dois disporá de maioria absoluta no parlamento, cujos representantes foram também escolhidos no domingo. A FREDEMO terá 23 senadores e entre 63 e 72 deputados, enquanto o Câmbio 90 terá 15 senadores e entre 31 e 34 deputados.

Coligação conservadora na Hungria

O Fórum Democrático, o grande vencedor das eleições húngaras de domingo com 43 por cento dos votos, deverá coligar-se com o Partido dos Pequenos Proprietários e com o Partido Popular Democrata Cristão, também conservadores, para formar um Governo liderado por Jozsef Antall dentro de um mês.

Maioria absoluta na Grécia

Após um período de instabilidade política a Grécia vai ter um Governo de maioria absoluta, já que a Nova Democracia conseguiu o apoio do deputado do Partido Renovador Democrático, ficando assim com 151 lugares num parlamento de 300, segundo os resultados finais das eleições de domingo. A oposição ao Governo conservador de Constantin Mitsotakis será liderada pelos socialistas do PASOK, 123 deputados, a que se junta a Coligação Comunista com 19.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

AVISO

A Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Santarém, nos termos dos Decretos-Leis n.º 427/89 de 7 de Dezembro e n.º 265/88 de 28 de Julho, necessita de admitir um licenciado, em regime de estágio por um ano, para ingresso na carreira Técnica Superior para a seguinte área:

1 — Técnico Superior Estagiário de Laboratório — Licenciatura adequada, nomeadamente em Ciências Farmacéuticas.

As condições de admissão e a formalização das candidaturas são as constantes do aviso de abertura do Concurso publicado no «Diário da República» n.º 66, II Série, de 20 de Março de 1990.

Para mais informações, os interessados deverão contactar a Secretaria da escola Superior Agrária, sita em S. Pedro, 2000 Santarém, telefone 22087, 22088, durante as horas de expediente.

Escola Superior Agrária, 22/3/90.

O PRESIDENTE
DA COMISSÃO INSTALADORA

Eng.º Agrón. João Vítor Reis Gomes Mendes

QUOTIDIANO



A primeira mulher Maria Cândida de Almeida foi ontem empossada no cargo de procurador-geral adjunto da República, sendo a primeira mulher que desempenha tais funções. O procurador-geral da República, Cunha Rodrigues, empossou ainda os novos procuradores-adjuntos Pereira da Costa, Baltazar Miranda e Braga Temedo

Agricultor de Abrantes vence causa em tribunal

Celulose paga caro prejuízo na fruta

A emissão de várias toneladas de dióxido de enxofre em Abrantes, pela Companhia de celulose do Caima, vai custar dois mil contos à empresa, por prejuízos causados num pomar de pessegueiros. A pena resulta de uma queixa, apresentada no tribunal daquela cidade, na sequência das emissões de ar poluente em Maio, Junho e finais de 1984, e início de 1986, que causaram a destruição de parte das árvores de fruto num pomar próximo das instalações da fábrica, em Constância.

As emissões da fábrica de pasta de papel realizaram-se em alturas de grande con-

centração de água no ar, o que deu origem à formação de substâncias corrosivas, ácido sulfuroso, sulfito e bissulfito que, depositando-se nos botões, folhas e ramos das árvores, causaram a destruição dos seus tecidos e tornaram a terra ácida, diz a sentença do tribunal.

Prejuízos superiores a 44 mil contos

O proprietário das terras, João Baptista Pedro, alegando danos patrimoniais de mais de 44 mil contos, reclamou ainda compensações no valor de mil e quinhentos contos, por danos não patrimoniais, ou seja, por «desgostos e pre-

ocupações».

João Baptista Pedro pediu também a cessação imediata da emissão de fumos sulfurosos, o que foi considerado improcedente pelo tribunal, pois tal se verificava «ocasionalmente e na medida ordinária do que é suportável».

O tribunal condenou ainda a fábrica de celulose a pagar a quantia referente ao dano patrimonial constituído pela diminuição da produção de pessegueiros no período compreendido entre 1984 e 1987, e pelo atraso no desenvolvimento vegetativo de 2532 pessegueiros plantados em 1985.

LOTARIA POPULAR

1º - 214490	3 000 000\$00
2º - 354881	750 000\$00
3º - 367474	500 000\$00
4º - 405115	250 000\$00
Terminações em 4490	85 000\$00
Terminações em 490	60 000\$00
Terminações em 881	15 000\$00
Terminações em 474	4 000\$00
Terminações em 115	1 500\$00
Terminações em 30,44,45,71,76 e 83	500\$00

Inforgrupo perde concurso do seu advogado

O advogado Alexandre Gouveia renunciou à defesa judicial do administrador da Inforgrupo, empresa com-
bricense de vendas em grupo cujos escritórios foram ocupados sexta-feira por vários clientes.

O causídico anunciou ter renunciado às procurações relativas a quatro casos que lhe estavam confiados para tratar judicialmente.

Precisou que um dos casos diz respeito à empresa Inforgrupo e os restantes três a

interesses particulares do seu administrador Eduardo Ferreira. Alexandre Gouveia, há vários anos presidente da Comissão Política Distrital do PSD de Coimbra, disse «que desconhecia em absoluto a existência de quaisquer irregularidades em contratos celebrados pela empresa e que apenas se apercebera de que a empresa enfrentava dificuldades de tesouraria, nada mais».

Os problemas deste consórcio de vendas de grupo

aparentam ter atingido um elevado grau de gravidade quando cerca de duas dezenas de pessoas se queixaram, sexta-feira passada, de terem sido lesadas através de contratos, tendo ocupado as respectivas instalações, em Coimbra. A iniciativa foi concretizada depois de uma assembleia de grupo ter sido realizada sem a atribuição de qualquer bem aos seus participantes, apesar de ter sido feito o respectivo sorteio.

Os queixosos alegam ainda

que os vendedores da empresa lhes prometeram a entrega de avultadas verbas, mediante o pagamento de mensalidades, não tendo, porém, cumprido os prazos acordados.

Os responsáveis da Inforgrupo prometeram resolver o problema, tendo os presumíveis lesados ameaçado apresentar queixa à Inspeção de Crédito do Banco de Portugal, caso não lhes seja entregue o dinheiro que reclamam.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
PRACA DE ESPANHA - BARRIO TEL. 726 08 18

PRESENTA:

DIAS 10-11-12 ABRIL AS 21,30H
3 UNICOS DIAS

COMEDIE DE SAINT-ETIENNE

CAGE

de Franz KAFKA
ADAPTAÇÃO - ENGENHAÇÃO Jacques BELLAY
INTERPRETAÇÃO Paul CHARIERAS Jacques BELLAY

ELECTACULO AO ABRIGO DA
CONVENÇÃO TEATRAL EUROPEIA

APÓIOS - EMBAIXADA DE FRANÇA - F. GULBENKIAN
INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS - A.F.A.A. FRANÇA

Jornalismo: atracção fatal

Sem ter sido o ano em que mais títulos surgiram na Comunicação Social portuguesa, 1989 foi aquele em que maior número de ingressos se registou na profissão jornalística, revelou o Sindicato dos Jornalistas à agência Lusa.

Citando um advogado do Sindicato, Serra Pereira, um despacho da Lusa refere que em 1989 deram entrada naquele organismo 232 pedidos de carteira profissional de estagiário, quando no ano anterior tinham sido apenas 83, apesar da cerca de uma dezena de publicações jornalísticas então lançadas.

Também já há trimestres do corrente ano, durante o qual se terão registado perto de 100 candidaturas à profissão.

Em termos percentuais, os anos imediatamente a seguir ao 25 de Abril terão porém sido aqueles em que mais pessoas enveredaram pelo

jornalismo, reconheceu Serra Pereira ao «DL».

Exprimindo uma opinião pessoal, o advogado do Sindicato dos Jornalistas considera que, se não se verificou ainda a saturação, há muito esperada, deste mercado de trabalho, é devido aos casos de abandono da profissão, mais vulgares na fase inicial.

Admitiu, por outro lado, haver conhecimento naquele organismo de que muitas empresas do sector se encontram em situação irregular face ao Contrato Colectivo de Trabalho, por excesso do número de estagiários nas respectivas redacções, isso embora haja desemprego na classe jornalística, em consequência, sobretudo, do encerramento de publicações em 1989, como foram os casos do «Europeu», «Face», «O Seculo» e «Notícias de Primeira Página».

Redacção «DL» / Lusa

B R E V E S

Palmela festeja os seus vinhos

As já tradicionais Festas das Vindimas de Palmela, que têm o patrocínio da Câmara daquela vila, vão decorrer, este ano, entre 30 de Agosto e 4 de Setembro, já na sua vigésima oitava edição. Paralelamente, decorrem uma Feira Agroindustrial, com numerosas manifestações e os Segundos Encontros de Agricultores e Industriais. Haverá, ainda, provas de vinhos, mostras de vinhos e de frutas, os principais geradores da riqueza produzida (e a produzir) na região.

Ferryboats em maré trágica

Continuam a ser infrutíferos os esforços para localizar, ou identificar, o único cidadão português desaparecido no incêndio do ferryboat «Scandinavian Star», ocorrido sábado ao largo da Noruega e que provocou a morte de cerca de 150 passageiros. O corpo de Dionísio - o único dado conhecido sobre a sua identidade - poderá estar entre os cadáveres cuja remoção, do interior do navio, deveria terminar hoje. Entretanto registaram-se mais dois acidentes com ferryboats. Em Londres, a polícia iniciou as investigações para determinar a causa de um incêndio registado, ontem, a bordo de uma embarcação francesa que provocou a morte de uma pessoa e ferimentos em mais 32. O «Reine Mathilde» de Wight quando um incêndio deflagrou na sala das máquinas. No sábado, mais de uma centena de pessoas morreram no incêndio de um barco jugoslavo que se incendiou quando navegava de ontem, os ferry «Norrna». Na madrugada de ontem, o ferry «Norrna», que fazia a ligação entre o País de Gales e a Irlanda, incendiou-se, causando a morte de uma das 297 pessoas que viajavam a bordo.

QUOTIDIANO



O guarda Costa Teixeira pulou para o telhado, de pistola em punho, no encalço do assaltante



Em peúgas e sempre com a arma na mão, o arvorado esquadrinhou as alturas do prédio de Santa Catarina, sem dar indícios de vertigens

Rui Vasco

Formosinho, ladrão português entre polícias à americana

A carreira de «rato de apartamento» de Formosinho sofreu ontem à tarde novo e comprometedor revés com a sua rocambolésca captura num telhado do Bairro Alto.

Figura já conhecida na esquadra das Mercês, daquela zona antiga de Lisboa, Formosinho, um atrevido assaltante de residências de 30 anos, moreno e bem constituído, não estava em dia de sorte, e foi surpreendido pelo inquilino de umas águas-furtadas onde se introduzira. Nem estúpido nem herói, este último, um funcionário da vizinha dependência da Caixa Geral dos Depósitos, ao deparar com um estranho em casa, voltou a sair, fechando a porta bem fechada. E toca de avisar a polícia.

Para mais azar do Formosinho, um carro-patrolha circulava perto, e transportava um guarda, o arvorado Costa Teixeira, capaz de se pôr em peúgas para correr um telhado íngreme de ponta a ponta, só para arranjar

mais um hóspede para a cadeia. Foi o que fez, acolitado pelo motorista, enquanto em baixo, na rua, que faz esquina com a Calçada do Combro, se concentrava uma multidão interessadíssima naquela peripécia de policial americano.

O clímax da história decorreu, infelizmente para a plateia, fora das suas vistas. O suspeito, arrombando uma janela, refugiou-se numa residência vizinha, onde conseguiu alojar o razoável físico no exíguo armário da bilha de gás. Foi aí que os agentes deram com ele e, exibindo-lhe amigavelmente os pistóis, o persuadiram a acompanhá-los.

O Formosinho não terá gostado, mas poucos minutos a seguir ficou-lhes de certeza agradecido, quando, à porta do prédio, os mirones que ali se haviam concentrado foram impedidos pela polícia de passarem à protagonização de novo tipo de filme, encenando um linchamento à boa maneira dos *westerns*...



Capturado, Formosinho desceu à rua encapuçado, furtando-se assim à curiosidade dos mirones, empenhados em o identificar

Rui Vasco

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

A Rodoviária Nacional lembra aos seus utentes que podem adquirir os bilhetes de Serviço Expresso com nove dias de antecedência.

No período da Páscoa as bilheteiras da Av. Casal Ribeiro (Lisboa) funcionarão com o seguinte horário:

Dias 9, 10 e 11 de Abril

Das 06.00 horas às 22.00 horas

Dia 12 de Abril

Das 06.00 Horas às 01.00 Horas

EVITE AGLOMERAÇÕES DE ÚLTIMA HORA, ADQUIRA O SEU BILHETE COM ANTECEDÊNCIA.

G-03/84

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

B R E V E S

Expectativa de vida em Portugal

Portugal figura em 23º lugar na lista dos países com maior expectativa de vida, mas ocupa um lugar modesto entre os países industrializados do Ocidente, segundo estatísticas divulgadas pelo Centro Americano de Controlo de Doenças (CCD). A expectativa em Portugal é de 74,1 anos, o que nos coloca a par do Luxemburgo e ligeiramente acima da Irlanda, mas atrás de todos os outros países da CEE e de um modo geral do Ocidente.

Franceses e suíços pretendem bebé rejeitado

Uma criança rejeitada à nascença pela mãe, portadora de sida, aguarda numa unidade hospitalar de Coimbra a conclusão do processo de adopção internacional. Um médico do hospital, lamentando que não exista em Portugal um organismo que promova a adopção, afirmou que a mãe foi recusada há cerca de dois meses. Acrescentou que a solicitação portuguesa foi acolhida favoravelmente por um organismo suíço e por um casal francês que, em 1986, aceitou uma criança proveniente de Lisboa.

Sindicato propõe programa para Castanheira de Pera

O Sindicato Democrático dos Têxteis (Sindetex) apresentou ao Governo um programa de emergência para Castanheira de Pera que articula e potencia virtualidades do quadro comunitário de apoio ao PDR, do Programa de Reestruturação da Indústria de Lanifícios e de «outros instrumentos disponíveis». A actividade industrial daquela localidade do distrito de Leiria paralisou sexta-feira passada durante uma hora, em protesto contra a situação social que se está a viver no concelho, dependente em percentagem apreciável da indústria de lanifícios.

Os cursos universitários podem proporcionar uma preparação vantajosa aos candidatos a profissionais da comunicação social. Aos jovens falta, no entanto, a prática. Mas há quem lhes dê o acesso a esse saber

Fornada de jornalistas recebe amanhã diploma

«Integrar os formandos nas rotinas produtivas de uma redacção» é a principal vocação do Cenjor, Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas, que amanhã entrega aos 15 «alunos» saídos do 1º Curso de Formação Geral em Jornalismo os respectivos diplomas.

Além de assegurar formação a futuros profissionais dos media — candidatos a jornalista e estagiários — o Cenjor promove igualmente cursos de reciclagem destinados a jornalistas que já têm experiência.

Com três anos no activo, o Centro foi constituído através de um acordo celebrado pelo Estado, representado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional e por entidades ligadas à Comunicação Social, como as associações da Imprensa Diária e Não Diária, o Sindicato dos Jornalistas e a Direcção-Geral da Comunicação Social.

A frequência do Centro é procurada sobretudo por interessados provenientes das universidades, revela João Marques de Almeida, director do Cenjor. «É tudo gente nova cuja média de idades ronda, no máximo, os 25 anos. Trata-se de uma nova geração com muito talento» — sublinha.

A este grupo destina-se prioritariamente os cursos de formação básica ministrados no Centro.

Neles são ensinadas matérias relacionadas com os media. «Ensinamos a 'saber fazer', a escrever uma notícia ou a realizar uma reportagem», diz João Marques de Almeida.

Acrescenta que, face à formação universitária que os jovens levam quando se inscrevem no Centro, as matérias aí leccionadas podem ser consideradas como um «bom complemento». Os cursos são gratuitos e por vezes remunerados.

Escrita Jornalística, Fontes e Pesquisa de Informação, Organização e Funcionamento Redactorial ou Gêneros Jornalísticos e Noções de Informática são algumas das disciplinas ministradas no Cenjor, por profissionais da Rádio, Televisão e Imprensa, a pequenos grupos de 8 a 15 pessoas.

A primeira «fornada» de alunos com o curso de formação básica do Cenjor (que teve uma duração aproximada de um ano) já está quase toda colocada. Os jornais «Correio da Manhã» e «Público», a agência Lusa e as rádios TSF, RGT e e RDP são alguns dos órgãos de comunicação social onde se integraram.

Uma falha a ultrapassar

A fraca divulgação das iniciativas e cursos promovidos pelo Cenjor é uma das falhas reconhecidas pelo seu responsável.

«Não conseguimos chegar facilmente aos jornalistas porque a nossa informação passa por diferentes circuitos e, às vezes, acaba por se perder», afirma Marques de Almeida.

Para ultrapassar esta dificuldade, o Centro está a actualizar os seus ficheiros e pretende agora enviar a informação directamente para os sócios do Sindicato dos Jornalistas.

Apesar de o ensino ser a vocação dominante do Cenjor, esta entidade promoverá em breve, provavelmente em Junho, uma exposição sobre a Imprensa Diária Europeia.

Além de proporcionar uma perspectiva alargada sobre a Imprensa dos países da Comunidade, o Cenjor trará a Portugal, no âmbito da exposição, alguns especialistas que farão exposições sobre os diferentes problemas que se põem actualmente aos media.

LOTARIA DA PÁSCOA

14



137 000 CONTOS NUM BILHETE INTEIRO SENDO 20 MIL CONTOS NUMA SÓ FRAÇÃO

DIA 12 ANDA A RODA

A vender o «DL» desde o primeiro número

O «Diário de Lisboa» comemorou 69 anos de vida no último fim-de-semana. O senhor António da Silva Milheiros, distribuidor do «DL» desde o primeiro número, veio à redacção dar-nos os parabéns.

Começou a vender jornais em 1918 e, com 18 anos, tornou-se distribuidor regular do

nosso jornal. Vendia-o a 20 reis cada um.

Agora só trabalha ao fim-de-semana e, por isso, não tem oportunidade de participar na distribuição do «DL». Mesmo assim, também o senhor Milheiros, que tem já 78 anos, está de parabéns.



Um mimo da Marconi Nem só de pão vive o homem, é certo, e quando se trata de aniversário, o bolo festivo vem, por direito próprio, à frente das demais iguarias. Assim o entendeu - e muito bem - a Rádio Marconi, ao nos apresentar com a vistosa produção fotográfica que pode ser apreciada na foto, a propósito da passagem do 69º aniversário do nosso jornal.

Fusão das centrais sindicais não agrada às bases

Torres Couto fez a proposta, as bases começam a responder: não, obrigado, diz a maioria

«Não há nem vislumbro num futuro próximo quaisquer hipóteses de unidade orgânica. Transformar as duas centrais numa só é quase dificultar a unidade na acção, porque muitos trabalhadores ficarão de pé atrás». A afirmação é de Barbosa de Oliveira, presidente do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas (SBSI), ao comentar a proposta de Torres Couto quanto à fusão da UGT e da CGTP numa nova central.

As palavras do secretário-geral da UGT lançaram a confusão no movimento sindical português, e colheram as mais variadas reacções. O repto, segundo afirmou, foi lançado às duas centrais, e sindicatos independentes e sobretudo aos trabalhadores.

Um inquérito que o DL fez a dirigentes de sindicatos das duas organizações demonstrou que mesmo os que consideram positiva a iniciativa de Torres Couto põem sérias reservas quanto à sua concretização.

As posições diferentes que diariamente assumem estruturas das duas centrais nos vários sectores estão na base desse cepticismo.

E se os dirigentes dos sindicatos da CGTP são unânimes na desconfiança que a proposta de Torres Couto lhes suscita, nos da UGT as divergências de opinião sobre o assunto são claras.

«Quem lidera tem que ter a coragem de assumir posições, mesmo que esteja sozinho», afirmou Torres Couto justificando a sua posição. «Fiz esta proposta com a mesma ponderação com que há 15 anos, também sozinho, propus a criação da UGT», acrescentou.

Não se trata, segundo Tor-

res Couto, de uma provocação à CGTP, mas aos sindicatos e aos trabalhadores. E se não há dúvida que provocou, não tenha ilusões quanto aos apoios.

UGT: entre o «sim» e o «não»

Barbosa de Oliveira, que lidera uma coligação entre socialistas e comunistas num dos sindicatos mais fortes da UGT e sem «concorrente» na Inter, fundamenta a sua opinião na experiência da sua organização.

«Tenho consciência que a aliança entre comunistas e socialistas no meu sindicato, hoje já consolidada, é um passo importante na defesa dos interesses dos bancários, mas não me criou a ilusão de pensar que os comunistas pensam como os socialistas. A privatização da banca é disso um exemplo».

«Se ainda não é este ano que se comemora o 1º de Maio em conjunto, como é então possível propor-se a fusão das duas centrais?», interroga-se.

Para o presidente do SBSI o futuro não passa por fusões, mas por «a UGT ser uma central onde caibam todas as tendências, seguindo um percurso correcto na defesa dos interesses dos trabalhadores, sem concessões a pessoas ou ideologias». E acrescenta: «Se isto é um projecto para 10 anos, quando chegar a altura vê-se. Não estou contra nem a favor, agora não perdi foi a noção da realidade».

José Brandão, dirigente do Sitra (rodoviários) considera que a proposta do líder da sua central «não tem cabimento».

Posição mais moderada têm

Francisco Fortunato, do Sindéfer (ferroviários), e Armando Santos, do Sindicato de Seguros do Sul.

Para o primeiro, a proposta de Torres Couto «é positiva, se passar pela obrigatoriedade dos sindicatos da CGTP se transformarem tornando-se mais social-democratizantes, e pela modificação do actual 'statu quo' da UGT».

Francisco Fortunato defende que uma fusão das centrais terá de corresponder a profundas alterações de comportamentos, reconhecendo que, concretamente no seu sector, «essa possibilidade não se pode pôr hoje, pois há um passado de tal maneira forte que não o permitiria».

De qualquer forma, «os acontecimentos que se estão a dar na Europa apontam para essa situação, se quisermos sobreviver», acrescenta.

Armando Santos, por sua vez, considera que se trata de um assunto que «terá de ser muito discutido, levado até às bases».

No seu sector, onde a CGTP não tem qualquer sindicato, a fusão «não levantaria grandes problemas. A médio prazo esse é o caminho, tanto mais que hoje o fantasma do comunismo já não se põe, as pessoas querem é um sindicato forte».

Se o projecto se concretizar, Armando Santos pensa que «provavelmente aparecerá uma outra central, de direita, onde ficarão todos aqueles que têm outra visão».

CGTP: reacções negativas

Nos sindicatos da CGTP a questão não se coloca da mesma forma. Em causa está, sobretudo, a boa-fé de Tor-

res Couto ao fazer tal proposta.

Para Manuel Lopes, dirigente da Intersindical, «o que Torres Couto quer é travar a nossa adesão à CES (Confederação Europeia de Sindicatos). Quis criar uma situação que possa exportar para o estrangeiro, dizendo que nós continuamos na mesma. Não há proposta nenhuma de fusão».

Carlos Mamede, da Federação de Sindicatos da Função Pública, considera que existem «distâncias e diferenças de objectivos programáticos e de natureza entre a UGT e a CGTP» que não podem ser esquecidas.

«A atitude de Torres Couto visa criar mais um facto político», opina aquele dirigente, acrescentando: «Se se tratasse de uma atitude séria, o secretário-geral da UGT teria tido o cuidado de não passar 10 minutos na televisão a atacar a organização a quem fez uma proposta de fusão», disse, referindo-se ao debate entre os líderes das duas centrais no «Jornal de Sábado» da RTP.

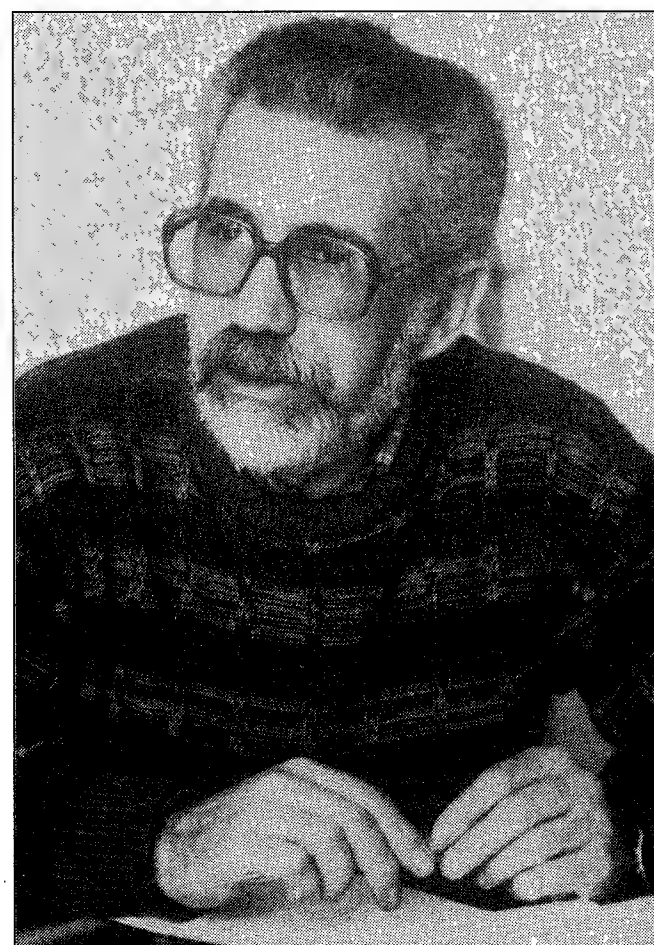
«Era mais sério e bem compreendido pelos trabalhadores se em vez desta proposta de casamento, Torres Couto e os dirigentes da UGT na Função Pública mostrassem mais disponibilidade para a convergência nas acções de luta que visam resolver os problemas que hoje se colocam aos trabalhadores. É assim que se constroem coisas, não com propostas miríficas».

Também Fernando Fidalgo, da Festru (rodoviários) afirmou que a sua federação «não tem nada contra a unidade na acção, sempre defenções sindicais devem estar unidas para que a luta dos trabalhadores seja mais forte».

Mas quanto a casamento, é mais cauteloso: «Se existem duas centrais sindicais não é por culpa da CGTP, que já existia».

Para a UGT agora é importante a fusão porquê? Reconhecem que durante todo este tempo estiveram errados e que a CGTP é que sempre defendeu os trabalhadores? Se são esses os motivos, então não temos nada contra».

Para aquele dirigente sindical, a proposta da UGT só justifica discussão se a organização «pretender alterar o seu interior. Agora se a ideia é modificar a CGTP, a questão é muito mais polémica e não passa pelas cúpulas, mas pelos trabalhadores. E eles, com o seu apoio, têm demonstrado que não estamos errados, portanto não há razão para nos modificarmos».



Manuel Lopes: «O que Torres Couto quer é travar a nossa adesão à CES»

A proposta de unidade do movimento sindical português lançada por Torres Couto dirige-se igualmente aos sindicatos independentes, mas também nesse universo o seu repto não colheu boas vontades.

Castelo Lopes, presidente do Sindicatos dos Maquinistas da CP, uma das mais fortes estruturas independentes, afirmou ao DL que a sua organização pretende continuar como está. «Se o convite é para integrarmos uma central única, a nossa resposta é que continuaremos independentes».

«Nunca tivemos qualquer apoio das centrais nas nossas lutas e consideramos que elas não têm defendido os direitos dos trabalhadores, como é o caso das correcções salariais», acrescentou.

Para Castelo Lopes, o secretário-geral da UGT apenas pretendeu com as suas declarações «apanhar a Inter de surpresa» e tirar disso dividendos «políticos». «Torres Couto é useiro e vezeiro nessas coisas», afirmou.

Também Arménio Santos, líder dos Trabalhadores Social Democratas (TSD's) considera que as declarações do secretário-geral da UGT, «pelo seu inesperado, traduzem mais uma opinião pessoal do que do espaço sindical que a central representa», uma vez que «os sindicatos que nela estão fili-

ados e os seus associados não foram chamados a expressarem-se sobre a questão».

Nessa base, para Arménio Santos a proposta de Torres Couto «não é determinada por razões que tenham a ver com o movimento sindical, antes tem motivações de outra ordem, como sejam as próximas eleições presidenciais e legislativas».

«Só se se verificaram mudanças no interior das duas centrais de que nós não nos apercebemos», afirmou, recordando que «ainda há dois ou três meses Torres Couto disse publicamente que cortava relações com a CGTP devido a guerrilhas entre os escalões de base das duas centrais. Como é que então se inviabiliza o diálogo institucional entre as duas organizações e, sem que se declare que as guerrilhas de base terminaram, se abre espaço para um passo como é a fusão?».

Se esta nova situação cria razões para o aparecimento da chamada terceira central sindical é uma resposta que Arménio Santos não dá. Apenas afirma: «Acharmos muito bem que o Torres Couto queira ser secretário-geral da Intersindical. Os trabalhadores saberão encontrar os caminhos adequados e resolverão, com os seus sindicatos, se devem ficar nessa central ou retomar uma outra».

Elsa Andrade



Barbosa de Oliveira: «...muitos trabalhadores ficarão de pé atrás»

O movimento sindical e social na Polónia foi pioneiro do movimento reformista no Leste. O DL entrevistou André Pokrofski em Fátima. Ele continua a coordenar a religião e a política nos media polacos

É caso para dizer que tudo começou e tudo passa pela Polónia. O movimento de mudanças que alastra no Leste europeu começou, como é sabido, naquele país. O estado de sítio de Dezembro de 81, as greves de Gdansk, a luta do Solidariedade, os primeiros recuos do Estado, o papel de Walesa, as visitas de João Paulo II, o primeiro governo do Pacto de Varsóvia dirigido por um não-comunista, todos estes acontecimentos recentes não aconteceram, por acaso, na Polónia. Por sinal, também na década de trinta, ela foi a primeira vítima da barbárie dos nazis, pioneira na subordinação aos interesses militares soviéticos no pós-guerra.

Durante muito tempo, os mais prestigiados analistas disseram que o que se estava a passar naquele país iria

determinante para o futuro. João Paulo II, o antigo arcebispo de Cracóvia fez duas visitas à sua terra natal, nesses momentos decisivos, sem que o Poder tivesse poder para evitá-las.

Anos mais tarde, precisamente em 1990, Gorbachev é recebido no Vaticano com honras universais - canais de televisão de todo o Mundo seguiram cada passo da visita do líder soviético. Por fim, o Estado da Igreja Católica estabelece relações diplomáticas com a URSS no dia em que o Soviète Supremo confirma a liderança absoluta do ideólogo da *perestroika*.

Um homem discreto e influente representou os responsáveis pela política de informação da Igreja Católica polaca na recente Conferência do Comité Episcopal Europeu para os Média (CEEM): o padre

«O mais importante é a criação da Europa dos homens e da Europa das culturas»

gerar um movimento revolucionário em toda a Europa do Leste. A Polónia era vista e revista em todo o Mundo, pelos peritos militares das superpotências, por Reagan e por Gorbachev, por Deus e pelo Diabo, pelo Vaticano e...Karol Wojtila, ou seja o Papa João Paulo II, a primeira figura da Igreja Católica, não italiana, em 450 anos, como se sabe.

A Imprensa destacou, na altura, a importância decisiva que a Igreja Católica estava a jogar em todo o processo político, chegou a escrever-se que as celebrações religiosas se assemelhavam a verdadeiros comícios políticos.

Documentos dessa altura provam a profunda ligação do movimento sindical com a Igreja. Foi tão perfeita essa coordenação que a pressão político-social suscitada foi

André Pokrofski. Religião, política e informação é com ele. Apesar de ser o principal executivo para a programação católica da rádio e televisão na Polónia actual, fala pouco. É preciso escutar os seus silêncios.

P - Como está presente, actualmente, a Igreja Católica nos órgãos de Comunicação Social do seu país?

R - A informação do Estado tem, desde há uns meses, uma programação católica. Começamos essa actividade, na rádio em Setembro e na televisão, em Outubro. Antes, o que existia era o monopólio do partido sobre os media. Quando as greves começaram, nos anos 80, nomeadamente em Gdansk, quando o Solidariedade começou a mexer, a primeira exigência dos grevistas era a presença da Igreja na rádio e na televisão,



Padre André Pokrofski: «De alguma maneira, a Igreja tornou-se a única estrutura livre que podia exprimir o que pensava.»



João Paulo II e Jaruzelski: o futuro da Polónia ainda passa por eles

era a primeira exigência, mesmo antes das reivindicações económicas e de outro tipo. Simultaneamente, começou uma discussão entre o Governo e a Igreja sobre o estatuto político da Igreja na Polónia. As origens da actual situação derivam dessa análise. Por um lado, as exigências a partir das greves e das reivindicações e, depois, os con-

tactos entre o Governo e a Igreja.

P - Do ponto de vista da Igreja, a actual presença católica na Comunicação Social é satisfatória ou insuficiente?

R - O que se passa actualmente é que muda tudo tão depressa que é difícil responder a essa pergunta. Vive-se a despartidarização da Informação e a partilha dos meios de Comunicação

Como as mudanças começaram pela



O Papa

expressão de manipulação dos partidos, mas a expressão da base social da sociedade.

P - Sabe que, em Portugal a opinião pública - católica ou não - está apaixonada pelo tema da televisão privada e nomeada-

«A Igreja é um dos valores da

mente pela atribuição à Igreja de um canal de TV?

R - Ontem, quando cheguei, é que ouvi falar desse problema...

P - Ontem...

R - Sim, ontem.

P - Acha que em Portugal os valores da Igreja Católica não estão suficientemente difundidos e fortes?

R - Cheguei aqui agora e não tinha qualquer ideia a respeito desse assunto, mas acho que, em Portugal, a luta pela defesa dos valores católicos é mais fácil que na Polónia. Penso, no entanto que o que está em causa não é a defesa dos ideais cristãos, como tal. O que importa é construir uma Europa mais dinâmica, o que implica a aceitação dos nossos valores. Tanto a Leste como a Ocidente. A Europa Ocidental também tem problemas



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

danças revolucionárias pela Igreja Católica



O Papa visitou duas vezes a Polónia. Os resultados estão à vista

graves, como a droga, a SIDA, o suicídio e, por isso, não está preparada, por exemplo, para o encontro com a comunidade muçulmana que continua a chegar ao continente.

A Europa Ocidental está a

é uma garantia des da liberdade»

viver de algum modo como um mito do fim do ano de 1991 -sobretudo do ponto de vista económico e no aspecto político, quando o mais importante é a criação da Europa dos homens e da Europa das culturas.

P - Há quem compare, mesmo que seja uma heresia, o papel do Papa João Paulo II ao do Presidente Gorbachev nas mudanças que ocorrem na Europa. Há alguma semelhança?

R - O papel da Igreja neste momento na Polónia é descobrir como é que ela pode ajudar a população, como nos séculos XV e XVII, quando a sociedade tinha dificuldades e não tinha estruturas. A Igreja fez escolas, hospitais, etc. Julgo que hoje há uma analogia entre o que se passou nessa altura e o que acontece agora, e que a Igreja é uma garantia dos valores da liberdade. De alguma maneira, ela tornou-se a única estrutura livre que podia exprimir o que pensava.

P - Nos dias de hoje, esse movimento verificado no seu país, contribuiu, de alguma forma, para o que se passa em

toda a Europa do Leste?

R - Talvez, mas cada país tem o seu dinamismo próprio.

P - O que levou, então a uma evolução tão rápida em todos os países do bloco socialista?

R - Isso depende de cada Estado, mesmo que às vezes, algumas coincidências sejam evidentes. Destaco o papel dos media em todo este processo. Para mim, a Igreja continua a sublinhar a evangelização como uma maneira de levar novamente as populações a escolherem o seu itinerário e a sua conduta social, uma vez que essa conduta social estava completamente destruída.

P - Posso concluir, numa perspectiva histórica, que as mudanças no Leste, o fim do socialismo organizado no Poder - o comunismo - representou apenas uma fase da história? Que os comunistas, no fundo, foram cristãos à procura de mais justiça?

R - Eu penso que há pessoas desse tipo mas em pequena percentagem, porque o comunismo que nós conhecemos era uma força totalitária que impôs a sua vontade contra a vontade de toda uma população. Descobrimos na Europa uma espécie de Mafia ligada ao Poder, com fortunas enormes, contas na Suíça, como Erik Honnecker ou Nicolau Ceausescu - feitas à custa do empobrecimento dos seus povos. O que se passou em termos gerais foi a existência de grupos que oprimiram a população.

P - Vai sair deste encontro de Fátima alguma ideia nova para

a Igreja polaca?

R - Eu já participei em muitas reuniões internacionais, desde há vários anos e o que concluo é que, desde há dois anos, para os católicos ocidentais, a Igreja nos países do Leste era algo pouco consistente. Os países do Leste eram vistos mais ou menos como um jardim zoológico. Os acontecimentos no Leste europeu mudaram esta situação e é bom que hoje se pense de forma diferente, o que permite a todos os europeus, católicos ou não, pensar na grande Europa. Neste sentido este encontro de Fátima dará mais uns passos em direcção a essa Europa.

P - Eu diria que quem fez a revolução na Polónia foi a Igreja. No Ocidente, ela pode jogar um papel mais revolucionário e menos ortodoxo?

R - Isso é uma pergunta tipicamente jornalística. Que significa, de facto, ser revolucionário ou ser ortodoxo? A doutrina social da Igreja contém elementos de mudança, simplesmente a Igreja não tem posto em prática esses elementos, o dinamismo está na doutrina.

P - E por que é que não tem levado à prática esses elementos de mudança?

R - Isso é o que eu gostaria de perguntar aqui, porque no meu país aconteceu a aplicação do dinamismo contido na doutrina.

P - E para suceder essa modificação é precisa uma presença maior da Igreja nos media?

R - Sim, provavelmente é preciso.

Pereira de Almeida

COMENTÁRIO

A lição vem do Leste

Interessante, significativa é actual a breve entrevista do padre André Pokrofski. As suas declarações, sóbrias e medidas, à parte referências de carácter conjuntural, sugerem dois temas que estão no cerne das relações da Igreja com o mundo, e da sua presença e acção nos sectores hoje mais dinâmicos e determinantes da sociedade. Concretizando, o sacerdote polaco aborda em primeiro lugar a questão de saber para que quer uma Igreja os meios de comunicação social, e termina os seus propósitos num acto de fé na capacidade transformadora da doutrina católica, ao mesmo tempo que denuncia a sua não aplicação prática por parte da Igreja.

Quanto à primeira questão, o seu pensamento, claro e transparente, inscreve-se na mais genuína fidelidade ao sentir e orientação do Concílio Vaticano II. À tendência ainda tão corrente numa Igreja introvertida, continuamente preocupada em defender os seus direitos, valendo-se do facto de ser depositária secular de valores que impregnaram civilizações e culturas, ele contrapõe uma Igreja ao serviço do mundo, daquilo que em dado momento é sinal de crescimento desse mesmo mundo, no caso presente, a construção de «uma Europa mais dinâmica que implica a aceitação dos valores cristãos».

A distinção não é de pormenor ou pura forma; a diferença é de fundo, porque é de natureza. Que a televisão seja «o novo púlpito da Igreja», como há dias afirmou ao «Diário de Notícias» o bispo de Aveiro, D. António Marcelino, qualquer cristão não tem dificuldade em admitir-lo. Aliás, os instrumentos mediáticos de que se serve a Pastoral da Igreja em Portugal continuam a estar desajustados dos avanços sociais e tecnológicos que influenciam e modelam a cultura contemporânea. Numa época do primado da imagem, a comunicação da Igreja, permanece frequentemente acorrentada a formas tão rotineiras, como as homilias monotonamente lidas ou então levemente improvisadas, a catequese repetitiva que as crianças ouvem (?) com o pensamento nos programas televisivos que deixaram em casa, as reuniões, sessões e colóquios que se multiplicam, segundo métodos pedagógicos que acabaram por perder todo o vigor, e muito mais que seria longo enumerar.

O audiovisual não é para a Igreja de hoje um simples instrumento entre outros. É uma necessidade, uma prioridade.

Mas o problema fundamental que se levanta é o de saber-se por exemplo com que espírito, sentido e objectivos vai a Igreja entre nós possuir e utilizar um canal de televisão. A este respeito, mais do que dividir a Igreja e a sociedade portuguesa, entre os que estão de acordo e os que não estão, seria muito mais digno e cordato abrir-se um debate sincero e inteligente que percorresse todo o corpo da Igreja e do País, e permitisse a bispos, padres e leigos essa coisa simples que ainda não se ouviu, que é o saberem dizer as razões por que a Igreja quer e se dispõe a comunicar através de uma televisão que seja a sua. Com todo o respeito que as pessoas

nos merecem, e dado por adquirida a sua capacidade negociadora e empresarial, a verdade é que até agora os argumentos adiantados pelos porta-vozes constituídos para o efeito, são dum tal vazio eclesial, que, além de reflectir uma pobreza de pensamento, é a expressão triste duma concepção da Igreja que julgávamos já esquecida e ultrapassada. Mas adiante.

O outro tema que ressalta da entrevista que aqui se ousa comentar, não é menos aliciente, tanto mais que o P. Pokrofski não adianta nenhuma resposta, deixando em aberto uma interrogação de peso, dirigida às Igrejas do Ocidente.

Segundo ele, opinião que não custa partilhar, a Igreja, detentora duma doutrina que contém elementos capazes de transformar uma sociedade, revela-se incapaz de utilizar todo esse património de princípios, valores e vivências, para que as sociedades se sintam animadas a vencer as propensões escravizantes que sempre as ameaçam. Chame-se, como é referido, droga, sida, suicídio ou ainda consumismo, individualismo e corrupção, o certo é que, não lhe sendo exclusiva essa missão, cabe à Igreja a tarefa de, à sua maneira, propor alternativas éticas convincentes que levem os homens de hoje a optar por valores, que nem o tempo desgasta nem os imponderáveis da história destroem.

Há que reconhecer-se que se trata de tarefa espinhosa, de difícil gestão e complexo cumprimento.

A história tem revelado que a Igreja, como aconteceu na Polónia, no Chile, no Brasil, em Moçambique, na África do Sul, nas Filipinas, foi muitas vezes «uma garantia dos valores da liberdade». Mais universalmente, ela tem desempenhado um papel supletivo, enquanto refúgio de desamparados, amparo de marginalizados, espaço aberto em que os homens se encontram para programarem e viverem tempos de formação profissional, enriquecimento cultural e justo lazer. O que porém não é tão evidente é que numa sociedade livre e democrática, a Igreja tenha encontrado os meios adequados, em pessoas e instituições, para que os dinamismos da sua doutrina alterem o curso quicá funesto do comportamento dos homens e da condução da sociedade. E que o faça sem qualquer mostra de paternalismo ou intenção de poder.

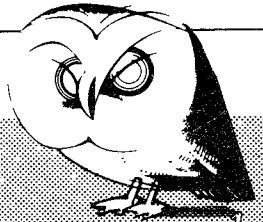
Interrogado se a Igreja precisa de uma maior presença nos mass-media para que essa modificação se dê, o P. Pokrofski remata com um simples «provavelmente sim». Ainda aqui, a resposta pendente e inteligente. Sem pretender adivinhar-lhe o pensamento e muito menos atraçá-lo, seria levado a dizer que muito se ilude quem pensa que a presença, ainda que revigorada, da Igreja nos mass-media é o «bentinho milagroso» que tornará fecunda a sua acção evangelizadora.

Na melhor advertência escolástica, não se confunda a forma com o conteúdo. A imagem só convence e converte, se aquilo que reflecte é pensado e vivido em termos de sólido e experimentado testemunho de propostas que correspondem às expectativas e aspirações dos que a olham e vêm. Esse é o segredo. Essa a lição que vem do Leste...



Jardim Gonçalves

CULTURA



olhar de mocho

«Missão impossível»

O programa de Álvaro M. Machado, «Leituras, Nós e a Europa» que se estreou no domingo ao serão, pode ser considerado um caso teste para a TV. Estavam em jogo dois temas arrojados, o passado colonial português e a nossa integração cultural na CEE. E os jogadores vieram de duas áreas opostas: a do *ancient régime* e a do Iluminismo, *Aufklärung*, ou em português mais corriqueiro, a da história crítica. E de novo, a expectativa também tinha duas faces: será possível, em linguagem televisiva, abordar os dois temas? Será possível, por fim, esclarecer em vez de confundir mais as coisas?

Quanto à integração na CEE, a conversa «civilizada» como o moderador lhe chamou, pecou por falta de contexto. Subiram-se escadas de quatro em quatro degraus, galgaram-se demasiadas etapas: a CEE é uma comunidade originariamente económica, poderá vir a ser realidade política (o Willy Brandt falou, há tempos, numa data que apontava o ano 2000), mas quanto à cultura, ainda estamos na Idade da Pedra Lascada.

Um escocês e um inglês, um prussiano e um bávaro, um flamengo e um *wallon*, um basco e um castelhano ainda terão de esperar muitas gerações antes do aperto de mãos debaixo da respectiva bandeira nacional.

A Europa cultural está a anos de luz. Para nós, portugueses, o salto ainda é maior, pois passar uma perna por cima das colónias e sem a deixar pisar solo lusitano tentar fincá-las nessa nebulosa a que chamamos Europa, é proeza para heróis de «Lusiadas» que não consta terem deixado netos.

Mas o programa, neste ponto, foi certo: o tema era a CEE mas quase só se falou do passado colonial. A prova foi feita de que os traumas da História não se apagam com o recurso à teclazinha do computador: o «ratinho» volta atrás e a linha fica virgem.

Repete-se e sublinha-se o curioso do debate: ninguém se sentiu liberto do passado para poder encarar descontraidamente o futuro das rotas da Europa. Depois, veio o triste espectáculo da insistência no ultramar, da negação do nosso passado colonial, de pretendermos abafar a «voz dos vencidos», como certamente diagnosticou Eduardo Lourenço.

É sumamente triste que os epígonos do colonialismo, culturalmente, ainda existam e que os deixem piar em vez de porem o Vieira e o Las Casas a explicarem como é que as coisas se passaram. São testemunhas idóneas.

Se o programa pretendeu apenas ser tertúlia literária que em vez de ter lugar na mesa de café do Hotel Bragança do Eça, se desenrolou nos estúdios da TV, ele cumpriu a sua missão. Mas se a missão consistiu em nos pretender tirar as muletas de aleijadinhos para acertarmos o passo com os que não são atrasados nem atrasados mentais, então é preferível a outra alienação chamada «missão impossível» que não traz problemas de identidade.



José Sousa Monteiro

As exposições de Ràfols-Casamada e António Inverno, em galerias de centros comerciais, talvez ajudem a compreender que não é pelo facto de se mostrar pintura num local muito visitado que o público é mais bem servido ou os pintores são mais divulgados

A promoção do equívoco

Como o argumento de que a arte deve ser vista por todos - discussão que daria tela para grades - os centros comerciais passaram também a dedicar atenção ao fenómeno das artes plásticas, dedicando-lhe o espaço onde simultaneamente se vendem múltiplos, molduras, cerâmica e escultura de formato reduzido, sem esquecer a pintura-pintura, a mais das vezes mostrada num cavalete, mesmo que daí não venha.

E não sei bem porquê - ou se calhar até sei - essa atitude faz-me sempre lembrar o espírito de iniciativa das associações recreativas, desportivas e culturais. Se é ou não, os sociólogos que o digam.

O que aqui interessa clarificar é que as lojas, que nos centros comerciais vendem quadros, não são galerias de arte. São quando muito, um espaço expositivo relativamente ordenado, mal iluminado (porque à luz interior se soma a aberrante iluminação exterior), vocacionado para servir um público estimulado com a ideia de que a acessibilidade da arte, por eles promovida, nada tem a ver com a efemeridade das propostas de vanguarda, que consideram um modismo. E servindo-se do poder de compra dos seus apaniguados, a arrogância da ignorância conforta-os com quinquilharia.

Sob o pretexto da necessidade de uma aproximação com a Espanha, também às galerias dos centros comer-

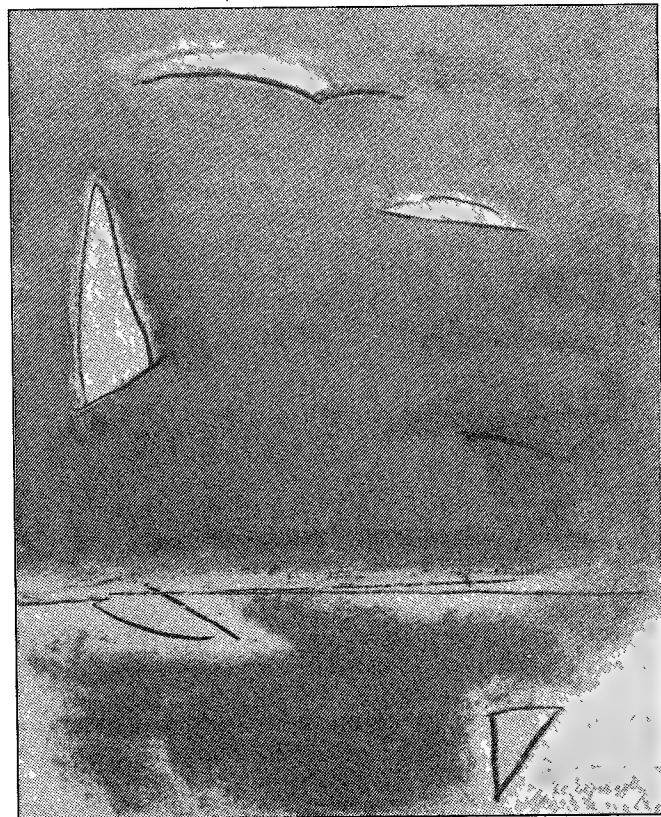
ciais não escapou a oportunidade de importarem qualquer coisa com o argumento da actualidade. O Centro de Arte Rainha Sofia é a sua Meca, e a presença do autor um Messias. Da grandiloquência do paradoxo resulta a exposição de Ràfols-Casamada na Multiface do Centro Comercial Gemini.

A exposição organiza-se em termos de divulgação das diferentes disciplinas que o pintor catalão colore: acrílicos sobre tela, gouaches, técnicas mistas sobre papel, águas-fortes e serigrafia.

Casamada é um colorista de expressão mediterrânica, sem a inocência de Miró nem a conflitualidade de Jordi Colomer, por exemplo, porque dele se pretende a exemplaridade dos extremos. Não representa uma escola, uma tendência, uma autonomia, e só disso poderá ser representativo.

Como ele, há dezenas. Tanto em Espanha como em Portugal. Igualmente bons no domínio da cor, na resolução da superfície, na abordagem do tema - se de um tema se trata - na saturação. O que convém perceber nesta exposição de Ràfols-Casamada, na Multiface do Centro Comercial Gemini, é que ela em nada se distingue de nada que centenas de outras infinitamente iguais também não dizem.

Um outro Centro Comercial, o das Telheiras, também tem uma galeria. A Artela. Como a do anterior, também



Palma 5, técnica mista sobre papel, de Ràfols-Casamada

volta para exposições individuais, e com a mesma falta de autonomia de um sentido.

Aqui, é o serígrafo António Inverno que expõe. O que a anterior tinha de pretensiosismo, tem esta de dignidade de quem sabe que o que pinta é consequência de passar a vida a dar vida à pintura que reproduz dos outros. Não poucas vezes António Inverno tem sido chamado pelos

autores a participar na edição das serigrafias que, saídas do seu atelier, são um garante de qualidade e honestidade de processos.

Talvez por isso, no pequeno desdobrável que acompanha a exposição de António Inverno, as referências são o reconhecimento que lhe é devido ao seu trabalho de serígrafo, que não está nesta sua exposição de pintura.

Jorge Fallorça

B R E V E S

Orquestra Juvenil da CEE actua em Lisboa a 21

A Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia apresentar-se-á no próximo dia 21 em concerto marcado para o Teatro Nacional de S. Carlos, inserido na digressão primaveril que a orquestra vem fazendo pelos Doze. O programa foi ontem divulgado em conferência de Imprensa por Joy Bryer, gestora da iniciativa que o Parlamento Europeu votou em 1976: sob a direcção do maestro Matthias Bamert, serão interpretadas peças do compositor contemporâneo Elliott Carter e de Brahms, para além do Concerto para Violino e Violoncelo e da Suite Romeu e Julieta de Prokofiev.

A orquestra reúne um total de 140 executantes, seleccionados a partir de 4000 candidatos e anualmente renovados, para não cristalizar numa elite de pequenos génios. As capacidades da Orquestra Juvenil da Comunidade Europeia estão, no entanto, de tal modo confirmadas que alguns dos grandes maestros já trabalharam com ela, nomeadamente Karajan, Bernstein, Mehta e, neste momento, Boulez.

Os solistas do concerto lisboeta serão Salvatore Accardo no violino e Mario Brunello no violoncelo.

David Liebman vem a Lisboa em Junho

O conhecido saxofonista de jazz David Liebman vem a Lisboa em Junho para conduzir um seminário de teoria e prática musicais, organizado pelo Hot Clube e destinado

preferencialmente aos alunos da sua escola. A vinda deste elemento do quarteto Quest tem tanto maior importância quanto se sabe que Liebman é o presidente da International Association of Jazz Schools, sendo de prever, pois, sérios desenvolvimentos na prática formativa daquele clube de jazz com sede na Praça da Alegria.

O seminário, que decorrerá entre 11 e 14 do referido mês, terá como cenário o Palácio Fronteira, à semelhança do que ocorreu o ano passado com John Abercrombie. Na oportunidade o Hot Club promoverá algumas *jam-sessions* com o músico americano nas suas instalações e tem em agenda a produção de um concerto na Aula Magna, com um grupo de acompanhamento português e data ainda por acertar.

As inscrições para os quatro dias de estudo com David Liebman abrem na segunda semana de Maio.

Teotónio Pereira tem projecto para o Tivoli

O arquitecto Nuno Teotónio Pereira confirmou ao «DL» a notícia veiculada na última edição do semanário «Independente» de que é o co-autor de um projecto de recuperação de edifícios na Avenida da Liberdade, designadamente na zona que enquadra o edifício do Cinema Tivoli. O projecto, assinado também por Pedro Botelho, está actualmente em apreciação no IPPC, e tenciona cumprir escrupulosamente «o princípio de que a fachada e interiores dos edifícios devem ser preservados segundo a traça original».

«As únicas modificações que prevemos para o interior do Cinema Tivoli são as indispensáveis para o seu uso polivalente», disse-nos Teotónio Pereira, a propósito.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Três horas e meia foi quanto o pregoeiro do Palácio do Correio-Velho precisou para aquecer o público que ontem à noite correu ao Forum Picoas para a primeira sessão do leilão de arte contemporânea

A bolsa da arte

Para muitos, o leilão de ontem terá sido uma desilusão. É que entre os 213 lotes que foram à praça, não constava uma única pintura ou escultura.

Anunciado como o maior leilão de arte contemporânea portuguesa e estrangeira (e a que o «DL» já fez referência na edição da passada quarta-feira), para esta primeira sessão os organizadores optaram por levar apenas mobiliário, pratos, porcelanas e vidros.

O leilão começou por volta das 21 e 30, com oito pequenas peças de porcelana chinesa, Companhia das Índias, que não atingiam a centena de contos. Logo a seguir, os preços iam subindo gradualmente de tom, mas não de emoção. Foi o caso de uma porcelana chinesa, Companhia das Índias, família verde, que, a exemplo de outras de idêntico *pedigree*, não atingiu os mil contos previstos.

Houve muitas aquisições, é um facto, mas a disputa e a cumplicidade entre os licitadores foi morna e sem história. Se alguma houve de início (lote 62), a tarefa coube a um pequeno paliteiro em prata, com perto de trinta centímetros, representando um antigo guerreiro, com escudo ostentando o brasão da cidade do Porto. De origem portuguesa, e por arrastamento, também brasileira (são conhecidos muito poucos originais espanhóis) os paliteiros são, naturalmente, muito

procurados pelos colecionadores. As licitações (da ordem dos cinco mil escudos) ziguezaguearam na sala até se atingirem os 200 contos estimados para este paliteiro do século passado.

Os lotes de porcelanas chinesas, Companhia das Índias - terrinas, jarras, travessas, alguns pratos - sucederam-se sem sobressaltos, e só raras vezes os preços de *martelo* em pouco suplantaram os valores estimados. Aliás, as bases de licitação com que o pregoeiro começava os lotes eram inferiores às mencionadas no catálogo.

Mas as exceções lá estavam para fazer a regra. Entre elas, a atenção com que o misterioso ou misteriosos compradores via telefone seguiam o leilão, não lhes escapando um par de galos Companhia das Índias, que excedeu em cem os mil contos estimados. Mais espectacular foi a aquisição de um par de jarrões da mesma origem, que pelo mesmo processo (ou não ficasse o Forum a dois dedos de conversa dos TLP) foi rematado por 1200 contos contra os 800 previstos.

Um prato de sopa, também em porcelana chinesa e igualmente Companhia das Índias, decoração Colégio Real dos Nobres de Lisboa (dito dos «meninos de Palhavã»), apesar do defeito (dois cabelos) foi uma das vedetas da noite. 700 contos foram a base de licitação, contra os 800 anunciados, tendo atingido rapidamente os 1 500, sem

que o telefone se impusesse na sala.

Algumas peças avulsas como relógios, jarras arte nova, estatuária e armaria, também integraram a sessão de ontem à noite do leilão do Palácio do Correio-Velho.

A estatuária religiosa pouco interesse despertou e, uma Nossa Senhora com Menino (pedra de Ançã, Escola de Coimbra, século XVI) foi retirada quando o pregoeiro não escondeu a evidência de de ter sido *tocada*. O restauro, se de restauro se tratou, descuidou completamente a impressão do que mais parece ter sido a passagem de uma lixeira mecânica, se é que a afirmação é insólita.

Quatro belíssimas espingardas (uma Brown Bess India Pattern, duas americanas de pederneira, Hall Harpers e Middtown-Connecticut, e uma espingarda revólver Le Faucher, de seis balas, com coroa trabalhada, provavelmente belga, e não francesa, como se indicava no catálogo) foram seriamente disputadas, tendo a última atingido os 370 contos, apesar de uma base de licitação de apenas cem.

Entre as peças que poderiam tornar a sessão de ontem mais competitiva, destacava-se uma papelreira com alçado, estilo D. José, em pau santo, que funciona como oratório, cuja base de licitação eram os 7000 contos, podendo atingir os 10000. Os mesmos valores foram atribuídos a uma

tapeçaria flamenga, também do século XVIII. No entanto, quando ao fim de mais de duas horas chegou o almejado momento, estas duas peças foram secamente retiradas. Nem mesmo a funcionária da casa leiloera que durante toda a noite emprestou a voz aos misteriosos compradores que, via telefone, adquiriram uma parte significativa do leilão, quebrou o silêncio da sala. Quebrara-o pela última vez, quando adquiriu por 700 contos um raríssimo portapaz em prata branca e dourada, do século XVIII, representando a Divina Trindade sobre as nuvens.

Percebia-se que o público (e entre ele, a responsável na SEC para a área da arte contemporânea) que enchia a sala do Forum Picoas onde ontem decorreu a primeira sessão do leilão do Palácio do Correio-Velho, estava ali para outra coisa. Essa outra coisa, é o lote de pintura e escultura que, por certo vai animar esta noite.

A ausência que ontem se fez notar de alguns conhecidos colecionadores, facilmente deixa prever que se estiveram a *poupar* para uma noite onde de Almada a António Areal, Paula Rego a Vieira da Silva, Lindstrom a Karel Appel, Abel Salazar a Eduardo Viana, e outras não menos disparez escolas, vão estar em presença, num leilão de invulgares características qualitativas e quantitativas.

Jorge Fallorca



Usado durante meados do século XIX este paliteiro terçou armas com cifrões até 200 contos

B R E V E S

Cinemas em Portugal: receitas descem e salas fecham...

As receitas dos cinemas em Portugal continuam em crescente queda, e as salas a fechar, de acordo com as informações estatísticas oficiais mais recentes. Efectivamente, no terceiro trimestre de 1989 as receitas das sessões de cinema ficaram-se pelos 659 mil contos, quando foram de 911 mil um ano antes. Em termos de salas a funcionar, a tendência é para o fecho, muito principalmente para as maiores. De 311 salas de cinema, no final do terceiro trimestre de 1988, passou-se para 303 no trimestre seguinte e 289 no primeiro trimestre do ano passado. O número baixou depois para 264, no segundo trimestre, e 217 no terceiro trimestre. As maiores salas continuam a desaparecer, e com mais de mil espectadores só já sobram dez salas de cinema, uma de teatro, duas de ópera, duas de concerto e de bailado. Há um ano, ainda havia 13 salas de cinema com mais de mil lugares, sendo os outros valores idênticos.

Rushdie: não julgamento no Reino Unido

O Tribunal Superior de Londres decidiu que Salman Rushdie, autor do controverso livro «Versículos Satânicos», não pode ser julgado ao abrigo das leis de blasfémia do Reino Unido. A organização Frente de Acção Muçulmana Britânica desejava levar a tribunal Rushdie e a sua editora, a Viking Penguin sob a acusação de blasfémia e libelo difamatório sedicioso.

Sara: funeral com canções

Cerca de um milhar de pessoas, assistiram segunda-feira, em Newark (New Jersey), ao funeral da cantora de jazz Sara Vaughan, falecida com a idade de 66 anos. «Uma voz nascida no Paraíso canta de novo no Paraíso acompanhado de um coro anjélico» - afirmou o reverendo Granville Seward, pastor baptista, que presidiu às cerimónias fúnebres. Canções de Sara Vaughan foram entoadas durante o funeral.



Dedo à esquerda, martelo à direita, o pregoeiro acerta em frente

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O último inquérito sobre «as práticas culturais dos franceses» revela que a imagem e o som se tornaram, no fim dos anos 80 em França, no eixo da própria Cultura. Em detrimento da escrita... Escrita que, entretanto, foi enriquecida com uma nova palavra: zapper. Sem significado (por ora...) em português, zapper quer dizer «andar a mudar de canal para canal com o telecomando da televisão»

Ver, ouvir e... ir ao restaurante

A França muda depressa, muito depressa. Na sua maneira de agir, de pensar e mesmo de sentir. Mas nada é mais difícil de avaliar do que a evolução das mentalidades, que é por excelência do domínio do qualitativo. Todavia, o inquérito sobre «as práticas culturais dos franceses» é um meio excepcional de aferir e compreender as novas relações que a nossa sociedade mantém com a cultura, ou seja, consigo própria.

Foi em 1973 que o gabinete de estudos e de prospeção do Ministério da Cultura sondou pela primeira vez as nossas práticas culturais. Em 1981 fez-se um segundo inquérito. O que agora surge - feito nos mesmos moldes do que as precedentes - dá-nos, assim, além da imagem do nosso consumo de objectos culturais, um quadro bastante significativo dos nossos comportamentos de há quinze anos para cá.

Realizado por Olivier Donnat e Denis Cogneau sob a direcção de Augustin Girard, este trabalho resulta de uma sondagem efectuada em dois momentos diferentes - Dezembro de 88 e Janeiro de 89 - pelo Instituto Francês de Demoscopia, numa amostragem de 5000 pessoas representativas da população francesa de mais de 15 anos. Mas os impulsionadores do projecto não se contentaram em alinhar colunas de números e quantificar o nosso consumo segundo a idade, posição social, habilitações literárias e localização geográfica.

Telegeração

As práticas culturais dos franceses sofreram profunda transformação nos últimos quinze anos. Os ministros da Cultura não têm muito a ver com o facto, mas as inovações tecnológicas, sim.

É a civilização material que influencia os comportamentos. A entrada massiva no mercado dos produtos culturais de instrumentos audiovisuais, a sua produção em grandes séries com a consequente baixa do preço destes produtos abalou e alterou completamente o quadro dos nossos hábitos culturais.

Hoje, apenas 5% dos lares franceses não possuem televisão - contra 14% em 1973 -, 89% têm televisão a cores, 48% dos quais com comando à distância e 25% têm vídeo. Esta difusão das técnicas e o alargamento do leque de escolha proposto ao consumidor levaram à intensificação do consumo destes produtos culturais. 73% dos franceses vêem televisão todos os dias, mas o fenómeno mais marcante dos anos 80 é o tempo que as pessoas passam a «ouvir».

Entre 1973 e 1981, a duração deste tempo de audição manteve-se estável - menos de 16 horas por semana. Hoje em dia ela é, em média, superior a 20 horas. E a percentagem dos que confessam olhar para o pequeno «écran» mais de 20 horas por semana passou de 20% em 1973 para 36% em 1988, ou seja, um aumento de 80%.

Os estratos da população que eram mais refractários à televisão - os quadros superiores, os parisienses, os estudantes e os jovens com idades, compreendidas entre os 20 e os 24 anos - são aqueles em que o hábito quotidiano da televisão mais aumentou. Em contrapartida, a duração do tempo de audição diminuiu um pouco nestes estratos. Mas - sublinha o estudo - «a televisão está de tal modo integrada no quotidiano das pessoas, que o acto de ligar a televisão não corresponde, na maioria dos lares franceses, a uma real decisão, fruto de uma escolha», pois 52% dos possuidores de televisão declaram que ligam a televisão assim que entram em casa, mesmo que não saibam que programa está a dar.

No seio deste movimento massivo e relativamente homogéneo, o uso do «zapping» e principalmente do vídeo constitui uma espécie

de resposta da liberdade ao hábito. Para as categorias ditas «cultas» é também uma maneira de afirmar a sua diferença através de uma audição escolhida, ou mesmo diferida, da televisão. Mas, mais do que a conquista total conseguida pela televisão, o que os inquéritos de 1973 e 1981 puderam pôr em evidência foi a afirmação de uma existência de uma «telegeração».

Trata-se da camada etária que abrange os que nasceram no final dos anos sessenta e no princípio dos anos setenta e que conheceram a televisão assim que nasceram. O aumento da audição televisiva nesta camada dos que têm hoje 20-24 anos é considerável, quer em regularidade quer em duração e é ainda reforçada pelo uso do vídeo: quem vai à cabeça são os jovens dos 15 aos 24 anos, tanto em equipamento, como em frequência e duração da utilização, quer ainda em número de cassetes vídeo possuídas.

Depois da televisão, o segundo «vencedor» da cultura dos 80 é a música. Também neste campo foi a inovação tecnológica que origi-

É uma realidade, a escrita sofre, tanto na leitura de jornais como na de livros. Para a Imprensa diária, a realidade é preocupante. A proporção de franceses que lêem um jornal diário todos os dias passou de 55% em 1973 para 43% em 1988. Os que o lêem menos de uma vez por semana aumentaram de 6% para 11%.

Esta baixa da leitura é nitidamente menos acentuada nos campos, entre as pessoas com mais de 50 anos; é massiva na região parisiense entre os empregados e os operários e entre os menores de 24 anos; e tem menor incidência na Imprensa regional do que nos quotidianos nacionais.

Os que lêem mais os jornais são os agricultores. Em compensação, resta-nos uma pequena consolação: a faixa dos de 20-24 anos que lê de forma irregular tem uma predilecção por «Le Monde», que 10% lêem todos os dias ou várias vezes por semana.

Quanto às revistas, 68% da população lê regularmente um semanário ou uma revista e estas personagens aumentam sen-

nada. Mais de metade dos franceses continua a ignorar pelo menos quatro destas práticas.

Mas se os franceses saem mais, então onde é que eles vão? Ao restaurante! Desmentindo os sociólogos que nos descreviam uma sociedade urbana virada para si própria e para o núcleo familiar, o inquérito revela-nos compatriotas que saem muito, que se convidam uns aos outros para ir ao restaurante e deixam de boa vontade o seu aparelho de televisão. Durante o ano transacto, 72% foram ao restaurante e a frequência média é de dezassete vezes, mais de metade foram na companhia de amigos e 68% com pessoas de família. O movimento engloba toda a gente, incluindo os agricultores, que, tradicionalmente, não «saíam» muito.

Em compensação, como que a recordarmos que a questão dos divertimentos não é independente das questões sociais, constata-se que, como reflexo da crise económica, é entre os operários não qualificados que se encontram aqueles que não saem, quando até agora era entre os reformados e os idosos que se encontrava o maior número dos que ficavam em casa.

Os privilégios de Paris

Esta leitura vertical dos resultados do inquérito leva-nos a fazer também a leitura dos novos modelos que aparecem na nossa vida cultural e a dos modelos antigos que persistem - por exemplo, a clivagem entre cultura de massas e cultura de elites -, apesar da vontade largamente apregoadada de querer ver desaparecer as clivagens.

Após uma primeira leitura, há elementos, que imediatamente ressaltam:

- O nascimento de uma cultura adolescente de que os jovens estudantes são os primeiros consumidores, que origina um novo tipo de divertimentos modernos, cuja prática se expande para o resto da população.

- O crescimento da sociedade. Os franceses cada vez se convidam mais uns aos outros. A vida associativa desenvolve-se: em 1973, apenas 19,5% dos franceses fazia parte de uma associação; em 1988, são já 27%.

- As pessoas idosas saem do seu isolamento cultural para estabelecer uma relação mais intensa com o exterior sem ser por intermédio do passado. O desenvolvimento dos clubes da terceira idade, o hábito de viajar, o aumento do número de idosos (o que os torna num mercado rentável para os produtores de bens de consumo), todos estes aspectos marcaram os últimos quinze anos.

- Paris conquista todos os privilégios. É a cidade mais rica, a mais dotada de equipamentos por habitante, aquela onde as saídas são em maior número, onde a prática musical é mais interna. Se já não pode falar-se de deserto francês em redor da capital, a verdade é que esta continua a usufruir de uma supremacia sem dúvida excessiva se estabelecermos a relação com o número dos seus habitantes: menos de um francês por cada dez habitantes.

Pierre Lepape
Serviço exclusivo «Le Monde»/DL

Tradução de Maria Otília Moreira

«Zapping» é uma palavra intraduzível em português (por enquanto...). Vem do inglês **to zapp** e significa originalmente «andar às voltas», «andar à deriva». A partir deste **zapp** inglês, os franceses criaram o verbo **zapper** que significa «andar a mudar de canal para canal com o telecomando da televisão». De **zapper**, surgiram, depois, **en zappant** e **zapping** (o acto de **zapper**) e o substantivo **zappeur-zappeuse**. Nenhuma destas palavras, de criação recente, se encontra ainda registada nos dicionários. (N. da R. DL)



A imagem e o som tornaram-se, nos anos 80, o eixo da cultura da França profunda

nou este movimento. Os possuidores de uma aparelhagem «hi-fi» passaram de 8% em 1973 para 56% em 1988. Mas o «boom musical» repercutiu-se em todos os indicadores. Em quinze anos a percentagem de franceses que ouvem discos ou cassetes pelo menos um em cada dois dias passou de 15% para 32% (mais do dobro).

A progressão abrandou um pouco a partir de 1981, mas isso deve-se ao aumento da audição de música na rádio, também consideravelmente desenvolvida com o aparecimento das «rádios livres» em FM. A rádio tornou-se o meio preferido dos jovens dos 15 aos 19 anos e a sua função musical ultrapassa hoje a função informativa. A esta onda avassaladora do equipamento musical é preciso acrescentar que um em cada três franceses têm um rádio portátil, 11% têm discos compactos e somente 16% não possuem discos ou cassetes - quer dizer, apenas mais 3% do que os que não possuem nenhum livro.

Portanto, a taxa de audição de música pelo menos duplicou na generalidade da população, mas a sua progressão é mais acentuada nas camadas mais refractárias: a progressão é de 1 para 5 no que se refere aos agricultores e de 1 para 6 no que se refere aos reformados. A progressão abrange todos os géneros de música, mas a sua hierarquia mantém-se igual à de há quinze anos atrás.

A canção vem bastante à frente, seguida da música clássica, do rock, do jazz e finalmente da ópera: a canção continua a ser o género preferido por todos os estratos da população.

sivelmente entre as mulheres e entre os jovens, entre os parisienses e os estratos socioprofissionais superiores.

As revistas são tidas como modernas, enquanto a leitura de livros não é considerada de igual modo. Embora os franceses que não têm nenhum livro em casa não fossem, em 1988, mais do que 13% - contra 27% em 1973 -, embora haja menos franceses que pura e simplesmente não lêem (25% contra 30%); os irredutíveis praticamente não diminuíram desde 1981 e o considerável esforço levado a cabo para, por exemplo, desenvolver a leitura pública, mais não conseguiu do que um mu ito ligeiro aumento no número de inscritos em bibliotecas: de 14% para 16%.

Esta estagnação foi acompanhada por uma diminuição do número médio de livros lidos. Alguns não leitores tornaram-se pequenos leitores - 32% lêem de um a nove livros por ano, contra 24% em 1973 -, mas os grandes leitores diminuíram: os que lêem mais de 50 livros por ano baixaram de 13% para 9%.

Ir ao restaurante

Analisando as saídas dos franceses, que, apesar da espectacular progressão da «cultura de interior», se desenvolveram fortemente por toda a parte, os autores constatarem, ao analisar a prática das saídas ditas «cultas» - teatro, espectáculos de bailado, concertos de música clássica, visita a uma exposição temporária, a um museu ou a um monumento clássico -, que os hábitos deste «núcleo duro» da cultura clássica não evoluíram praticamente

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«Cage» a partir desta noite no Teatro da Comuna

O riso de Kafka

Para a maioria das pessoas Kafka é o que é: o autor de «O Processo». A Comédie de Saint-Étienne, no entanto, sabe que ele é muito mais do que isso e vai dizer-nos porquê a partir de hoje e durante três noites consecutivas, pelas 21.30, no Teatro da Comuna. Trata-se da apresentação da peça «Cage», adaptada de um original desse mesmo Kafka, intitulado «Comunicação a uma Academia», numa iniciativa que inaugura as actividades da Convenção Teatral Europeia no nosso país.

De acordo com o que foi

dito aos jornalistas por Jacques Belay, actor e encenador de «Cage», na conferência de imprensa ontem realizada no Instituto Franco-Português, esta é uma peça que assume a forma de uma carta enviada pelo chimpanzé Rotpeter aos académicos da sua espécie, acerca dos hábitos humanos que ele observa a partir da sua jaula de animal amestrado. Embora o chimpanzé seja um estrangeiro na nação humana, não deixa de ser cáustico em relação ao que vê. É então que se nos desvenda o riso de Kafka, toda a sua capacidade de se transformar, de deixar

de ser o intelectual que só escreve de forma triste sobre assuntos tristes para ser também o rapaz da praia, na fotografia de 1914 distribuída aos jornalistas pela Comédie de Saint-Étienne.

Não obstante, apesar do riso, apesar de uma certa desmitificação do perfil literário de Kafka, o tema de «Cage» tem muito que se lhe diga e que ser levado em conta. Porque a grade atrás da qual Rotpeter se humaniza é a mesma grade em que nós constantemente vivemos na esperança de também nos humanizarmos, de nos tornarmos mais



«Cage», a peça que a Comédie Saint-Étienne leva à cena, a partir de hoje, na Comuna

Uma operação de charme

Balenciaga veste empregados da cadeia Novotel

O Novotel de Lisboa apresentou ontem um invulgar desfile de moda, onde os manequins eram os seus próprios funcionários vestidos com os novos uniformes, mandados fazer na casa Balenciaga, em Paris. Uma colecção sóbria e discreta, dentro do convencional, de acordo com as funções para as quais foi concebida. As peças que a constituem, 10 delas destinadas ao sexo feminino, e 12 para os homens, podem ser combinadas de diversas maneiras, permitindo um look mais solto, sem o aspecto desagradável da farda que acaba por contribuir para uma certa monotonia ambiental.

Mas quaisquer que sejam as opções, as misturas de cores, o resultado final é sempre de aprovar. Da recepção ao restaurante, passando pelo bar, o cliente depara com um apurado sentido de elegância, ainda que de gosto discutível. A todos os empregados foi distribuído o mesmo tipo de peças, depende da imaginação de cada um demarcar-se pela diferença. No entanto, quebraram-se as barreiras hierárquicas, a nível visual, os chefes não se distinguem dos que se situam nas categorias abaixo. Nesta operação de charme, a cadeia Novotel, com unidades espalhadas por 50 países, investiu 12 milhões de francos franceses, o que, em moeda portuguesa, representa perto de 320 mil contos. No fim de contas, o guarda-roupa de marca será vestido por 7000 funcionários.

«Estamos empenhados, desde África aos Estados Unidos, incluindo a Europa, em desenvolver uma campanha de qualidade. Considerando que a apresentação dos nossos colaboradores é fundamental, escolhemos uma marca de prestígio, neste caso a Balenciaga porque foi a que nos propôs melhores condições». Eis o que afirmou um dos responsáveis do Novotel de Lisboa.

Mas Balenciaga já não é Cristóbal Balenciaga, o es-



Francisco Paraiso

As peças podem ser combinadas, de acordo com a imaginação de cada um

panhol que nasceu em 1895 numa povoação do país basco, e que, na década de 30, surpreendeu o mundo da moda. Filho de uma costureira, após uma curta aprendizagem numa alfaiataria de Madrid, abriu o seu primeiro atelier, encorajado pela marquesa de Tordes, cliente da mãe, em San Sebastian. No fim dos anos 20, funda a Casa de Costura na capital espanhola que viria, entretanto, a fechar na época da guerra civil, com a fuga do costureiro para Paris, onde se instalou na Avenida George V. Os seus alunos, Givenchy, Courrèges e Ungaro, consideram-no «o arquitecto da Alta Costura», na verdade revelou-se um mestre insuperável na arte do corte. Com uma perfeita noção das proporções e do jogo de cores, possuía ainda uma faceta sin-

gularmente inventiva.

Na década de 50 operou uma espécie de revolução na silhueta, que se resume no alargamento dos ombros e no deixar de dar ênfase à cintura. Mais tarde, em 1959, inventa a linha Kimone para os casacos compridos, peças de um perfeccionismo absoluto. Balenciaga, nas suas roupas, inspiradas na pintura de Velasquez e de Goya, manifestava preferir o negro, cor que, por vezes, associava ao castanho. Durante os anos 60, sob as influências de Zurbaran, criou formas monacais e extremamente depuradas. Era genial. Só que, hoje, a Casa Balenciaga, após atravessar várias fases, é uma pálida imagem do que foi nos tempos áureos.

Lourdes Faria

parecidos uns com os outros. É por isso que o sofisticado animal de «Cage» confessa aos seus companheiros de espécie que os homens lhe parecem todos iguais. As aparências iludem mas o facto é que o chimpanzé não estaria tão iludido como isso ao constatar que o gosto pelo tabaco, pelos copos e pelo aperto de mão são regras de ouro da vida em sociedade.

A encenação está consciente de que em «Cage» tudo se joga com a grade e de tal forma a utiliza que ela se torna omnipresente. Afinal, quem se pode gabar de estar fora

dela?

Esta apresentação da Comédie de Saint-Étienne no Teatro da Comuna integra-se, como já se disse acima, numa série de iniciativas promovidas pela Convenção Teatral Europeia que hoje integra doze Estados, entre os quais se conta Portugal. Não se ficará por aqui, todavia. Para além do intercâmbio de espectáculos, pensa-se já em actividades mais profundas. A delegada da Convenção falou, a propósito, da abertura de um estágio para formação de actores europeus e da futura construção, em

Lisboa, dum centro de documentação teatral, donde a missão formativa também não esteja arredada. Interrogado pelos jornalistas sobre as possibilidades de um projecto como a Convenção numa comunidade de países de línguas e culturas tão diversas, Jacques Belay mostrou-se esperançoso. Disse que o teatro tem uma linguagem própria, independentemente de todas as diferenças locais. Uma linguagem que nos permite sentir o que em cena há de realmente importante.

M.J.M.

ESTA SEMANA
UMA PEÇA

jornal de letras, artes e ideias

ano 2, n.º 405 • Dia 10 a 16 de Abril de 1990 • 125000 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luís Abreu de Matos

COMO MUDAR O MUNDO?

UM TEXTO DE
VITORINO
MAGALHÃES
GODINHO
PÁGS. 16/17

GARCÍA MÁRQUEZ
NO LABIRINTO
DO LIBERTADOR

TEXTOS DE FERNANDO ASSIS PACHECO, JOSÉ CARLOS PIRES,
LINDA SANTOS COSTA E MIGUEL GUERREIRO DE CASTRO

PÁGS. 6/9

CARLOS QUEIROZ,
REAPARECIDO

• CRÍTICA DE FERNANDO GUIMARÃES • CARTA INÉDITA DE VITORINO NEMÉSIO •
ENTREVISTA A DAVID MOURÃO-FERREIRA E MARIA DA GRAÇA QUEIROZ • POEMAS

PÁGS. 9/12

ANA VIDIGAL, PINTURA POR PRAZER

PÁGS. 25



Durante décadas, as aulas de História foram um fastidioso desfile de datas e de individualidades. Apelava-se à memória e não à inteligência. Hoje, com a mudança dos conceitos pedagógicos, Maria Cândida Proença propõe aos professores uma nova abordagem do passado humano

A História em construção

Há tarefas espinhosas. Apesar da informática, apesar do progresso, ensinar História em Portugal é uma delas, mesmo que, exaustos de remar contra a maré da indiferença mútua, alunos e professores hajam perdido há muito consciência do facto.

Como na poesia, há, no entanto, alguém que diz não a um sistema educacional que se resume cada vez mais ao «magister dixit», porque só assim, sem criatividade nem individualismo, o aluno consegue a classificação capaz de abrir de par em par as portas do mercado laboral. A voz resistente é, neste caso, a de Maria Cândida Proença, que no livro «Ensinar/Aprender História - Questões de Didáctica Aplicada» se propõe alertar os professores desta disciplina para uma futura articulação das últimas conquistas da ciência historiográfica com as mais recentes descobertas da pedagogia nas aulas que no ensino secundário tomam a História por objecto.

Pensar antes de estudar

O ensino português assemelha-se, salvo algumas excepções, com um jogo de dados viciados, em que à partida tudo está decidido.

Professores e alunos acomodam-se ao mais fácil e boicotam toda e qualquer tentativa de comunicação que ultrapasse o transmitir e o assimilar de conhecimentos feitos, prontos a digerir.

Maria Cândida Proença insurge-se contra esta situação. Salienta que «o aluno deve ser posto perante problemas que lhe exijam capacidades para comparar, apreciar, formular hipóteses e procurar conclusões». Ediz esta frase notável e perturbadora: «Isto é, deve aprender a pensar antes de aprender a estudar». O mais importante para o aluno é compreender que a História não é uma matéria acabada, algo que cumpre aceitar como é porque nada mais há a acrescentar. Através do contacto com as várias modalidades de testemunhos deixados pelos homens que viveram em épocas anteriores, e uma vez alertado para a possibilidade de surgirem novos documentos, escritos ou não, que façam incidir uma nova luz sobre os acontecimentos, este aluno poderá concluir que a História, como a Química ou a Física, está permanentemente aberta a novos contributos.

Reconheça-se que não é tarefa fácil de encetar junto

de turmas do ensino básico ou do unificado. Mas não deixa de ser aliciante e necessário. As conquistas obtidas pela escola dos «Annales», em França, não podem ausentar-se por mais tempo dos bancos da escola. O pensamento historiográfico e as aulas de História não podem continuar a viver em compartimentos estanques. Jacques Le Goff, o grande medievalista francês, propôs, em entrevista concedida a Francesco Maiello, as vias de solução aplicáveis às escolas francesas. Maria Cândida Proença fez outro tanto para a nossa realidade educativa.

Para que o aluno se consciencialize de que a História é uma ciência em construção, cabe ao professor «mobilizar adequadamente conhecimentos de outros ramos do saber para a compreensão dos assuntos da sua especialidade».

O recurso aos conceitos e métodos criados por outras ciências, sociais ou não, para seu próprio uso, permite ampliar consideravelmente o campo de acção da História, mesmo que o contacto com a Sociologia ou com a Economia ainda se mostre muito ténue. Elucidar os alunos acerca disto é enriquecer-lhes os horizontes e motivá-los para uma abordagem mais

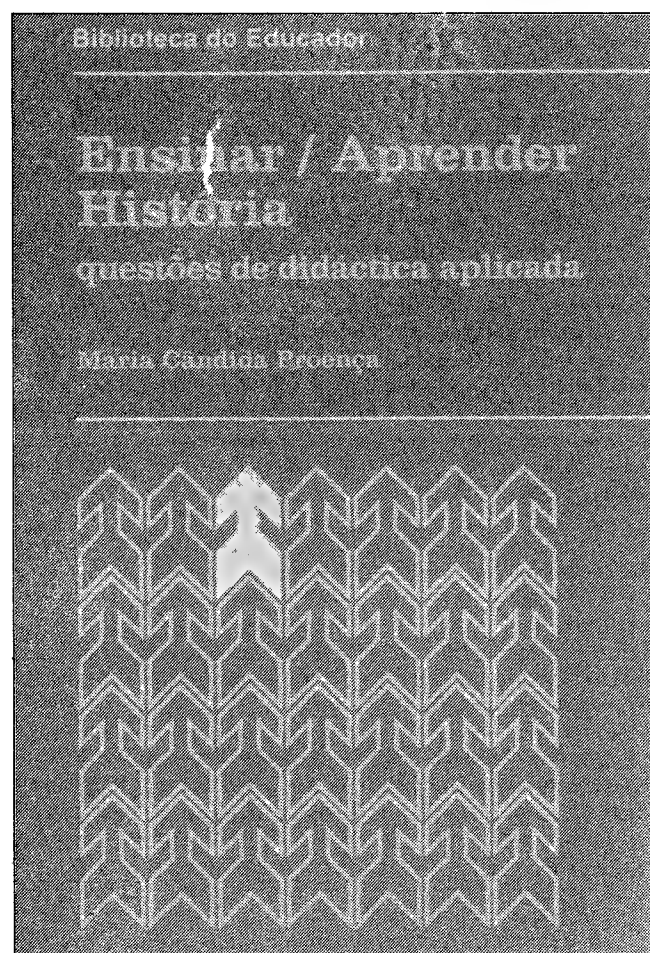
global da existência humana. É indispensável que desde o ensino secundário se comece a ver na História da humanidade mais do que um conjunto de intrigas palacianas decididas por habilidades de espadachim. O amor, a família, a marginalidade, os divertimentos ocupam, hoje, lugar de honra na ciência histórica e justificam obras de grande fôlego como a «História da Vida Privada», dirigida por Georges Duby e Philippe Ariès. Outrora, sabe-se o que acontecia a estes âmbitos da existência. Eram relegados para o nível das coisas curiosas, sem utilidade, ou eram pura e simplesmente ignorados, sem mais delongas, nem preocupações.

O tempo histórico no ensino

Se, como refere Maria Cândida Proença, «o ensino da História implica sempre a situação dos acontecimentos no tempo», o professor não poderá esquecer que «só por volta dos onze anos o aluno consegue compreender as implicações das datas históricas, sendo nesta idade que se pode situar o ponto de viragem entre a noção de passado e a de tempo histórico». Acontece, todavia, que a mesma escola dos «Annales» que conseguiu institucionalizar a importância da interdisciplinaridade, acrescentou ao conceito de tempo histórico o de ritmo. Cada acontecimento passou a ter, ao olhar do historiador, o ritmo que lhe era próprio, a surtir efeitos mais ou menos duradouros consoante a importância da realidade de que era reflexo.

Estabeleceram-se três níveis: a estrutura como «facto longo, mesmo até muito longo, cujas balizas cronológicas escapam à percepção dos contemporâneos», a conjuntura «que se situa geralmente, pela sua duração, entre o acontecimento e a estrutura» e, claro está, o acontecimento, «facto breve, que surge num momento preciso e de que os contemporâneos têm um conhecimento imediato: uma greve, a assinatura de um acordo, a publicação de um livro».

A abordagem da existência de três níveis de tempo histórico na



aula, sendo já de si problemática, torna-se ainda mais melindrosa quando é necessário consciencializar os alunos de que, na realidade, estes níveis são interdependentes entre si. A este propósito, Maria Cândida Proença propõe a elaboração de quadros sinópticos que auxiliem o estudante na visualização do problema: «Assim, ele verá que, enquanto os acontecimentos podem ser representados apenas por um ponto, os factos estruturais se representam por linhas de comprimento variável».

É evidente que na aula de História tradicional o tempo fora sempre o dos acontecimentos fugazes, mas célebres, o tempo das batalhas mais sangrentas, dos reis mais conquistadores, dos cardeais mais piedosos.

Pierre Vilar era professor de História nos anos que antecederam a 2ª Guerra Mundial e, segundo refere em «Iniciação ao Vocabulário da Análise Histórica», acreditava que a sua disciplina era «o único instrumento que pode abrir as portas do conhecimento do mundo, se não de forma «científica» pelo menos de maneira «inteligível»». Só que esse mesmo mundo estava pouco disponível para aceitar quem amasse o seu ofício ao ponto de o transformar. A incompreensão que a sua atitude gerou é-nos narrada pelo próprio Vilar: «Pouco tempo

antes, uma distinta associação de pais de alunos havia solicitado que todo e qualquer exame de História se limitasse a fazer recitar uma lista de datas apreendidas de memória».

Em Junho de 1964, António Borges Coelho foi preso pela PIDE porque ao escrever «Raízes da Expansão Portuguesa» fizera História e repudiara os heróis de papelão que haviam concretizado as datas-chave impostas pelo regime como se de verdades historiograficamente comprovadas se tratasse.

Décadas depois, sabe-se o que pais e alunos pensam ou dizem de professores que no lugar de responderem às mesmas perguntas de sempre, ajudam o aluno na tarefa de formular as suas próprias questões e de iniciar uma pesquisa que dure para além dos bancos de escola. Estes são os mestres indesejáveis, os que degeneraram de um sistema educativo que, como sugeriam os Pink Floyd há uma boa dezena de anos, transforma tudo o que sabemos em mais um tijolo na parede, uma peça mais na linha de montagem da sociedade.

Maria João Martins

* «Ensinar/Aprender História» de Maria Cândida Proença. Lisboa: Livros Horizonte. Coleção: «Biblioteca do Educador» nº 120



Jacques Le Goff: o historiador que, em França, repensou os fundamentos da didáctica da História

DESPORTO

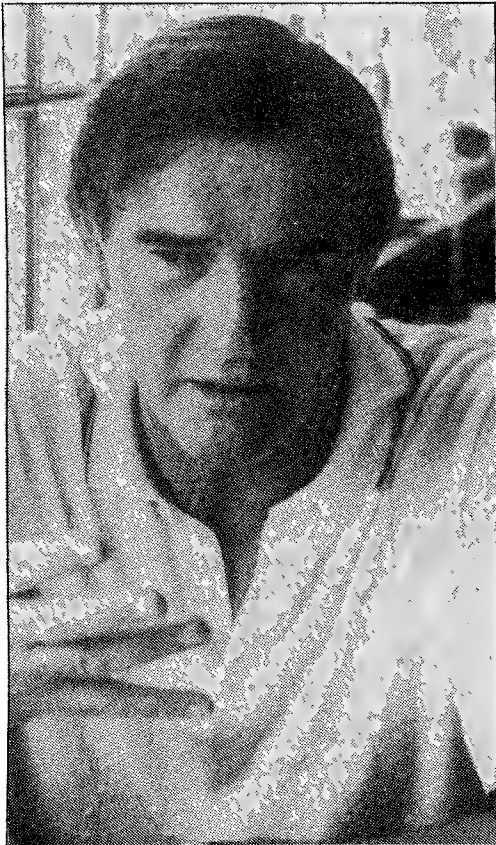
Utopia ou possibilidade real?

Portugal quer organizar Mundial de Futebol/98

Poucos esperariam a revelação: depois de se propor realizar o torneio de sub/19 (já no próximo ano), Portugal vai apresentar candidatura à realização do Campeonato Mundial de 1998, disse Ribeiro de Magalhães (presidente-adjunto da federação) no final de uma audiência do Primeiro-Ministro com João Havelange, presidente da Federação Internacional de Futebol. Havelange adiantou que, durante o encontro, Cavaco Silva mostrou interesse em que a FPF apresentasse a candidatura de Portugal à realização do «Mundial» de 98.

Ribeiro de Magalhães, embora não escondendo as dificuldades que comporta essa organização, acha que Portugal pode bater-se com a outra candidatura (EUA).

Na audiência com Havelange, o Primeiro-Ministro disse que (como se esperava), o Governo apoiará a realização do Campeonato Mundial de Juniores.



Allison e Manuel Fernandes: dois regressos a Alvalade?

Setúbal recorre

Não seria de esperar outra atitude: o Vitória de Setúbal recorre para o pleno do Conselho de Justiça da decisão federativa que ordena a repetição da sua viagem a Santa Maria da Feira, para novo jogo com o Feirense. O recurso sadino fundamenta-se na incompreensão de ter sido tomado um juízo exclusivamente face a simples comunicação policial, de entidade «que nada tem a ver com o julgamento em campo de qualquer árbitro de futebol».

Sporting: técnicos em torrente

Não param os nomes que podem vir para Alvalade, rendendo Raul Águas no comando técnico da equipa. Depois de se falar em Ivic (que pediu uma fortuna), Clemente (que torceu o nariz perante a proposta), Marinho Peres (que se faz rogado para deixar o seu Brasil) e Toshack (que afirma estar muito bem em Espanha), talvez ganhe vulto a hipótese hoje alvitada pelo nosso colega «O Jogo»: regresso do inglês Malcolm Allison, desta feita auxiliado por Manuel Fernandes, que poderá ser dispensado do compromisso actual com o Vitória de Setúbal. Uma pergunta: também Carlos Queiroz foi já (ou não) convidado por Sousa Cintra?

Árbitro agredido?

Foi suspenso, aos 70 minutos, o encontro Régua - Lixa, porque o árbitro Campos de Pinho (Aveiro) alegou que tinha sido agredido com uma

pedra vinda da bancada. Todavia, o relatório elaborado pelo Hospital da Régua, após exame ao juiz da partida, nada acusa.

Rosa Santos distinguido

O árbitro «internacional» Rosa Santos continua a merecer escolha da UEFA: auxiliado por Francisco Silva e Mário Leal vai dirigir o embate Sampdoria - Mónaco (dia 18) para a Taça das Taças.

Argentina: incidentes

Doze adeptos ficaram feridos e 49 foram detidos durante os incidentes que provocaram a interrupção do encontro entre o Newells Old Boys e o Boca Juniores, da 19.ª jornada do Campeonato argentino de Futebol da 1.ª Divisão.

Adeptos das duas equipas envolveram-se em confrontos nos minutos finais do encontro, quando o árbitro assinou uma grande penalidade a favor do Boca Juniores, que vencia a equipa da casa por 2-1. A Polícia começou por lançar gás lacrimogénico, mas os adeptos responderam atirando pedras e outros objectos para o relvado, o que levou a autoridade a disparar balas de plástico, que feriram algumas pessoas envolvidas nos confrontos.

«Escrete»: Vasco da Gama recusa ceder jogadores

O Vasco da Gama (actual campeão brasileiro de futebol) recusou-se a ceder os seus jogadores internacionais para o

estágio da selecção «canari-nha», que se concentra no próximo dia 23, com vista à preparação para o «Mundial». O director vascano, Eurico Miranda, justifica a decisão pela importância do próximo confronto do clube carioca (dia 29) que será decisivo para a sua manutenção na Taça dos Libertadores da América.

Entretanto, a Confederação Brasileira de Futebol anuncia que todos os jogadores convocados por Sebastião Lazaroni deverão incorporar-se nos trabalhos da selecção no dia 23, na concentração que terá lugar nas instalações de Teresópolis, localidade serrana situada a cerca de 100 quilómetros do Rio de Janeiro.

Nápoles protesta

O Nápoles apresentou um protesto formal à Federação Italiana contra o resultado do jogo com o Atalanta (domingo, para o campeonato nacional). O Nápoles, que empatou (0-0) com o Atalanta, pretende vencer o desafio por 2-0, alegando que a saída do médio Alemão, atingido por uma moeda atirada das bancadas (aos 78 minutos) comprometeu o resultado final do encontro. O médio brasileiro foi submetido a uma série de testes neurológicos, que não indicaram qualquer lesão grave.

Segundo as regras que vigoram em Itália, a federação pode atribuir uma vitória por 2-0 a uma equipa forçada a substituir jogadores por actos de «hooliganismo».

Contra os «hooligans»

Os «hooligans» serão identificados nas fronteiras italianas e impedidos de entrar no país antes do «Mundial» de Futebol, afirmou o subsecretário de Estado do Interior: «Estaremos em condições de afastar os indesejáveis do país, por razões de ordem pública», afirmou Giancarlo Ruffino.

O Ministério italiano do Interior, responsável pela segurança no «Mundial», vai incrementar as medidas especiais previstas para o Itália-90, com a colaboração das forças policiais dos restantes 23 países finalistas do campeonato. Assim, o controlo começará nas fronteiras dos países finalistas e será completado em Itália onde, além das entradas no país, serão vigiados os acessos aos estádios.

Entretanto, a comissão organizadora do campeonato do Mundo informa que o relvado do Estádio milanês de Meazza (onde se disputará o jogo inaugural da competição, a 8 de Junho) terá de ser substituído para o Itália-90. Luca di Montezemolo (presidente da Comissão Organizadora do «Mundial») recusa comentar informações de que o encontro inaugural, entre a Argentina e os Camarões, poderia ser transferido para o Estádio de Turim, devido ao estado deteriorado do relvado de Meazza. Montezemolo (que tem criticado publicamente o atraso nas obras em curso para a realização da fase final do campeonato) afirma, em entrevista hoje publicada no diário «Gazzetta dello Sport», ter havido «alarmismo excessivo».

Espanhóis dominam Volta ao Alentejo

Domínio espanhol na Volta ao Alentejo: Jose Recio (Seur) é o camisola amarela depois de vencer a 2.ª etapa, disputada entre Grândola e Castro Verde, na distância de 232 quilómetros. Hoje, disputam-se a 3.ª e 4.ª etapas, entre Castro Verde e Serpa (119 quilómetros) e um contra-relógio individual de 9300 metros.

Classificação da etapa até Castro Verde: 1.º, Jose Recio (Seur), 6.12:19 horas; 2.º, Angel Perez (Festina/Lotus), 6.12:28; 3.º, Serafim Vieira (Sicasal/Acril); 4.º, Marco Giovanetti (Seur); 5.º, Eduardo Gouveia (Avibom/Lousa); 6.º, Delmino Pereira (Rece/Boavista); 7.º, Américo Silva (Clas), todos com o mesmo tempo; 8.º, Jorge Silva (Sicasal/Acril), 6.13:39; 9.º, Casimiro Moeda (Clas) e 10.º, Jean-Pierre Heynderichx (Seur), m.t.

Classificação geral: 1.º, Jose Recio, 7.47:52 horas; 2.º, Américo Silva, 7.47:58; 3.º, Angel Perez, 7.48:01; 4.º, Serafim Vieira; 5.º, Marco Giovanetti; 6.º, Eduardo Gouveia; 7.º, Delmino Pereira, todos com o mesmo tempo; 8.º, José Dias (Alguerra/Companauto), 7.49:04; 9.º, Tim Harris (Festina/Lotus) e 10.º, Joaquim Carvalho (Orima/Cantanhede), m.t.

Classificação geral por equipas: 1.ª, Seur, 23.25:07 horas; 2.ª, Sicasal/Acril, 23.26:27; 3.ª, Clas, 23.26:29.

Entretanto, em Espanha, Alexandre Rodrigues (Troiamarisco/Mar e Sol) foi o melhor português na Volta a Málaga, que terminou com a vitória do soviético Cherkashin Dimitri, que totalizou 24h50m para percorrer os 830 quilómetros da prova. Por equipas, o Troiamarisco classificou-se em 5.º lugar, atrás da União Soviética, França, Holanda e Avila Rojas. A Volta a Málaga disputada durante seis dias, contou com a participação de 59 ciclistas de 18 equipas. Classificação dos ciclistas portugueses: 10.º, Alexandre Rodrigues, a 13m12s do líder; 13.º, Vítor Gamito, 19.19; 18.º, Fernando Carriço, 24.17; 19.º, Luís Pedro, 26.55; 35.º, Luís Farófia, 51.14; 39.º, Manuel Liberato (todos do Troiamarisco), 53.00; 41.º, Carlos Martins (Carnide), 58.40; 44.º, Rui Torres (Troiamarisco), 1.03.00; 48.º, Célio Apolinário (Carnide), 1.16.04.

Andebol: Torneio Cidade de Almada

O Belenenses venceu o Sporting, por 22-19, em partida da 1.ª jornada do Torneio Internacional de Andebol Cidade de Almada (em «esperanças») que decorre na Escola D. António da Costa. No outro encontro, o Almada superou o Benfica, por tangencial 22-21. Para além dos quatro clubes portugueses, participam também no torneio as formações soviéticas do Poliot e do Skif Krasnodar e as jugoslavas do Vojvodina e do Proleter Nasda. Na 2.ª ronda, que se disputa hoje, o Benfica defronta o Skif Krasnodar, enquanto o Almada enfrenta o Proleter Nasda.

Full-contact: Amorim continua campeão europeu

Paulo Amorim defendeu o título europeu de profissionais de full-contact, na categoria de meios pesados, vencendo aos pontos o campeão belga Scouf Maroche, número três do «ranking» europeu, em 10 assaltos, na cidade belga de Mons.

A 5 do próximo mês, Paulo Amorim defende de novo o título, frente a um atleta holandês: se vencer, começará a preparar-se para disputar o trono mundial da categoria, frente a um norte-americano.

Xadrez: surpresas na luta nacional

As primeiras surpresas começaram a ocorrer nos campeonatos nacionais de xadrez de juvenis, juniores e infantis, a decorrer em Loures, no Pavilhão Paz e Amizade. A vitória de Nuno Silva (Portalegre), sobre Ricardo Kaku (Santo António dos Cavaleiros) foi a nota mais saliente da jornada no escalão juvenil. Kaku é o xadrezista mais pontuado deste escalão, logo seguido de Bruno Ribeiro, que não conseguiu melhor que um empate com Filipe Carvalheiro (Marinha Grande). O campeão nacional de iniciados (Pedro Silva, do Estrelas da Avenida) foi derrotado por Hugo Rato (Paço de Arcos) e neste escalão, 15 jogadores estão igualados (um ponto) entre os 36 presentes.

Com o maior número de concorrentes está a decorrer o campeonato nacional de juniores e Rui Almeida (Boavista) e Carlos Pereira Santos (Estrelas da Avenida) venceram Paulo Marques (Aveiro) e Luís António (Santarém), respectivamente.

Em veteranos (o campeonato processa-se no Ateneu Comercial de Lisboa com a presença de 28 xadrezistas), Júlio Santos e Renato Figueiredo repartem a 1.ª posição. O campeonato feminino está a decorrer em Matosinhos.

Basquetebol: juniores em Espanha

A selecção júnior masculina portuguesa de basquetebol inicia hoje, frente à Espanha, em Palma de Maiorca, o torneio de apuramento para o campeonato europeu da categoria. Para este 14.º europeu júnior vão defrontar-se, além de Portugal e Espanha, a Islândia, a Bélgica e a França.

DESPORTO

O vereador Rego Mendes já visitou mais de uma centena de colectividades e os projectos de desenvolvimento estão agora nas mãos das juntas de freguesia

Desporto lisboeta em debate



Jogos Desportivos da Cidade: um acontecimento a saudar

Prosseguindo uma atitude de «in loco», se identificar com as potencialidades (poucas) e as carências (diversas) das cerca de 400 colectividades de cultura, desporto e recreio existentes nas 53 freguesias do concelho de Lisboa, o vereador do Pelouro de Desporto da CML (eng.º Rego Mendes) continua a percorrer todos os bairros citadinos visitando as colectividades, observando as suas estruturas escutando os anseios dos dirigentes e das populações.

Até ao momento presente e após a sua tomada de posse, o eng.º Rego Mendes já «apalpou o pulso» a mais de uma centena de clubes numa atitude de se consciencializar com todas as questões relacionadas com o bem-estar das populações nomeadamente no que respeita à juventude.

No passado domingo, Rego Mendes reuniu-se com os vogais das juntas de freguesia, tendo sido debatidos, entre outros temas, as «Férias Desportivas», «Planos de Desenvolvimento do Atletismo» e a «Educação Física no Ensino Primário». Os planos foram apresentados pelo actual responsável pela área desportiva da autarquia lisboeta, cabendo às juntas discutir com os clubes para que em Maio seja possível o debate das conclusões que permita «passar à primeira fase prática do projecto». Em Junho e Julho haverá uma fase experimental e em Setembro dar-se-á o arranque do plano de desenvolvimento do atletismo, seguindo-se o de minibasketebol.

Por outro lado, entre 16 de Julho e 8 de Setembro vai de-



Rego Mendes um observador atento à actividade das colectividades desportivas da capital

correr o programa de «Férias Polidesportivas», um projecto que visa criar condições para que os jovens da capital possam tomar contacto com várias modalidades desportivas. Uma das modalidades já definidas para esta acção será a actividade náutica no rio Tejo, tendo vários clubes aderido ao projecto do Município.

Foi igualmente debatida na reunião de autarcas a Educação Física nas escolas primárias da capital, e a forma das juntas de freguesia participarem no projecto, apoiando as escolas desde a cedência de instalações ao apoio nos transportes.

«O nosso objectivo é uma discussão tão vasta quanto possível dos projectos para um desenvolvimento desportivo. No entanto

terá de haver um empenhamento das juntas e das colectividades, para que os seus objectivos sejam alcançados, em benefício da juventude da capital», referiu ainda Rego Mendes, salientando que «até agora tem-se registado uma grande receptividade de todas as juntas a este projecto».

Paralelamente a esta acção, o Pelouro de Desporto da CML mantém em actividade dez mil jovens no desenvolvimento dos IV Jogos Desportivos da Cidade nas modalidades de atletismo, andebol, basquetebol, futebol de salão, natação, voleibol, ténis de mesa e xadrez, para além das Jornadas Pedagógicas de Natação que movimentam diariamente centenas de miúdos alfacinhas nas piscinas municipais.

Raide Sopete

Paulo Romão: triunfo inesperado

Depois de no final da primeira etapa não terem ido além do sexto lugar da geral, Paulo Romão e Pedro Lopes (Range Rover) alcançaram uma inesperada vitória no Raide Sopete, segunda prova da temporada na disciplina de todo-o-terreno.

A recuperação de Paulo Romão começou a verificar-se na segunda prova cronometrada, disputada na praia imediatamente a norte da Póvoa de Varzim, na qual o piloto conseguiu o segundo posto, e viria a ser concretizada na derradeira prova de regularidade, onde a equipa de Castelo Branco foi claramente mais feliz do que Napolindo Arede-João Martins, anteriores comandantes da prova e que viriam a descer à segunda posição.

O Troféu UMM confirmou no Raide Sopete toda a sua

competitividade, constituindo-se no maior pólo de interesse desta jornada de todo-o-terreno. Para além de contribuir com nada menos do que 26 concorrentes para a lista de 48 participantes, o Troféu UMM viria a ser marcado por uma luta constante pela discussão das primeiras posições, e no final o equilíbrio acabou por ser a nota dominante, pois apenas dez segundos separavam o primeiro do quarto classificado.

Para além disto, a vitória da dupla Alberto Gonçalves-Rufino Teixeira acabou por constituir uma autêntica surpresa, pois a equipa ocupava a sétima posição do Troféu no final da primeira etapa e só na última prova especial conseguiria ascender ao comando, beneficiando também das desistências de Joaquim Jorge e Álvaro Castro Santos, e ainda da desclassificação de Carlos

Almeida, por ter falhado um controlo de passagem.

Com esta sua vitória, Alberto Gonçalves ascende ao comando do Troféu UMM, com 6 pontos de vantagem sobre Carlos Sousa e Luís Oliveira, que repartem ex-aequo o segundo posto.

Classificação final: 1.º Paulo Romão - Paulo Lopes (Range Rover), 241 pontos; 2.º Napolindo Arede - João Martins (Suzuki SJ413), 298; 3.º João Lima - João Frutuoso (Suzuki Santana), 365; 4.º Vasco Salter Cid - João Dias (Suzuki Vitara), 651; 5.º Artur Lima - Rui Américo (Daihatsu), 656.

Classificação no Troféu UMM (após duas provas): 1.º Alberto Gonçalves, 76; 2.º Carlos Sousa e Luís Oliveira, 70; 4.º Francisco-Sande e Castro, 66; 5.º Carlos Almeida, 63; etc.



Alberto Gonçalves: líder no troféu UMM

DESPORTO

O encontro Feirense-Vitória de Setúbal veio demonstrar falsidades, desprezo pelas regras da FIFA e falta de ligação entre os órgãos da Federação Portuguesa de Futebol

Orgânica caduca abre precedente

A recente decisão dos membros do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol ao ordenar a repetição do encontro Feirense - Vitória de Setúbal (referente à 21.ª jornada do campeonato nacional) veio contrariar o que, em matéria de erros de facto se encontra legislado pela FIFA e, consequentemente, aplicável em todo o Mundo. Um péssimo precedente foi aberto pelos «conselheiros» da nossa FPF. Através da doutrina expressa, ficámos a saber que os juristas federativos se apoiaram na «profunda convicção» de ter havido um erro técnico do árbitro Alexandre Morgado ao optar pela «marcação indevida de uma falta», desprezando a argumentação do trio de arbitragem que justificara a decisão de anular o golo, que daria o empate (4-4), por se ter verificado «obstrução ao guarda-redes». Entenderam os julgadores do protesto apresentado pelo clube de Santa Maria da Feira dar crédito ao depoimento do comandante da força policial e remeter para as malvas o «juramento» do árbitro e seus auxiliares. Uma decisão na verdade original e realmente perigosa. Se a matéria dos autos vier a constituir jurisprudência teremos o futebol português a ser regido por normas próprias em clara afronta pelas determinações do «International Board» com os perigos daí resultantes.

Este rocambolesco caso foi caracterizado por outro factor que terá de se lamentar: segundo referem os membros do Conselho de Justiça da FPF, os responsáveis pelo Conselho de Arbitragem recusaram facultar, aos julgadores do processo, o relatório técnico, que seria peça importante para que a decisão se fizesse no desejado acerto e em obediência às normas instituídas. Alegam os conselheiros da arbitragem que o relatório é confidencial e se destina (apenas) à recolha de elementos relativos à classificação dos seus filiados. Não se nos afigura que assim seja



Que dirá a tudo isto João Havelange?

e mesmo admitindo que tal documento deva ser sigiloso, parece-nos que terá havido excesso de zelo.

Enfim, mais um caso a evidenciar a necessidade de se proceder à reestruturação de toda a orgânica do futebol português, mas com total rigor nos preceitos internacionalmente consagrados. As leis do futebol são universais e quanto a erros de facto (ainda que, como terá sido a situação em apreço, o árbitro atente contra as normas mas tenha a «habilidade» de se desculpar) não há apelo que lhe resista.

Tem legitimidade o Vitória de Setúbal para contestar o acórdão do Conselho de Justiça de igual modo que assistiu razão ao Feirense para protestar o resultado do jogo.

Quem não tem poderes para ultrapassar as leis da FIFA são os membros do Conselho de Justiça da FPF e quem cometeu atropelo às regras do jogo e seguidamente terá falseado a verdade, foi o árbitro. Quanto aos responsáveis pelo Conselho de Arbitragem, cumpria-lhes solicitar ao órgão competente a instauração de um processo disciplinar à actuação do trio de arbitragem e depois proceder em conformidade. So-negar o relatório do seu delegado ao CJ foi, quanto a nós, atitude com fundamento indecifrável. O encontro vai ser repetido e, certamente, que os erros também.

Sobre este caso, entendeu Fernando Oliveira, presidente do executivo do Vitória de Setúbal, aproveitar a presença em Portugal, do mais alto dignatário da FIFA, João Havelange, para lhe fazer entrega de um documento de protesto.

Uma atitude tomada à revelia da hierarquia mas que será atenuada pelo facto da decisão tomada pelo Conselho de Justiça ser irreversível uma vez que aquele órgão actua em derradeira instância. Havelange terá prometido analisar a situação mas, naturalmente que só o fará depois de recolher informações junto da FPF. É pena que Portugal transmita à Federação Internacional um sintoma de insuficiência orgânica, no exacto momento em que o seu presidente vem a Lisboa dar aval à organização de uma importante competição como é o Campeonato do Mundo de Juniores.

Um caso à portuguesa. Teimamos em procurar originalidades. Siga o baile.

Alves Henriques

BREVES DO «MUNDIAL-90»

Comboio já mexe

O chamado «Comboio do Mundial», que transportará os jornalistas entre as várias cidades-sede do Mundial de Itália-90, já está pronto - foi revelado no Salão da Electrónica e da Automação nos Transportes, em Bolonha.

O comboio viajará a 200 km/h e conta com uma carruagem destinada inteiramente a facilitar o trabalho dos jornalistas, com sistemas de recepção e transmissão de informações, banco de dados, telefax, computadores pessoais, televisores, telefones e gravadores.

O «Comboio do Mundial» poderá transportar 30 jornalistas e foi construído em conjunto por uma empresa privada italiana e pelos caminhos de ferros estatais.

Relva a retalho

Cerca de 7000 metros quadrados do relvado do Estádio Olímpico de Roma, onde vai ser disputada a 8 de Julho a final do Mundial de Futebol de Itália-90, vão ser divididos em mais de 200 mil bocdos para serem vendidos e colecionadores.

Os pedaços de relva serão numerados e legalizados pelo Comité Olímpico Italiano (CONI), a fim de evitar que sejam colocadas no mercado «falsificações» do relvado do estádio da final de Itália-90.

A ideia de vender a retalho a relva do Estádio Olímpico de Roma pertenceu aos responsáveis de uma firma alemã-federal, que constituiram uma empresa em Itália expressamente para executar a operação.

Aviso aos canarinhos

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) avisou os futebolistas convocados para o Mundial de Itália-90 que têm de se apresentar dia 23 de Abril para o início dos treinos dos «canarinhos», sob pena de serem afastados da prova.

O último foi feito segunda-feira, apesar de muitos dos futebolistas brasileiros que jogam no estrangeiro, entre os quais os «portugueses» Valdo, Ricardo, Aldair, Silas e Branco, terem compromissos com os seus clubes para depois daquela data.

O dirigente da CBF, Jorge Salgado mostrou-se, todavia, confiante quanto à possibilidade de todos os 22 jogadores convocados pelo seleccionador Sebastião Lazaroni se apresentarem no dia exigido pelos responsáveis do futebol brasileiro.

Campeonatos nacionais de futebol

Quem sobe e quem desce

Com o aproximar da derradeira fase dos campeonatos nacionais e do começo da arrumação dos concorrentes na escala classificativa, importa informar os nossos leitores sobre o que foi decidido quanto à futura composição dos quadros nacionais de futebol, pelo que transcrevemos as alterações aprovadas em assembleia geral da Federação Portuguesa de Futebol, realizada no passado mês de Junho.

I divisão: 18 clubes

• Descem no final da época de 1989/90, ao campeonato nacional da II divisão de honra, os três últimos classificados (16.º, 17.º e 18.º);

• Sobem a esta divisão, o 1.º classificado de cada uma das zonas do campeonato nacional da II divisão, da época de 1989/90.

II divisão de honra: 18 clubes

• Os três últimos classificados do campeonato nacional da I divisão (16.º, 17.º e 18.º), da

época de 1989/90;

• Os clubes classificados em 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º lugares, de cada zona, do campeonato nacional da II divisão, da época de 1989/90, num total de 15 clubes.

II divisão «B»: 54 clubes

Compõem

• Os clubes classificados em 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º e 14.º lugares, de cada zona, do campeonato nacional da II divisão, da época de 1989/90, num total de 24 clubes;

• Os clubes classificados em 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º lugares, de cada série, do campeonato nacional da III divisão, da época de 1989/90, num total de 30 clubes.

III divisão: 108 clubes

Compõem esta divisão:

• Os clubes classificados em 15.º, 16.º, 17.º e 18.º lugares, de cada zona, no campeonato nacional da II divisão, da época de 1989/90, num total de 12 clubes;

• Os clubes classificados em 6.º até ao 14.º lugares inclusive, de cada série do campeonato nacional da III divisão, da época de 1989/90, num total de 54 clubes;

• Os clubes vencedores dos campeonatos distritais, da época de 1989/90, num total de 19 clubes;

• Clubes satélites, cujo prazo de inscrição termina em 31/5/90, até ao máximo de 22 clubes.

• Clubes a apurar dos campeonatos distritais, mediante a inscrição dos clubes satélite, até perfazer o total de 108 clubes, para a composição do campeonato nacional da III divisão, de harmonia com o critério em vigor.

Automobilismo: Simões em 13.º

O piloto português António Simões, num Reynard-Alfa Romeo da «Dad Motorsport», classificou-se na 13.ª posição na segunda prova do campeonato britânico de Fórmula 3, disputada no Circuito de Silverstone.

Apesar de ter largado da 19.ª posição da grelha de partida após sentir problemas aerodinâmicos e eléctricos nas duas sessões de treinos, o português tentou a recuperação e conseguiu ganhar seis lugares durante a corrida.

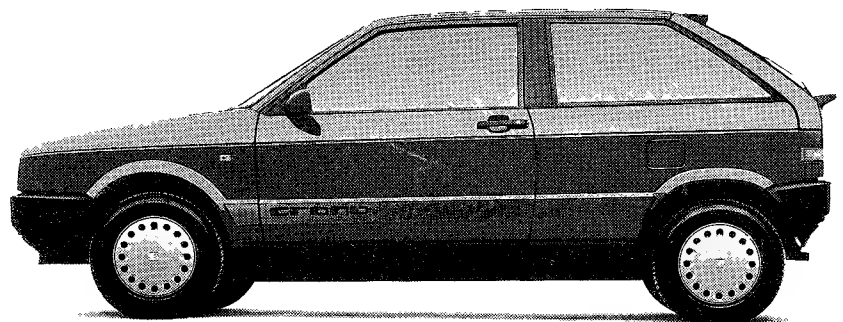
A corrida de Simões foi, no entanto, prejudicada pelo brasileiro Christian Fittipaldi sobrinho do ex-campeão mundial de Fórmula Um, Emerson Fittipaldi, que «tapou» por diversas vezes o caminho do português.

A prova foi ganha pelo Ralt do finlandês Mika Salo, que terminou à frente dos bólides idênticos do inglês Steve Robertson e do seu compatriota Mika Hakinen, o piloto que saiu da «pole position».

SEAT IBIZA

DESDE

1.099.000 ESC.*



* Versão Ibiza Street

MAIS POR MENOS

SEAT

Grupo Volkswagen

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.

Encargos anuais globais de 97.363 a 195.183 Esc. Base: 15.000 Km/ano Janeiro 1990

GARAGEM VICTÓRIA,
Automoveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 - 284 74 17 • Fax 284 74 42

I Série N.º 84
Dia 10 de Abril

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministérios das Finanças
e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 264/90:

Cria no quadro do Departamento de Estudos e Planeamento dois lugares de assessor principal.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:

Torna público ter a Itália ratificado, a 11 de Janeiro de 1990, a Convenção Europeia de Segurança Social e o Acordo Complementar para Aplicação da Convenção Europeia de Segurança Social.

Torna público ter a Finlândia aceitado, a 9 de Fevereiro de 1990, a Convenção Europeia para a Repressão do Terrorismo.

Ministério da Agricultura,
Pescas e Alimentação

Portaria n.º 265/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdas de Santo Isidro», «Pedreira» e «Chamusquinho», situadas na freguesia da Aldeia Velha, concelho de Avis.

Portaria n.º 266/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades situadas na freguesia de Marmeleiro, concelho da Guarda.

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério para o ano de 1989 no montante de 66 418 contos.

Ministério da Educação

Portaria n.º 267/90:

Autoriza a Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências e Tecnologia, a conferir o grau de mestre em Estatística e Optimização e regula o respectivo curso especializado.

Ministério das Obras Públicas,
Transportes e Comunicações

Portaria n.º 268/90:

Aprova o Regulamento das Licenças de Pilotagem dos Portos e Barras.

Portaria n.º 269/90:

Estabelece os prazos de reclamações em caso de incumprimento ou cumprimento defeituoso do contrato de transporte aéreo de bagagens e carga.

Ministério do Ambiente
e Recursos Naturais

Portaria n.º 270/90:

Determina que a capacidade de carga humana da Reserva Natural da Berlenga não deva exceder os 350 indivíduos enquanto se verificarem as características actualmente prevalentes nesta área protegida.

Portaria n.º 271/90:

Aprova os modelos de cartões de identidade para uso do pessoal dos gabinetes dos membros do Governo que integram o Ministério do Ambiente e Recursos Naturais e do pessoal dos organismos e serviços dependentes do Ministério que não disponham de modelos próprios.



Não pendure nada nos tubos do gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado e vento moderado de Norte soprando por vezes com rajadas.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e cavado com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: - Céu pouco nublado ou limpo. Vento moderado a forte, soprando forte nas terras altas. Pequena subida da temperatura máxima. Formação de geada, em especial nas regiões do interior Norte e Centro.

Depois de amanhã: - Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Sul. Vento fraco ou moderado de Nordeste. Pequena subida da temperatura.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Norte moderado a forte. Agaceiros fracos nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar cavado com ondulação Norte de 3 metros na Costa Norte e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: - Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado, soprando fraco na região do Funchal. Agaceiros, em especial nas vertentes voltadas ao Norte.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado soprando fraco na região do Funchal. Agaceiros em especial nas vertentes voltadas ao Norte.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu geralmente pouco nublado aumentando de nebulosidade a partir da tarde. Vento Sueste fraco a moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Grupos Central e Oriental: - Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco soprando por vezes moderado de Nordeste no Grupo Oriental. Mar de pequena vaga com ondulação Nordeste de 2 metros.

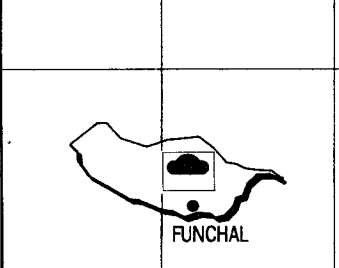
Amanhã: - Céu muito nublado e vento Sul moderado, rodando para Noroeste a partir da tarde. Períodos de chuva.

Grupos Central e Oriental: - Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado para a tarde. Vento fraco soprando por vezes moderado de Nordeste no Grupo Oriental.

Depois de amanhã: - Céu geralmente pouco nublado e vento Nordeste moderado, soprando forte no Grupo Oriental.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA

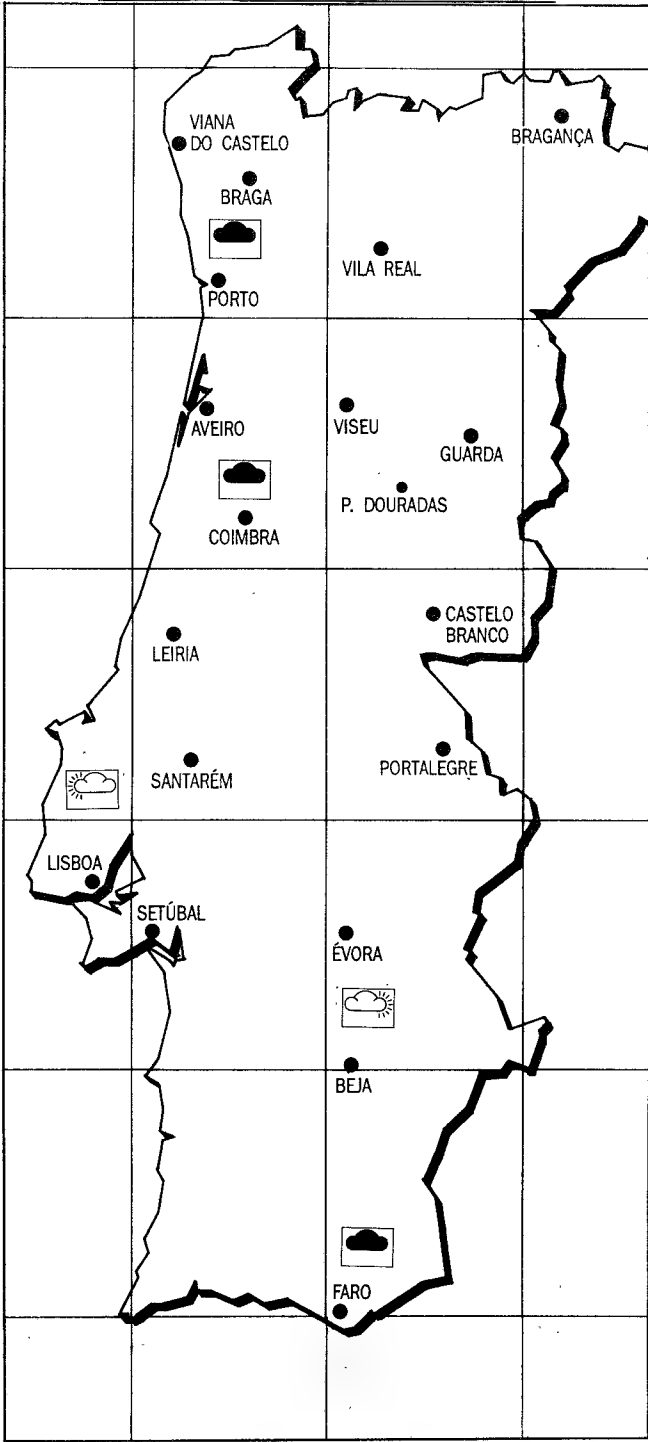


	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

Hoje			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.09	3,7m	09.45	0,7m
16.25	3,6m	21.58	0,7m
Amanhã			
04.42	3,6m	10.13	0,7m
16.56	3,6m	22.28	0,7m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Bragança.....	0	0	P. nub.
V. Castelo.....	9	9	M. nub.
Vila Real.....	4	4	P. nub.
Porto.....	7	8	M. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	7	7	M. nub.
C. Carvoeiro.....	10	11	Limpo
C. Branco.....	4	4	P. nub.
Portalegre.....	4	4	P. nub.
Lisboa.....	9	9	P. nub.
Évora.....	5	5	P. nub.
Beja.....	5	5	Limpo
Sines.....	-	-	-
Faro.....	10	10	M. nub.
Sagres.....	10	10	P. nub.
P. Delgada.....	9	9	Bruma
Horta.....	11	11	M. nub.
Funchal.....	14	14	M. nub.

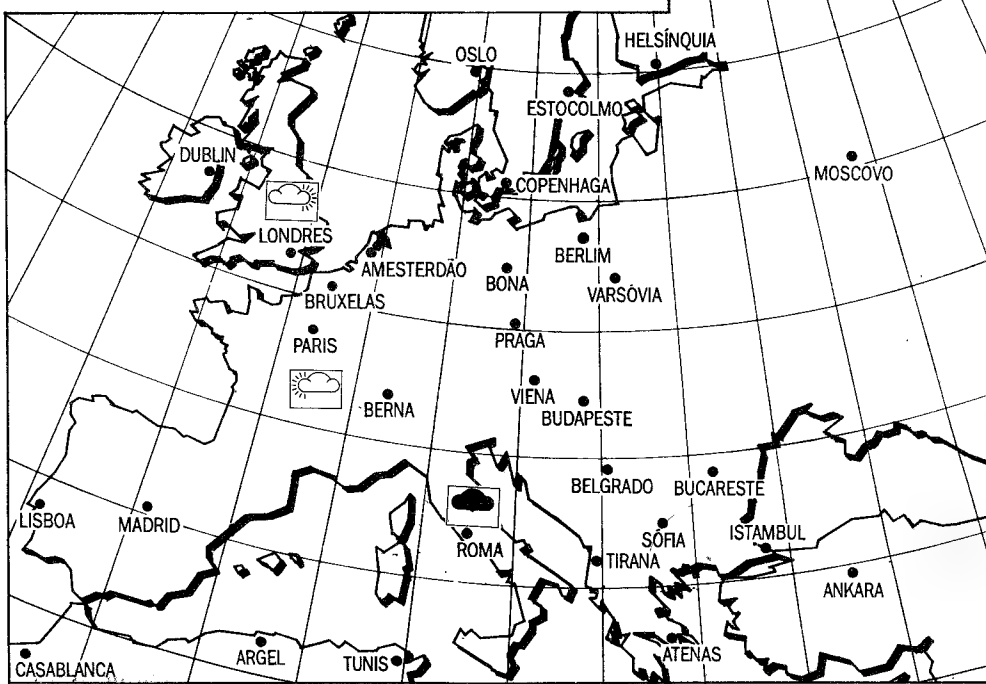
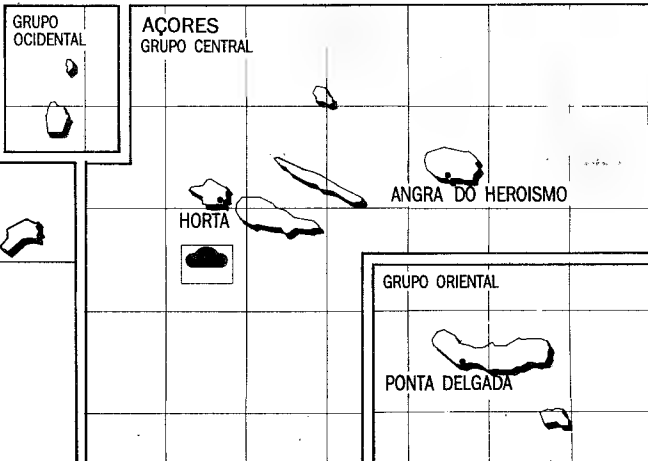
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 18; Porto, 17; Faro, 19; P. Delgada, 16; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid.....	4	4	P. nub.
Londres.....	4	4	Bruma
Paris.....	0	0	P. nub.
Bruxelas.....	-2	-2	M. nub.
Amsterdão.....	-2	0	M. nub.
Genebra.....	4	5	Bruma
Roma.....	11	11	Encoberto
Oslo.....	3	5	P. nub.
Copenhaga.....	-2	3	P. nub.
Estocolmo.....	3	4	M. nub.
Berlim.....	-2	0	P. nub.
Viena.....	0	2	M. nub.
Varsóvia.....	-4	2	Limpo
Atenas.....	14	15	M. nub.
Moscovo.....	-3	3	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	5	9	Aguaceiros
Houston.....	17	25	Aguaceiros
Los Angeles.....	13	26	Nebulosa
Montreal.....	3	6	Chuva
Nova Iorque.....	8	16	Aguaceiros
S. Francisco.....	10	19	Nebulosa
Toronto.....	5	12	Chuva
Vancouver.....	5	15	Aguaceiros
Washington.....	6	20	Aguaceiros
Hong Kong.....	20	25	Trovoada
Melbourne.....	12	20	Limpo
Pequim.....	8	24	Limpo
Perth.....	14	23	Chuva
Singapura.....	26	34	Trovoada
Sydney.....	14	22	Aguaceiros
Tóquio.....	9	20	Limpo
Wellington.....	12	16	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Castelo:** Silva, Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Frente Hospital do Desterro:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 D-F, Tel. 549479; **Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; **Penha Franca:** Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Manuel Vicente Jesus, Largo do Rato, 3 C-D, Tel. 681947; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Rocha:** Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 603054; **São Domingos Benfca:** Vitex, Estrada de Benfca, 373-B, Tel. 780548; **Brandão - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 945338; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Lopes Ribeiro, Rua

do Cruzeiro, 117, Tel. 3633288; **Alvalade:** Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Baixa:** Azevedo, Filhos, Rossio, 31, Tel. 327478; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Camões - Santa Catarina:** Combro, 82, Tel. 326059; **Campo Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Parque Eduardo VII:** Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A, Tel. 542312; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaíças, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivais Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel.

2421015. Até às 22 h; **Carcavilos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B-Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Permanente; **Romeiro, Urb. Casal S. Brás,** Lote 116, Tel. 493703. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; **Albergaria,** L. Prof.

Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 Ig. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. do Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz - Casal Marco, Tel. 2210369. Até às 22 h; **Montijo:** Higiene, Rua José Joaço Marques, 142, Tel. 2310370.

HÁ 20 ANOS



Famílias à luz da candeia...

Centenas de milhares de famílias ainda vivem à luz da candeia - segundo um deputado que pede a aceleração da electrificação do País. «Estão ainda por electrificar 780 freguesias rurais, das 3251 que no total existem no continente» - afirma o deputado Alberto Alarcão na sua intervenção prevista, para esta tarde, na Assembleia Nacional.

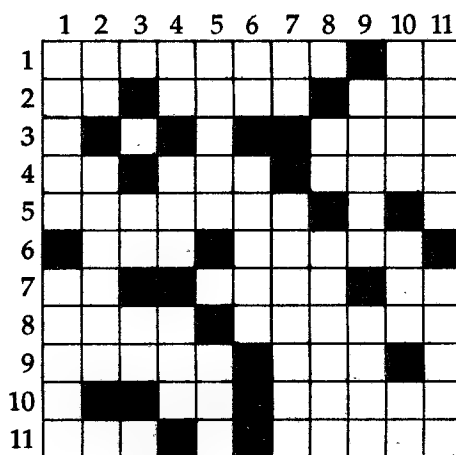
Juan Bosch regressa à Republica, Dominicana

O antigo presidente Juan Bosch regressará, na próxima semana, do exílio -segundo anunciou, em São Domingos, o seu Partido Revolucionário Dominicano, das esquerdas. Francisco Pena Gomez, secretário do partido, disse que ignorava a data precisa em que o presidente deposto chegaria a esta perturbada República das Caraíbas.

Novo avião de ataque americano

O Governo americano deu o sinal de luz verde para o novo avião de ataque conhecido como «Ax» e dois fabricantes serão convidados em breve para construir os protótipos competitivos, segundo revelaram, a noite passada, fontes dignas de crédito.

PALAVRAS CRUZADAS



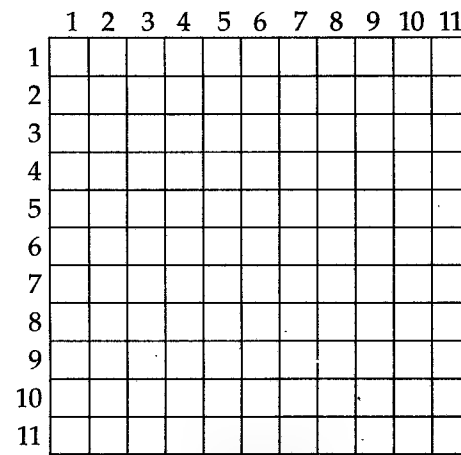
PROBLEMA N.º 17896

HORIZONTAIS:

- 1 - Cautelas. Antes do meio-dia.
- 2 - Nesse lugar. Prendem. Membro de ave.
- 3 - Rio da Toscana.
- 4 - Apelido. Fluido aeriforme. Cidade da Suíça.
- 5 - Distraídos.
- 6 - Tempo do verbo haver. Estúpidos.
- 7 - Nota musical. Um dos estados do Brasil. Ouro (s.q.).
- 8 - Composições poéticas. Livrar.
- 9 - Assassinar. Tempo do verbo ir.
- 10 - Moderato.
- 11 - Uma das ilhas Jónias.
- 11 - Agarrei. Móveis sobre os quais se come.

VERTICAIS:

- 1 - Tecido de linho ou algodão muito transparente. Encosta.
- 2 - Interjeição de dor. Enredo.
- 3 - Existe. Pronome pessoal (inv.).
- 4 - Concede. Prefixo que designa terra. Figura que simboliza o povo americano.
- 5 - Aviva! (o lume). Trituro.
- 6 - Quinto filho de Jacob. Coisa encharcada em água.
- 7 - Grande ribeira da Ásia Russa.
- 8 - Pessoa encharcada em água.
- 9 - Carta de jogar. Dívida não paga por má vontade ou má-fé.
- 10 - Estéril. Itinerários.
- 11 - Burro. Pequeno símio do Brasil. Centiare.
- 11 - Galeota dos Mares do Levante. Caixões funerários.



PROBLEMA N.º 16706

HORIZONTAIS:

- 1 - Anual. Adicionar.
- 2 - Ente.
- 3 - Espera resposta. Carro ligeiro, de duas rodas, usado na África do Norte, para o transporte de pessoas e víveres. Miriarte.
- 4 - Aparar. Amofinar.
- 5 - Brasa. Encolherizar.
- 6 - Preposição e artigo. Boro (s.q.). Cento e um em romano.
- 7 - Tenebrosa. Lavram.
- 8 - Seguir. Brisa. Guarneco de asas.
- 9 - Suspiros. Assassinar.
- 10 - Pesquisarias.
- 11 - Charneca. Classe de tropa.

VERTICAIS:

- 1 - Estreitaria.
- 2 - Faisca. Encolheriza.
- 3 - Ouro (s.q.). Sentidas condolências.
- 4 - Escolha. Cobalto (s.q.).
- 5 - A Pérsia. Pilha.
- 6 - Vasila onde se bate o leite para fabrico de manteiga.
- 7 - Valor. Prender.
- 8 - Rio da Suíça. Armaria.
- 9 - Campeão. Fecharia com laço.
- 10 - Nadarias (fig.).
- 11 - Ave trepadora. Impressão moral.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 895

HORIZONTAIS: 1 - UMA. MULHER. 2 - Nardos. Amua. 3 - It. Eca. At. 4 - Rã. Tas. Aero. 5 - Asse. Se. Sal. 6 - Aspes. 7 - Altas. Lear. 8 - Figs. Filme. 9 - Era. Molham. 10 - Roma. Aoro. 11 - Anas. Sassas. VERTICAIS: 1 - Uniras. FEIA. 2 - Matas. Air. 3 - Ar. Salgara. 4 - DETESTA. OS. 5 - Moca. Pás. 6 - Usasses. Mas. 7 - És. Fo. 8 - Haia. Lilás. 9 - Em. ESPELHOS. 10 - Ruara. Amara. 11 - Atolaremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 705

HORIZONTAIS: 1 - Zigoma. Zama. 2 - Amoras. Isar. 3 - Colara. Ra. 4 - Erê. Chamo. 5 - Algas. Me. 6 - Suas. Aba. Lu. 7 - Trairas. 8 - Zargo. Caída. 9 - Ira. Mias. Ar. 10 - Tardais. 11 - Ama. Ri. Fiam. VERTICAIS: 1 - Zaclas. Zita. 2 - Imo. Lutaram. 3 - Golegã. Rara. 4 - Oraras. 5 - Marés. Tomar. 6 - Asa. Ar. III. 7 - Cabaças. 8 - Ziph. Aias. 9 - As. Am. Ri. Si. 10 - Marmelada. 11 - Arão. Usaram.

PROVÉRBIO: UMA MULHER FEIA DETESTA OS ESPELHOS.

CINEMAS**LISBOA****ALFA 1**

Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
ALWAYS - SEMPRE
 Filme de Steven Spielberg
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2**UM AMOR INEVITÁVEL**

Filme de Rob Reiner
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3**MISS DAISY**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4**NASCIDO A 4 DE JULHO**

Filme de Oliver Stone
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

ALFA CLUBE

Avenida Almirante Gago Coutinho - Telef. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

Filme de Steve Kloves
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
 Telef. 691275

UM AMOR INEVITÁVEL

Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2**MISS DAISY**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3**A GUERRA DAS ROSAS**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 4**NASCIDO A 4 DE JULHO**

Maiores de 16 anos

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA**2.º JUÍZO ANÚNCIO**

Pelo presente se faz público que, pela 2.ª Secção deste Juízo nos Autos de Acção Especial de Divórcio Litigioso n.º 8308 em que é autor Fernando dos Santos Calçada, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a ré GEORGINA DA CONCEIÇÃO PEDRO, que residia na R. Rafael de Andrade, 35-3.º, Esq.º, 1100 Lisboa, e actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de 20 dias, findos que sejam o dos editos, contestar a referida acção, pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Secção.

Lisboa, 27 Março de 1990

O Juiz de Direito
 a) Francisco d'Orey Pires

O Escrivão de Direito
 Adjunto
 a) Carlos Mendonça da Gama

«DL» — 1.ª Pub. — 10/4/90

Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 5**QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6**ALWAYS - SEMPRE**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**

Maiores de 6 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8**OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9**TEMPO DE GLÓRIA**

Filme de Edward Zwick
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10**CLUBE DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
 Telef. 763319

CLUBE**DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
 Telef. 776098

UM AMOR INEVITÁVEL

Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.00, 18.00 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer
VIAJANTES SEXUAIS

Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 horas.

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15
 Telef. 324194

O COBRA NEGRA

Filme de Stelvio Massi
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**5.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO**

Por este Tribunal na execução de Sentença n.º 803-A, da 3.ª Secção, que Reclamou Luminosos Neolux, Lda., move contra a executada Amadeu Gomes da Fonseca, Herd., Lda., com sede na Rua das Fontainhas, a S. Lourenço, 45, 1100 Lisboa, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 3 de Abril de 1990
 O Juiz de Direito
 (Assinatura Illegível)
 O Escrivão de Direito
 (Assinatura Illegível)
 «DL» — 1.ª Pub. — 10/4/90

CARTAZ**O MEU PÉ ESQUERDO**

Em exibição Quarteto Sala 1

Qualidade

PUB

Maiores 12 anos

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
 Telef. 533253

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
 Maiores de 18 anos
 às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA

Telefone 9434762

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

ESTÚDIO SHEZA**LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Tabor, 27
 Telef. 573407

SUPER GIRLS EM 3-D

Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos.
 Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 -
 Telef. 546085

O ACIDENTE

Filme de Joseph Losey, às 18.30 horas
LE DIABLE PROBABLEMENT
 Filme de Robert Bresson,
 às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
 Telef. 549999

AMIGOS E DETECTIVES

Maiores de 6 anos
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
 Telef. 322523

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Telef. 555134

CLUBE**DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F
 Telef. 8487255

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503
 Tel 7145088

AMIGOS E DETECTIVES

Maiores de 6 anos
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2**TEMPO DE GLÓRIA**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3**NASCIDO A 4 DE JULHO**

Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
 Telef. 541037

AUDITÓRIO 1**O FILÓSOFO**

Filme de Rudolf Thome
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA

Filme de Peter Greenaway
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
 Telef. 3525133

AMIGOS E DETECTIVES

Maiores de 6 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
 Telef. 8480808

A BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 16 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KINGTRIPLEXI

Rua Bulhão Pato, 1-C
 Telef. 8480808

LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2**CLUBE DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3**TEMPO DE GLÓRIA**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
 Telf. 3631162

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2**UM AMOR INEVITÁVEL**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
 Telef. 801313

A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
 Telef. 538743

UM AMOR INEVITÁVEL

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2**ALWAYS - SEMPRE**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3**NASCIDO A 4 DE JULHO**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Telef. 574362

LUA-DE-MEL ATRIBULADA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
 Telef. 326283

FOGO INFERNAL

Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
 Telef. 325309

SEXO DELICIOSO

Filme porno
 Maiores de 18 anos
 Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1**Centro Com. Alvalade CINEMA PARAÍSO**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2**UM AMOR INEVITÁVEL**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
 Telef. 326305

AMIGOS E DETECTIVES

Maiores de 6 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
 Telef. 771378

O MEU PÉ ESQUERDO

Filme de Jim Sheridan
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2**CLUBE DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3**TEMPO DE GLÓRIA**

Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4**O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER**

E O AMANTE DELA
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
 Telef. 579144

ALWAYS - SEMPRE

Maiores de 12 anos

CARTAZ

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.00, 15.00, 17.00,
19.00 e 21.30 horas

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
O EMBATE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30
horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
SEM PRESSA PARA VIVER
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30 horas

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE

Telef. 2752127
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR

Telef. 2905350
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas

CASCAIS
MIRAMAR 1

Telef. 2841744
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
VALMONT

«Cinema Paraíso» de Giuseppe Tornatore

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Avb. 25 de Abril - Telef.
2865027
**LAMBADA - A DANÇA
PROIBIDA**
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1

Telef. 2479144
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
A GUERRA DAS ROSAS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1

Av. das Descobertas - Telef.
4439759
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALTO DA BARRA 2

OS FABULOSOS IRMÃOS
BAKER

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

SINTRA

**AMADORA
BABILÓNIA**
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871

ALWAYS - SEMPRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO
FLORES

Telef. 9247570
Encerrado para descanso
do pessoal

QUELUZ - KING D.
PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
**LAMBADA - A DANÇA
PROIBIDA**
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15
horas.
SALA 2

CLUBE DOS POETAS
MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
horas.
SALA 3
AMIGOS E DETECTIVES
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45
horas.

TEATROS
LISBOA

A BARRACA (Cinearte)

Largo de Santos, 2 - Telef.
665360
De 5ª a sáb. às 21.30. Dom. às
16.00 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - Telef.
878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes.

CINE - TEATRO

DA ENCARNAÇÃO

Telef. 8510203
De 4ª a 6ª às 21.30. Sáb. às 15.00
horas.
O MONTE
Pelo grupo de teatro amador
«O Culto da Máscara»

COMUNA

Praça de Espanha - Telef.
7260818
3ª, 4ª e 5ª às 21.30 horas
SALA NOVA
CAGE



«Cage», em cena no Teatro da Comuna

De Jacques Bellay, pela
Comédie de Saint-Étienne
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24
horas.

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras,
nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb
às 20.30 e 22.45. Dom. às
15.00 e 18.00 horas
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação
de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - Telef.
3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e
23.00. Domingo também às
16.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana,
Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno
Nazareth Fernandes e
Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedroso, 16-A -
Algés - Telef. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30. Sáb. e
Dom. às 17.00 horas
AS PULGAS
De Cunha Leiradella, pela
Comp. Persona.

TRINDADE

R. Nova da Trindade -
Telef. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45, Dom.
às 16.00 horas
**AUTO DA ÍNDIA -
VIAGEM A CALECUTE**
De Gil Vicente, pelo Teatro
de Todos os Tempos -

1.º JUÍZO DO
TRIBUNAL DE
FAMÍLIA DE
LISBOA

ANÚNCIO

Por este Juízo e 3.ª Secção, cor-
rem termos uns autos de DIVÓRCIO
LITIGIOSO com o n.º 7039, que
LUIS MANUEL FLOR TRABULO mo-
ve contra ANA PAULA DOS SANTO
ALCOBIA, natural de Moscaide,
Loures, filha de António Pires Alco-
bia e de Aida dos Santos Alcobia,
com última residência conhecida em
Travessa do Mato, n.º 14, FIGUEIRA
DA FOZ, e actualmente em parte in-
certa, correm ÉDITOS DE TRINTA
DIAS, contados da segunda e última
publicação do respectivo ANÚNCIO,
citando aquela RE para no prazo de
VINTE DIAS, CONTESTAR querendo,
o pedido formulado pelo Autor que
consiste em ser decretado o DIVÓR-
CIO entre ambos com o fundamento
de e nos termos dos art.ºs 1779.º e
1672.º, ambos do Código Civil, con-
forme melhor consta da petição in-
icial cujo duplicado fica neste Secção
e à disposição da citanda.

LISBOA, 02 de Abril de 1990.

A JUIZ DE DIREITO,
(MARIA CATARINA ARELO
MANSO
A Escriutária,
(Gilda Maria Gamelro Pereira)
«DL» 1.ª Pub. 10/4/90

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE OEIRAS

ANÚNCIO

FAZ SABER que na 1.ª secção do
1.º Juízo do Tribunal Judicial de Oei-
ras, corre termos a Acção de Despe-
jo registada sob o n.º 195/89, em que
é autor José Maria Pires Marques e
réu Fernando Manuel da Silva do Es-
pírito Santo, e com última residência
conhecida na Praceta de Manique,
5-4.ª Esq.º, em Oeiras, e actual-
mente em parte incerta, de que fica o
mesmo citado de que se encontra
designado o dia 3 de Maio de 1990
pelas 14 horas, para a tentativa de
conciliação, a qual deve comparecer
ou fazer-se representar por mandatá-
rios com poderes especiais para
transigir, sendo esta nos termos do
art.º 972.º do C. Processo Civil.
Mais fica ainda notificado de que
tem o prazo de 10 (dez) dias a contar
daquela data da tentativa de concilia-
ção, caso a mesma se frustre, para
contestar querendo a preferida ac-
ção pelos fundamentos constantes
da petição inicial cujo duplicado se
encontra à sua disposição na secre-
taria deste Tribunal, podendo dedu-
zir, digo podendo deduzir em recon-
versão o pedido de benfeitorias e in-
demnizações a que se julgue com di-
reito, terminando o prazo para con-
testar em 90/5/17.

Oeiras, 90/4/4

O Juiz de Direito,
Fernando Ribeiro Cardoso
O Escriutário,
José Luís Paiva
«DL» 10/4/90 — 1.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 2.º Ju-
ízo do Tribunal Judicial de Sin-
tra, correm éditos de vinte
dias, contados da segunda e
última publicação deste
anúncio, citando os credores
desconhecidos da Executada
MARIA AMÉLIA DE JESUS FI-
GUEIREDO PADEIRO, residen-
te na Rua da Hera, n.º 9, Fan-
tanelas, S. João das Lampas,
Sintra, para, no prazo de dez
dias, posterior àquele dos
éditos, reclamarem o paga-
mento dos seus créditos pelo
produto dos bens penhorados
sobre que tenham garantia
real, na Execução de Senten-
ça movida por Auto Henrique
Mendes e Costa, Lda., àquele
Executada, n.º 1595.

Sintra, 23 de Março de 1990.

O Juiz de Direito,
Jorge Ramos Silva
A Escriutária-Adjunta,
Maria da Conceição Castanheira
«DL» — 1.ª Pub. 10/4/90

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE ALENQUER

ANÚNCIO

No dia 27 de Abril, próximo, pelas
9.30 horas, no Tribunal Judicial de Alen-
quer e nos autos de Carta Precatória n.º
456 da 2.ª Secção, vindos do 8.º Juízo
Cível de Lisboa e extraídos dos Autos de
Execução Ordinária n.º 5168 da 2.ª
Secção, em que é exequente Yogoport
Comp.ª Luso Jugoslava do Comércio
Lda. e executada Empreccial — Empresa
Reunida de Comércio e Indústria de Má-
quinas Lda., com sede na Rua D. Luís I,
19 C, Lisboa e outros há-se ser posto
em praça pela primeira vez para ser ar-
rematado ao maior lance oferecido aci-
ma do valor a seguir indicado, o seguin-
te imóvel:
PRÉDIO RÚSTICO COMPOSTO DE
VINHA E DIVERSAS ÁRVORES DE
FRUTO E UMA DEPENDÊNCIA; SITO
NO LOCAL DENOMINADO «CASAL DO
ARNALDO», FREGUESIA DE TRIANA,
CONCELHO DE ALLENQUER SOB O
N.º 37 762 A FLS. 131 DO LIVRO B-98
ALI REGISTRADO A FAVOR DA EXECU-
TADA, PELA INSCRIÇÃO N.º 37 456 A
FLS. 49V DO LIVRO G-46 INSCRITO
NA RESPECTIVA MATRIZ SOB O
ART.º 10 DA SECÇÃO R, valor Esc.
2.000.000\$00.
Alenquer, 26 de Março de 1990.

O JUIZ DE DIREITO
a) Fernando Mimoso Negrão
O ESCRIVÃO ADJUNTO
a) Maria Elisa
Damião de Sá
«DL» — 2.ª Pub 10/4/90

MÁRIO COSTA
Construção Imobiliária

e Desenvolvimento de
Empreendimentos, Lda.

Construimos e restauramos melhor, pensando em si.
Com soluções de base, que vão desde o projecto, até à construção
em um lote nosso ou directamente no seu lote.
Nós damos forma ao seu projecto global.

MORADIAS



CONSULTE-NOS

REF. 101: Moradia não germinada, sala comum com lareira, escritório,
hall de entrada, 3 wc, 3 quartos e dormindo sendo 1 suite, cozinha, despensa
e garagem, localizada em Cascais. Preço do lote mais a construção
34 000 c.
REF. 110: Moradia com piscina com uma área de 560 m², em S. João Es-
toril, projecto aprovado, preço do lote e construção 42 000 c.
REF. 320: Em zona de pinhal na serra de Sintra. Preço 80 000 c.
REF. 211: Excelente vivenda com projecto situada em Sesimbra. Preço
total 19 000 c.
REF. 511: Moradia não germinada com piscina, localizada em Nafarros,
Sintra.

Telefone 77 77 80

Largo do Campo Pequeno, n.º 21 - 3.ª Esq. - 1000 LISBOA
Telefone 77 77 80 - Telex 62865 MARLIP P - Fax 79 33 707

CARTAZ

Comp. Vicentina

VARIEDADES

Parque Mayer - Telef. 320000

De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados também às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ

Versão livre de Henrique Santana.

ESTORIL CASINO ESTORIL

Telef. 2684521

De 4ª a 6ª às 21.30, sáb. às 18.00 e 21.30. Dom. às 17.00 horas

OUTRAS

LOCALIDADES

SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria.

ODIVELAS

TEATRO DA MAL-APOSTA

Telef. 9873299

De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.00 horas

A FLORESTA

De Alexander Ostrowsky

PORTO

TEATRO SÁ DA BANDEIRA

Telef. 2003595

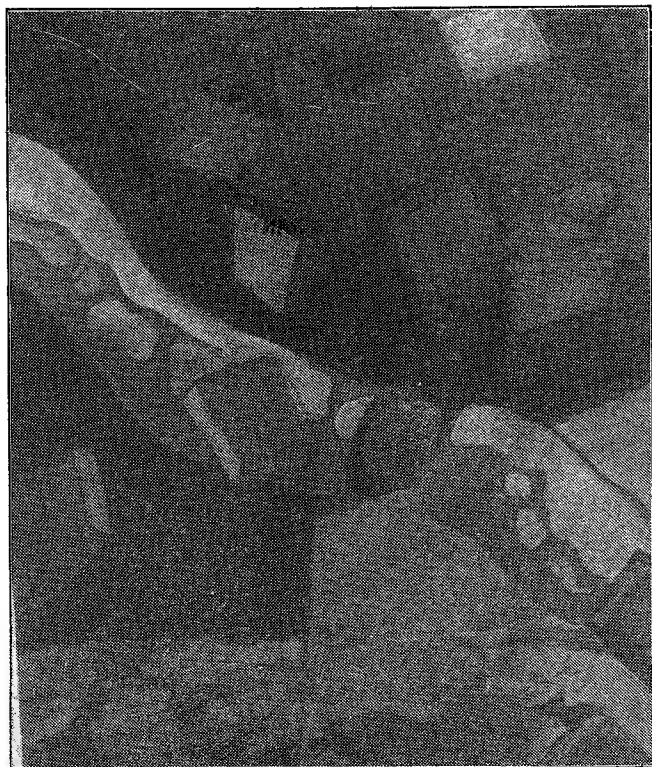
5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45. Domingos e feriados às 16.00 e 20.30 horas

AI CAVAQUINHO

De Eduardo Damas.

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ANÍBAL REMO - Pintura sobre poemas de Octávio Paz
Galeria Barata - Avenida de Roma, 11 - (Inaugura hoje, às 22 horas. 11/23

Pintura de Aníbal Remo sobre poemas de Octávio Paz, na Galeria Barata

horas, excepto domingos)

KAURU - Colectiva internacional: Pedro Portugal, Xana, Marcello Giudice e Marco Rotelli.
SNBA - Rua Barata Salgueiro (Inaugura hoje, às 22 horas)**PAULO QUINTAS** - Pintura sobre papel **Pedro e o Lobo** - Rua do Salitre, 169 (Inaugura dia 12, às 22 horas)**REGINA CHULAM** - "Master Lines", pintura
Galeria Quadrum - Coruchéus (Inaugura hoje, às 22 horas)

LISBOA

150º ANIVERSÁRIO

DO MONTEPIO

GERAL - Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico.

Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde privilegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já

não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto.

Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.

Palácio Foz

(Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE EST UN AUTRE -

Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

J. F.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1; 17.00: Sete Mares; 19.00: Informação e Música; 20.00: No Estúdio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: A Voz da Solidariedade; 21.00: Diálogo; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Arias de coloratura de «bel-canto», de Donizetti e Rossini, pelo soprano Edita Gruberova; 17.30: Aberturas de Tchaikowsky e Hans Pfitzner; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrais - As Sinfonias de Beethoven, 19.35: Álbum Musical. Obras de W.A. Mozart, Brahms, Schubert, Carl Philipp Emanuel Bach, J.S. Bach, Beethoven, Enrique Granados e Scott Joplin; 20.10: Álbum Musical; 20.40: Esta Madrugada no Dois; 21.00: Da Broadway West End - O Musical; 22.00: Música de Câmara de Mendelssohn, Paganini e Wolfgang Amadeus Mozart; 23.00: Eurorádio. Concerto pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão da Baviera, em gravações cedidas por esta estação emissora; 00.15: Os últimos quartetos de Beethoven; 01.15: Música de Modest Mussorgsky; 02.00: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora.

Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; 21.00: Mercador de Sonhos; 00.00: A Noite Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00: Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.10: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Revista; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; 18.00: Ideiafix; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Nordeste Magazine.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; 18.00: Bola Branca; 18.30: Sete Colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do Terço; 21.00: Lisboa à Noite.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Leiria 89.

CASINO
ESTORIL

26 e 27 Abril

"THE MAMAS AND THE PAPAS"
O REGRESSO À MAGIA dos ANOS 60

EXCLUSIVO

Informações e Reservas: 268 45 21

SNOOPY POR SCHULZ



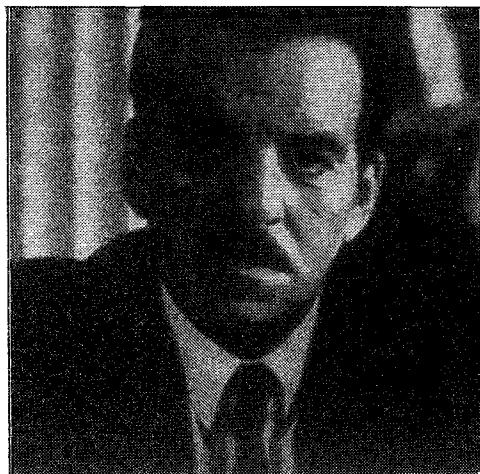
CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.50 - O MUNDO ANIMAL
- 17.10 - DESENHOS ANIMADOS
- 17.25 - A HORA DO LECAS
- 18.40 - RUA SÉSAMO
112º programa
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
- 22.15 - CRÓNICA DO CRIME

30º episódio: quando um piloto soviético salta em pára-quedas de um "Mig 21" e procura asilo nos Estados Unidos da América do Norte, Torello e os seus homens ficam encarregados de o proteger. Ao descobrir, no entanto, que o refugiado Ivan Patchenko não passa de "carne para canhão" nas mãos dos governos dos dois países, Mike Torello decide trocar as voltas às altas instâncias e garantir, acima de tudo, a liberdade do fugitivo. Enquanto isto, David Abrahams inicia-se no mundo do crime às mãos de Ray Luca.



«Crónica do Crime», com Torello e Ray Luca, no 1º Canal às 22.15



No 2º Canal continua «O Meu Pé de Laranja Lima»: a partir das 18.50

- 23.10 - 24 HORAS
- 23.40 - UM DIA...
Com Cáceres Monteiro
- 23.45 - REMATE
- 23.55 - CARTAS DE HUMOR
Com Ana Bola

RTP-2

- 17.00 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
19º episódio
- 17.25 - AO FIM DA MEMÓRIA
«Fernanda de Castro»
- 17.50 - O HOMEM NA MARGEM
- 18.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
79º episódio
- 19.25 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 37º episódio: na praia de Huntington, na Califórnia, Tod e Buz dão boleia ao jovem Jimmy Mills, um praticante de surf que se

esforça por destronar Hob Harrell, conhecido como o "rei das ondas". Buz decide, então, conseguir o que Jimmy se propunha, contando para tal com a ajuda de uma bonita surfista, Debbie.

- 20.45 - VIA RÁPIDA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - CINE MAGAZINE
- 21.50 - CINEMADOIS
«A Saudade de Veronica Voss»: um filme de Rainer Werner Fassbinder, com Rosel Zech, Hilmar Thate, Annemarie Düringer, Doris Schade, Cornelia Froboess e Eric Schumann. Em 1955, na cidade de Munique, Veronica Voss, uma decadente estrela de cinema, sai precipitadamente de uma sala onde se projecta um filme seu, no qual interpreta o papel de toxicómana. Depois, ajudada por Robert

Krohn, um jornalista desportivo, Veronica Voss regressa à clínica da Dra. Marianne Katz, uma neurologista com a qual tinha andado em tratamento.

ALBA

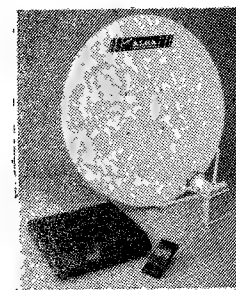
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75.

ALGÉS



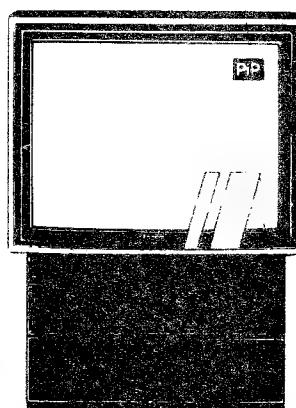
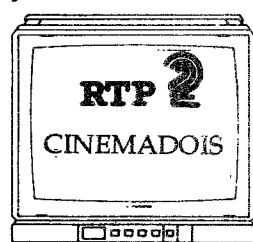
AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - FERA RADICAL
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - TAMBÉM OS RIOS CORREM
- 14.20 - VILA FAIA
- 15.10 - ANO DO SENHOR
- 16.50 - O MUNDO ANIMAL
- 17.15 - BRINCA BRINCANDO
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.10 - VAMOS JOGAR
NO TOTOBOLA
- 21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Uma Criança Chamada Jesus»
- 23.35 - 24 HORAS
- 00.05 - UM DIA...
- 00.10 - REMATE
- 00.20 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

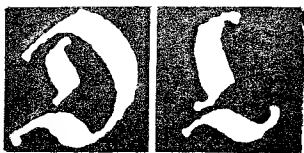
- 14.02 - TELEMERCADO
- 14.30 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.45 - ESPAÇO INFANTIL
- 15.00 - FILHOS E FILHOS
- 15.25 - AGORA, ESCOLHA!
- 17.00 - OS CAMPBELLS
- 17.25 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
- 17.50 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
- 18.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.15 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - CLÁSSICOS DA TV
- 20.45 - VIA RÁPIDA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - O SUBMARINO
- 22.25 - SÉCULO XX - A CAMINHO DA GUERRA
- 23.15 - SIMONE AND THE FRIENDS

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

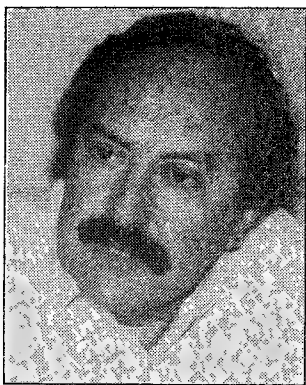




«Tenho uma maneira própria de ser, só aceitando funcionar desde que confiem plenamente em mim. Se não, passem muito bem»

Oliveira Martins, «Expresso» (31/3/90)

A PERGUNTA DO DIA



Ruben Rolo, do Secretariado da Federação dos Sindicatos do Mar(CGTP)

O presidente do Sindicato dos Marinheiros de Copenhague disse que a tripulação, constituída na maioria por portugueses e filipinos, do «Scandinavian Star», destruído por um incêndio, tinha falta de formação. Como comenta esta afirmação?

«Pelo menos quanto aos portugueses, confirmo. E explico porquê: os portugueses que andam embarcados em navios de passageiros estrangeiros não são pessoal marítimo. São profissionais de hotelaria. A legislação portuguesa, ao contrário da que vigora na maior parte dos outros países, obriga a que todo o pessoal de câmara possua formação marítima, designadamente em meios de salvação. Os sindicatos desses países sabem que os portugueses são contratados, aos milhares, por salários baixíssimos e sem exigência de formação, para trabalhar em navios, mas até agora nada fizeram para modificar este estado de coisas.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Cavaco na «Primeira Página»

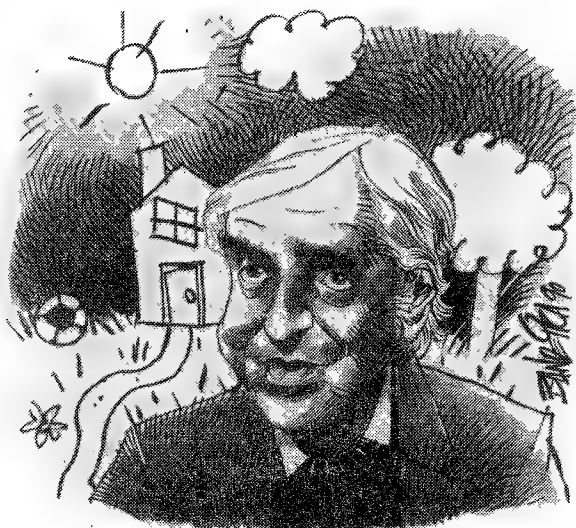
A Páscoa fora da Igreja

Crónicas de Joaquim Letria e Eduarda Dionísio

ENTREVISTA

Carlos Pinhão é um dos mais conhecidos jornalistas desportivos portugueses. Hoje está reformado, embora não tenha cortado umbilicalmente com os jornais. A maior parte do tempo é dedicado, contudo, às histórias infantis e à meninada

«O nosso partidismo está marcado pelo clubismo»



D.L. - Dá muitos chutos na bola?

C.P. - Dou, levei toda a vida a dar, embora hoje dê cada vez menos. Sempre fui um fanático da bola. Não digas nada a ninguém, mas eu faltava às aulas para jogar à bola. Hoje, jogo com os netos.

D.L. - Por que se reformou?

C.P. - Porque atingi a idade da reforma, porque entendi que era altura de dar lugar aos novos, porque tenho a noção que nem faço falta ao jornal nem o jornal me faz falta a mim. Fui preparando as coisas gradualmente para que quando chegasse a idade da reforma me reformar. E porque tenho mais coisas para fazer, outras coisas, estou muito ocupado, tenho muito que fazer, mudei foi de afazeres. Passei a dizer que sim a coisas as que antes dizia que não.

D.L. - Tem saudades dos jornais?

C.P. - Ainda não tive tempo para ter saudades, porque não cortei umbilicalmente com os jornais. Mas não estou nada arrependido desta nova situação, até porque continuo ocupado com coisas de escrita.

D.L. - O que faz actualmente?

C.P. - Eu sou autor de livros para crianças e, cada vez mais, somos chamados para ir a escolas, a bibliotecas municipais, a ter contactos com a meninada, com os eventuais leitores. Esta minha maior disponibilidade de tempo leva-me a dedicar-me mais a essa ocupação que me agrada francamente. Além disso, continuo a escrever, vou publicar outro livro, mantenho uma página na bola todos os sábados...

D.L. - Como é que um adulto escreve histórias para crianças?

C.P. - A primeira condição é que o adulto não seja de todo adulto, tem que ter lá dentro um restinho de criança. Depois, acontece que eu tenho, desde sempre, muito contacto com crianças. Tenho uma família numerosa, com muita meninada, e na minha casa houve sempre uma grande prática de contarmos histórias uns aos outros, sobretudo às crianças. Desse artesanato caseiro, dei um passo e pensei que aquelas histórias que se contavam em casa também tinham interesse para fora de casa.

D.L. - «A Bola» é considerada a Bíblia do jornalismo desportivo português...

C.P. - É uma caricatura, é um retrato, que não chega a ser uma heresia. Há alguma razão para ser. É um jornal com muitas tradições, que nasceu prestigiado e até lucra-

tivo desde logo porque teve duas figuras que eram dominantes no panorama do futebol português, o Cândido de Oliveira e o Ribeiro dos Reis. De então para cá, todo esse prestígio tem sido bem administrado e desenvolvido com uma equipa de grande profissionalismo que prestigia o jornalismo desportivo que, ao tempo em que «A Bola» se lançou, não tinha assim um prestígio por aí além, e era considerado um jornalismo de segunda. Os pró-prios jornalistas desportivos só em 1972 é que conseguiram ser admitidos no sindicato e ter carteira profissional.

D.L. - Alguma vez trabalhou fora do jornalismo desportivo?

C.P. - Com regularidade não, mas em coisas mais dispersas, isso sim.

D.L. - Escolheu o jornalismo desportivo porque gostava de futebol?

C.P. - Eu sou um homem privilegiado. Há um provérbio que diz que não se pode ter dois proveitos no mesmo saco. Eu pude! Desde miúdo que as coisas que eu mais gostava era de futebol e de escrever. Arranjei uma profissão em que consegui satisfazer os dois gostos.

D.L. - Qual foi a história mais bizarra que se passou consigo?

C.P. - Lembro-me sempre de uma que se passou durante a minha primeira entrevista. Sabes que no teatro, a palavra merda dá sorte. A primeira entrevista que fiz foi ao presidente de um clube dos arredores de Lisboa. Quando cheguei lá, fui à procura do presidente e disseram-me que ele estava para ali... O ali era um campo. Eu fui andando, até que encontrei o presidente agachado atrás de uma árvore e quando acabou lá falou comigo. Digamos que isso me deu sorte.

D.L. - Qual era a pergunta que gostava que eu lhe fizesse agora?

C.P. - A da história bizarra agradou-me porque eu sempre tive a preocupação, não de andar atrás da bizarria, mas de aligeirar, de diversificar, de desdramatizar o futebol. As pessoas preocupam-se demais com o futebol, o que é uma consequência de longos anos em que éramos autorizados a ter como partido o Benfica, o Sporting ou o Porto. Essas coisas ficam e penso que o nosso partidismo hoje está marcado pelo clubismo

D.S.

meteorologia

A pérola muda

Sabemos o que o corpo sabe? O que o corpo quer dizer, sem palavras? Não o inibimos? Deixamo-lo falar?

Da linguagem do corpo, dessa outra cultura, nasceu a pantomima (*), uma forma teatral afectiva, popular, para todas as idades e classes - e, nos últimos tempos, também a arte experimental. Porém, até esta nasceu de uma necessidade, na maioria dos casos.

Gosto muito, por razões evidentes, de um dos grandes pierrots mudos, na era do segundo nascimento da pantomima, no século XIX - Gaspar Debureau. De nome civil Dvorak (como o do músico), nasceu numa pequena cidade adormecida, Kolin, e muito cedo pôs-se a imaginar que era toda a gente e o Mundo inteiro. Depois de alguns incidentes caseiros, resolveu seguir a imaginação. Iniciou uma vida de peripécias e, emigrante modelo, desembarcou em Paris onde quis ser actor. Porém, o sotaque de origem impediu-o; reinventou então a tradição esquecida do teatro mudo e arrebatou para essa arte (nobre? marginal?) uma ampla adesão. Da sua incapacidade, Debureau fez uma força, da insuficiência uma estética, da mudez um corpo falante.

Um dos seus famosos herdeiros, Marcel Marceau, é um outro parisiense de origem um tanto estrangeira; quando Bertold Brecht quis fazer as pazes com a mulher, Helene Weigel, que no exílio teimava em continuar a carreira de actriz, escreveu para ela, em *Mãe Coragem*, um inesquecível papel - o da muda.

Somos porque não somos. A natureza da arte tem a capacidade de superar as maleitas, inventando-lhes técnica e arte. Da fraqueza faz a força. Da doença, a pérola.

Jorge Listopad

(*) No ACARTE desenrola-se uma série de espectáculos e de debates sob o título genérico *Mímica no ACARTE*. A seguir no «Cartaz» e em Carlos Porto.



Marcel Marceau

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

Aquicultura cresce com polémica

Relacionar aquicultura com ambiente é problemático. Sem capacidade de gestão empresarial e de atendimento às especificidades ambientais, o problema transforma-se em desastre. Debater este assunto foi a intenção da Associação Portuguesa de Produtores Aquícolas, com um colóquio organizado no Instituto Nacional de Investigação das Pescas.

A reunião evidenciou diferentes formas de entender o ambiente.

Enquanto um consultor da FAO recomendava racionalização e planificação dos projectos e dos seus impactos ambientais, da plateia alguém afirmava possuir por termo de comparação «as celulosas, os esgotos a céu aberto, a poluição química de rios e estuários», pelo que não entendia bem essas recomendações.

Manuel Serra, presidente da APPA, referiu, por outro lado, o comportamento «dúplice» do Estado.

Os reivindicados apoios de Jorge Godinho e Macário Correia são «contrabalançados» por oposições da Hidráulica e do Serviço de Parques e Reservas Naturais. Houve, de resto, quem referisse ao DL a hipótese de ocorrerem demissões na direcção da Reserva do Estuário do Tejo devido a esta oposição.

Pág. 7



Terreno onde é suposto fique instalado o MARL. No canto superior direito a via rápida, que atravessa o Infantado

Todos acusam o Governo de indefinição e os terrenos sobem de preço cada dia que passa, confundindo-se interesses públicos com privados

Mercado Abastecedor de Lisboa é palco para jogos de interesse

O MARL - Mercado Abastecedor da Região de Lisboa, questão com quase duas décadas de anos, está em ponto de ebulição. Enquanto que, por um lado, os interessados acusam o Governo de indefinição e mesmo de ter deixado cair o assunto, grupos privados tentam adquirir uma área de mais de 90 hectares, em zona onde os valores do metro quadrado têm grande possibilidade de subir, em pouco tempo, de forma acelerada.

Produtores, operadores e autarquias receiam que ali seja edificada um mercado privado, em vez da grande bolsa pública de géneros frescos e que, pior, se assista um dia à invasão de produtos estrangeiros.

Mais que zona de concentração

de bens perecíveis para abastecer a capital, o MARL será o local de afluxo dos produtos de grande parte do País e placa de distribuição dos mesmos para outras regiões nacionais. Definido em tempos pelo Governo como prioridade, é este mesmo Executivo que não se define.

A compra do terreno do Infantado parece estar em fase final, pelo preço de quatro milhões de contos.

Diversos grupos assestaram pontaria para um grande negócio que, caso o Poder Central não tome as necessárias medidas, poderá ser prejudicial para os produtores portugueses, pese embora o empenhamento da autarquia de Loures,

que tem tentado desfazer o nó do problema. Falta de verbas no OGE, desinteresse, novas prioridades são alguns dos pontos referidos para o protelamento oficial. Muito ainda está por definir e, se o Ministério do Comércio e Turismo garante que «não aceita beneficiar grupos económicos», o que é certo é que se mantém num mutismo disfarçado com o «estudo da situação».

O que poderá dar razão ao presidente em exercício do Município de Loures, quando diz que este é um comportamento paradigmático da forma de relacionamento entre a Administração Central e a Administração Local, com aquela de costas para os problemas.

Centrais

Independência nacional joga-se no mercado

Em jogo está a independência nacional. Ela depende, hoje, mais do poder económico do que do poder político. O mercado é o terreno onde isso se vai definir. Esta é a opinião do professor da Universidade Nova, Vasconcellos e Sá, expressa na entrevista que concedeu ao DL. Segundo ele, as empresas portuguesas não podem fugir à realidade, vão ter que concorrer com as estrangeiras de maior dimensão e encontrar estratégias para ganhar a batalha do Mercado Único. Ou se aliam com empresas estrangeiras, em «joint-ventures», para servir o mercado nacional ou o europeu, ou concorrem com elas no mercado europeu, disse Vasconcellos e Sá. Há vantagens que só as empresas portuguesas possuem e é aí que devem situar a sua acção. São elas que conhecem as características do mercado, o tipo de consumidor, a legislação em vigor, a capacidade de venda e distribuição, o meio cultural e sócio-económico. São elas que possuem o «know-how» necessário ao êxito comercial.

Última página

Discursos e informação - A análise de Geraldo Dias
Pág. 3

Novo estilo de gestão caracteriza empresas
Pág. 3

O Japão à conquista do Leste
Pág. 6

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

B R E V E S

Sonae: 3,5 milhões de lucros em 89

A Sonae Investimentos teve em 1989 resultados líquidos de 3,5 milhões de contos, ascendendo a sua situação líquida a 42,5 milhões de contos no final do ano passado. A decisão sobre a aplicação dos lucros foi adiada para o dia 27 de Abril em virtude de «existirem fundadas expectativas de que a regulamentação legal constante do Código da Sisa sobre sucessões e doações, no que se refere à incidência sobre dividendos, virá a ser objecto de reformulação».

BPI passa capital para 18 milhões

O Banco Português de Investimento vai aumentar o seu capital de 7,5 para 18 milhões de contos, através de incorporação de reservas (2,5 milhões de contos) e da emissão de acções (7,5 milhões reservadas aos actuais accionistas e 500 mil para os colaboradores do banco). Por outro lado, as obrigações convertíveis (10 milhões de contos) deverão ter a amortização ou a conversão antecipada, «em função da data de privatização da banca pública».

Celbi tem projectos de investimento

Um investimento na ordem dos 160 milhões de contos está previsto pela Celbi - Celulose da Beira Industrial, SA, para aumento da produção de pasta e posteriormente uma fábrica papelreira.

Esta empresa teve sete milhões de contos de lucro líquido em 1989, ano em que as suas vendas ascenderam a 26,3 milhões de contos, mais 21 por cento do que em 1988.

Jerónimo Martins distribui dividendos

A holding Jerónimo Martins obteve mais de 1,5 milhões de contos de lucro em 1989 e distribuiu 804 mil pelos accionistas. As seis empresas do grupo registaram um aumento global de 21,3 por cento no volume de vendas, atingindo os 83 milhões de contos.

Casa arrumada na Geofinança

O exercício de 1989 permitiu à Geofinança «arrumar a casa», ter resultados líquidos de 570 mil contos e distribuir dividendos de 100 escudos por acção. O caso Braz & Braz foi o mais importante a ser resolvido, o que aconteceu através de «uma ação em pagamento» ao sindicato financeiro liderado pela Geofinança.

Neste momento a empresa aguarda a decisão do Governo para se transformar em banco.

Contribuição municipal lesa 28 milhões de contribuintes

«Poll Tax» vai penalizar desfavorecidos ingleses

Da nossa correspondente em Londres

Talvez mais moderada que a inglesa, a Contribuição Autárquica que os portugueses começam a pagar a partir deste mês, poderá vir a ser um quebra-cabeças para municípios e para o próprio Governo. A situação criada por Margareth Thatcher chegou ao Parlamento depois de, na rua, ter dado origem a grandes e violentas manifestações de rejeição. Segundo um documento do Partido Trabalhista, o novo imposto irá prejudicar entre 26 a 28 dos 36 milhões de contribuintes que o irão pagar.

E irão pagar, segundo aqueles que o contestam, de uma forma discriminante e gravosa para as famílias de rendimentos mais baixos, já que o seu carácter de taxa única permitirá, num exemplo por absurdo, que uma pessoa que viva sozinha num mansão de 50 quartos pague um quinto do que pagará uma família de cinco adultos a viver numa casa social.

Recorde-se que a partir deste mês está em vigor, em Inglaterra e no País de Gales, o novo imposto comunitário individual conhecido por «Poll Tax», que afectará todos os cidadãos britânicos maiores de 18 anos - excepto os residentes na Irlanda do Norte - e irá substituir o imposto de propriedade que se aplicava apenas a proprietários de casas. O montante a pagar, neste novo sistema fiscal, variará de autarquia para autarquia, de modo a reflectir o nível de despesas públicas de cada municipalidade.

O imposto comunitário destina-se ao financiamento

**«Poll Tax» leva violência ao Parlamento**

de parte das despesas camarárias com serviços públicos, tais como a manutenção de estradas, recolha de lixo, serviços de habitação, serviços recreativos, educação, bombeiros, polícia e serviços hidráulicos.

O imposto representa, pelo menos, 25 por cento do orçamento das câmaras municipais, sendo o resto do orçamento proveniente de subsídios do Estado (cerca 50 por cento) e das taxas comerciais (cerca de 25 por cento). No entanto, perante esta distribuição, as câmaras municipais são obrigadas a reajustar o imposto comunitário individual sempre que necessitem de mais fundos para o seu orçamento.

Todos pagam

Em 1988 o Parlamento Britânico aprovou o Acto das Finanças dos Municípios, contendo várias cláusulas de reforma do sistema de financiamento dos governos locais. As novas cláusulas determinavam, em especial, que as tarifas domésticas vigentes seriam substituídas por uma taxa comunitária uniforme pagável por todos os cidadãos adultos. Na altura, o Partido Conservador justificou a sua decisão alegando que o imposto camarário era injusto, por só ser aplicado a proprietários de casas e apartamentos, enquanto que as pessoas que não pertenciam a essa categoria nada pagavam à municipalidade, embora continuando a beneficiar dos serviços públicos locais.

A forma dada ao novo imposto tem três divisões: individual, geral e colectivo. Começando pelo «imposto comunitário individual», a pré-determinada soma a pagar é aplicada individualmente a todos os adultos maiores de 18 anos. Por exemplo, pessoas do sexo oposto, vivendo juntas, os casados, terão a responsabilidade, cada uma, de pagar pelo seu im-

posto. No entanto, caso um dos adultos falhe o pagamento da sua taxa, o seu companheiro ou cônjuge é tido como responsável pela liquidação dos dois impostos. Esta cláusula não será, no entanto, aplicada a pais cujos filhos adultos falhem o pagamento. Quanto aos estudantes, terão de pagar o total do imposto durante o período de férias e apenas 20 por cento durante o período de aulas.

O «imposto comunitário geral» passa a ser cobrado a proprietários que possuam mais de uma habitação. A quantia tributada a cada proprietário, com casas para além da sua habitação principal, dependerá das quotas estabelecidas pelas autarquias em que se situarem. A implicação, para proprietários de mais de uma casa, é que para a habitação principal serão debitados com o imposto individual, acrescido do imposto comunitário geral pela segunda, terceira ou mais casas.

Por outro lado, a aplicação do «imposto comunitário colectivo» será dirigida a senhorios de habitações onde vivam várias pessoas por um curto espaço de tempo - tais como lares e pensões. Os proprietários desse tipo de habitações terão a responsabilidade da recolha dos montantes relativos ao imposto comunitário colectivo pertinente a cada inquilino, pelos dias que residirem no lar ou pensão. Os senhorios serão autorizados a reter cinco por cento do total dos impostos pagos.

Apenas uma certa categoria de pessoas está isenta do imposto comunitário. São os diminuídos mentais, doentes permanentes residindo em hospitais ou outros centros médicos, certos trabalhadores voluntários no sector da saúde, presos, desalojados, religiosos, desalojados, comunidades em que residem, diplomatas, oficiais e

militares dos governos estrangeiros e, claro, todos os menores de 18 anos. Serão atribuídos subsídios a certas pessoas classificadas como possuindo vencimentos baixos, assim como a certos diminuídos físicos. No entanto, os subsídios só serão atribuídos às pessoas que os reclamarem.

Pobres mais afectados

O resultado imediato do novo sistema fiscal, para muitas famílias, é que o montante a pagar às câmaras municipais aumentará para o dobro, ou mesmo o triplo, do que pagavam no sistema anterior. A realidade é que o «Poll Tax» não distingue entre pobres e ricos. Um cálculo aponta para que, a nível nacional, a média que cada cidadão terá de pagar situa-se em cerca de 80 contos por ano.

As municipalidades controladas pelo Partido Trabalhista, por serem de uma forma geral, consideradas os locais onde são feitas maiores despesas públicas, terão os impostos mais altos.

O «Poll Tax» começou por ser introduzido na Escócia, no ano passado, transformando-se rapidamente numa das taxas mais impopulares da história fiscal britânica. Com a sua chegada, agora, a Inglaterra e ao País de Gales, tem-se assistido a inúmeras manifestações de protesto, registando-se mesmo vários incidentes de violência. Apesar do Partido Trabalhista se ter declarado, logo de início, contra o novo imposto, os protestos não se têm limitado a simpatizantes deste partido da oposição. Vários deputados conservadores têm-se oposto à sua introdução, alguns chegando mesmo a demitir-se das suas funções.

Luisa Handem -
BBC/DL

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	— 18 000\$00
☐ 6 MESES	— 9 000\$00
☐ 3 MESES	— 4 500\$00
☐ 1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Um novo estilo de gestão caracteriza empresas

Uma organização define-se pelos sistemas de comunicação que sejam adoptados pelos dirigentes

A presente época caracteriza-se por um forte crescimento das organizações. As actividades humanas realizam-se, cada vez mais, no seio destas, quer sejam actividades de produção industrial, administrativas ou terciárias, sociais, políticas e sindicais, assim como as de gestão da colectividade (Estado).

No mundo moderno, está universalmente consagrado o conceito de que a empresa tem uma função social a desenvolver, já que o trabalho é principalmente uma actividade de grupo.

A liderança industrial moderna criou um mundo novo na sociedade industrializada. Os conceitos sociológicos ampliaram consideravelmente o entendimento dos fenómenos relacionados com o trabalho.

Por melhor que sejam os equipamentos e as máquinas existentes em determinada indústria, não podem eles produzir os resultados esperados se os elementos humanos que os operarem estiverem mal preparados para as responsabilidades que lhes forem atribuídas.

A empresa não é somente um conjunto de elementos objectivos, como o capital, equipamentos, mão-de-obra, métodos de gestão, ela é também um lugar de conflitos, aliada a uma série de contradições. Para sobreviver, a organização vai ter de gerir as suas contradições com os seus próprios membros e, entre eles, as contradições nas suas políticas, objectivos e procedimentos.

Todos estes motivos concorrem para a nova atitude de espírito da classe empresarial, que se comporta como dirigente da sociedade, paralelamente à classe política.

A imagem do dirigente é cada vez mais importante. Vivemos uma era em que a elaboração das políticas da empresa resulta na maior parte das vezes de processos complexos de negociação, nas quais tem de intervir toda a pirâmide hierárquica.

A tendência para a descentralização das decisões é uma realidade, mas só se pode confirmar com a vontade dos dirigentes.

A medida que os receptores e emissores naturais de informação circulam ao longo das linhas hierárquicas, os quadros passarão a ter, com efeito, um papel tanto mais essencial quanto a empresa se esforçar efectivamente por formalizar os seus planos de desenvolvimento e por definir a sua lógica de funcionamento. Estes são os principais atributos de um estilo de gestão planificadora e descentralizadora.

O director-geral sabe muito menos do que se passa na oficina do que os próprios operários e os quadros que estão em contacto com eles. Por sua vez, sabe muito mais acerca das ameaças e oportunidades que o meio reserva à empresa. Esta é, aliás, a expressão de uma realidade modelada sobre a especialização de funções.

Convém, assim, que esta necessidade hierárquica de informações seja compensada por meio de trocas periódicas,

para que as relações causem efeito sejam aceites e compreendidas por todos.

Por outro lado, com a revolução das comunicações, houve a tendência para democratizar a informação.

Com este facto, os gestores correm, actualmente, um sério risco de ficarem submersos na imensa quantidade de informação que os atinge e ultrapassa nitidamente o seu patamar de tratamento. Eles têm de saber parar na sua recolha de informação, por um lado, e, por outro, saber aproveitar as informações relevantes.

Uma empresa define-se pelos sistemas de comunicação que sejam adoptados pelos seus dirigentes. Todos os funcionários devem ter noção dos «superiores objectivos da direcção», das suas aspirações, projectos e progressos já alcançados, assim como os insucessos devem ser devidamente comentados e esclarecidos.

As perspectivas de decisão relacionam-se, assim, com o nível de aspiração e das oportunidades que se têm no momento. Por outro lado, pode-se ter a tendência para aplicar a outras situações mais ou menos semelhantes o método que se «revelou» útil no passado.

Esta tendência pode ser fortemente limitativa da criatividade dos decisores, cada vez mais necessária num universo instável e em constante mudança. Além disso, o hábito de optar por uma via que se sente como satisfatória, sem vencer a preguiça de propor soluções alternati-

vas, pode provocar dissabores.

A discussão das soluções é um dos meios de combater a imobilidade, a rotina, dinamizando e adaptando melhor à situação real qualquer decisão tomada.

É nesta discussão com a equipa que vêm normalmente à luz os aspectos mais positivos e negativos das diversas opções.

O debate em grupo das alternativas é, pois, importante, sem falar nos aspectos motivacionais que ele envolve e na descentralização que se está a promover.

O aparecimento do grupo na tomada de decisão pode alargar a informação utilizada e, assim, aumentar a racionalidade da decisão. Com efeito, se a comunicação funcionar no grupo, este facilitará a abertura do leque das opiniões e, consequentemente, a criatividade das soluções encontradas.

Na busca de decisões é necessário ao gestor uma certa coragem de aceitar o risco, de dar o salto para além da segurança burocrática. Sem isto as decisões nem são oportunas nem, finalmente, terão eficácia num mundo em que os desafios são muitas vezes decisivos e a mudança é um pano de fundo constante.

O empresário ao conseguir atingir estes procedimentos está a contribuir para a humanização da sociedade industrial e para o aumento da produtividade, que não deixa de ser uma consequência.

Isabel Braz

Discursos e informação

A economia presta-se a interpretações pragmáticas ao sabor das conveniências ou simpatias de alguns, através da apropriação das suas marcas próprias. São discursos acrílicos que escamoteiam as suas condições de produção e circulação, os seus limites, as suas regras de validação.

Há que distinguir, aqui, o senso comum dos discursos «autorizados», seja pela legitimidade/representatividade dos sujeitos falantes, ou pelos mecanismos de inclusão/exclusão das práticas de enunciação.

No mundo da vida, os homens organizam, mais ou menos espontaneamente, uma resposta aos problemas económicos que se lhes deparam. É uma certa racionalidade do senso comum que lhes confere competência para o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência. Assim, a economia pode aparecer como relações entre coisas na troca, ou a relação salarial como um contrato livre entre compradores e vendedores da força de trabalho.

Por outro lado, as instâncias de poder organizam sistematicamente uma resposta global às relações interindividuais, fundadora de uma rede complexa de práticas com racionalidades múltiplas, no contexto de uma relação muito viva, poder/conhecimento.

A emergência de novas problemáticas faz-se sempre contra as dominantes, num quadro de instabilidade das respostas que os sistemas e os actores sociais encontram num presente que medeia um passado e um futuro. Inserem-se aí a autonomização de fragmentos de um discurso, em relação com as suas condições de articulação/difusão, a apropriação selectiva de sistemas teóricos coerentes mas que não têm condições de se afirmar.

O que legitima uma representação é, ao mesmo tempo, de ordem social e uma questão formal. De ordem social, por que em cada época existe uma correspondência entre teoria e realidade - correspondência global e não pontual.

A relação entre o formal/linguagem e a História/Sociedade encontra-se resolvida desde que os conceitos que designam as coisas não são iguais a essas coisas. Os conceitos resultam de jogos de linguagem e de sociedade. As problemáticas circulantes mantêm uma relação de necessidade/possibilidade com a síntese das condições técnicas e sociais da actividade dos saberes.

A economia presta-se a interpretações metafísicas acentadas em racionalidades abstractas a partir de noções de interesses, necessidades e recursos mal definidos.

Cai-se, frequentemente, em formas explicativas insuficientes - atribuição dos processos económicos a mecanismos exteriores, espaços de raridade neutros - e mesmo encantatórias. Para as evitar, torna-se necessário salientar a importância da informação/investigação económica, melhorando e diversificando as fontes - da informação padronizada à análise local que permite compreender a heterogeneidade dos sistemas de produção e de emprego - acedendo a novas fontes que permitam penetrar as novas problemáticas - do ponto de vista dos julgamentos sociais, informação quantitativa/qualitativa sobre distribuição de rendimentos, grau de desigualdade das diferentes classes sociais e padrões de vida.

O papel da informação crítica é fundamental, até por causa da proximidade das problemáticas económicas com as práticas comuns. É um domínio de inovação nuclear para todos os que estão interessados num modo de racionalidade comunicativa.



Geraldo Dias

Mate os jornalistas com amabilidades

«Se não conhece jornalistas não os convide para conferências de imprensa, visitas à fábrica e outras manifestações colectivas. Para nossa casa não costumamos convidar estranhos. Comece agora mesmo um programa de contactos individuais com jornalistas. E verá como os jornalistas não apreciam a maior parte das ideias feitas que as empresas têm na área da Comunicação com os jornalistas. O uso da Comunicação com jornalistas deve ser criterioso. Nem uma maçada a mais.»

Este é o oitavo mandamento dos 10 que são exigidos pela LPM aos empresários portugueses. LPM, Luís Paixão Martins é um ex-jornalista e conhecido homem da rádio, que há alguns anos possui uma empresa de comunicação.

«Abandone a prática dos press release massificantes e substitua-os por contactos pessoais.

Lidere a comunicação mesmo quando as notícias são más.

Seja uma fonte, não um amigo, nem sequer um protagonista.

Esteja disponível para os jornalistas. Interrompa uma reunião importante se um jornalista lhe telefona. Converse pelo telefone, mas reserve para os contactos pessoais ou por escrito a matéria essencial das suas comunicações.

Não esqueça que o jornalista deve interessar-se pela impressão com que ele fica de si.

Mate os jornalistas com amabilidades, mas não julgue que os está a comprar», são, em síntese, outras das ideias centrais destes curiosos mandamentos.

Assim reza o sétimo mandamento da LPM:



«Faça com que a sua empresa trabalhe com os jornalistas como se de um mercado se tratasse. Tente auscultar as suas necessidades. Fabrique produtos que lhes interessem. Venda-os aos que lhe garantem maior fiabilidade ou melhor circulação. Faça uma distribuição equilibrada dos vários produtos pelos jornalistas que escolheu privilegiar.»

*Indefinição governamental está na base de informações desencontradas.
Grupos económicos fazem mira sobre um terreno de grandes
potencialidades especulativas*

Mercado Abastecedor de Lisboa: pânico entre os interessados

O Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (MARL) continua a dar que falar e, acima de tudo, a causar preocupações a uma série de entidades envolvidas. É o próprio Demétrio Alves, presidente em exercício da Câmara Municipal de Loures, concelho onde ele deverá ficar instalado, quem o afirma: «As organizações ligadas ao assunto estão a ficar em pânico, devido à indefinição, já que não sabem que tipo de empresa é que ali se vai instalar».

O bloqueio de uma situação que interessa não só à capital como a uma série de municípios circundantes terá levado Jorge Sampaio a pôr a questão informalmente ao Primeiro-Ministro, a quem deu a conhecer a preocupação com que a Câmara de Lisboa encara o problema. Preocupação que passa por um «dossier» que o actual vereador do pelouro, o centrista Ferreira de Lemos, está a elaborar, de forma a permitir à Edilidade «agarrar» melhor o assunto.

É uma questão que deve ser resolvida rapidamente.

Não falando já nos possíveis apoios comunitários directos, recorde-se que o Plano de Desenvolvimento Regional (PDR) tem reservados cinco milhões de contos para os mercados abastecedores, de aplicabilidade durante 1990.

Como dado (quase) concreto há a compra do terreno do Infantado, pelo grupo formado pela Sonae, RAR e Copmerlis. É o envolvimento de quatro milhões de contos para uma área de cerca de 92 hectares, faltando estabelecer, com a Gabimóvel, formas de pagamento e contrapartidas. A reunião prevista para o próximo dia 17 deste mês, entre compradores e ministro do Comércio e Turismo, poderá ser decisiva.

Sobre este assunto um porta-voz do MCT afirmou ao DL não se poder dizer que o terreno estivesse mesmo comprado e muito menos que se possa dizer que o Governo esteja desinteressado do processo. «Só que o Estado não pode fazer o jogo de um ou outro grupo económico», afirmou. E acrescentou que «não há

sequer jogo muito transparente por parte dos grupos envolvidos».

Uma achega dada pelo mesmo representante do Ministério adianta que «alguns jornais têm sido porta-vozes de um grupo económico que quer pressionar o Governo, fazendo passar a sua mensagem» e que é patente haver um deles que não quer avançar definitivamente sem que o Estado se comprometa com uma participação de 30 ou 40 por cento.

Novidades e indefinição

Esta semana, segundo dito no Ministério do Comércio e Turismo, «poderá haver grandes novidades», embora seja um dado adquirido «não haver disposição de aceitar jogos de especulação imobiliária» e, muito menos, beneficiar um grupo.

Mas a indefinição mantém-se e não pode deixar de ser referida a posição do Governo e, principalmente, deste Ministério, que tem divulgado informações contraditórias, quer junto dos principais interessados, quer dos

próprios órgãos de comunicação social. Em termos oficiais, a última informação remetida em 16 de Março a Demétrio Alves, pelo chefe de Gabinete de Ferreira do Amaral, diz que «a matéria se encontra em fase de análise, não tendo, por isso, o Governo tomado qualquer decisão sobre o assunto».

Mas até hoje não apareceu qualquer desmentido de informações que dizem que fontes oficiais adiantaram que o Governo está a estudar alternativas para o abastecimento de Lisboa que não necessite do MARL, que tem, para já, um investimento orçado em 40 milhões de contos. Até pelo receio de que nasça ali mais um «elefante branco».

É essa falta de decisão que preocupa os interessados. Afirma Domingos Galante, secretário-geral da ANAIEF e representante da Copmerlis, pensar que «o Governo quer o Mercado, só que não o quer fazer». Segundo acrescentou, «o Estado deve estar presente, mesmo que minoritariamente», admitindo que o que se passa seja por falta de verbas no

Orçamento Geral do Estado.

Se alguns jornais informaram que o Governo está desinteressado, a realidade é que os grupos envolvidos nunca receberam essa informação formal. Recorde-se que a questão do MARL tem longos anos, conhecendo a sua fase mais formal em Maio de 1988, quando um despacho conjunto dos ministros das Finanças, Planeamento e Administração do Território, Agricultura, Pescas e Alimentação e Comércio e Turismo afirma que «a criação de um mercado abastecedor para a região de Lisboa constitui uma prioridade do Governo».

Esse despacho indigitava Abel Vinagre, vogal de gerência da AGA - Administração-Geral do Açúcar e do Alcool, para «desenvolver todas as acções conducentes à instalação do mercado abastecedor da região de Lisboa, designadamente a constituição de uma sociedade a esse fim destinada», estabelecendo o prazo de 180 dias para que tal fosse feito, o mesmo prazo dado para a apresen-

tação dos estatutos de sociedade.

Alternativas e polémica

Considerado como um importante pólo de desenvolvimento comercial, com reflexos no sector produtivo, foi necessário escolher a zona de implantação, de forma a que fosse feito um investimento racional. Depois de apreciadas diversas alternativas, foi escolhida a zona do Infantado, em Loures, cuja Câmara havia sugerido outros terrenos, como alternativa, na Manjoeira e nos Tojais.

O terreno escolhido tem uma história atribulada. Já foi centro de polémica, aquando a aprovação de uma urbanização, que nunca conheceu o seu fim, já que parte dela foi embargada. Com o benefício da via-rápida ali construída, numa zona que permite a ligação à CREL, à CRIL e à Radial da Malveira, aguarda o futuro. O seu proprietário assumiu, entretanto, uma hipoteca que tem estado a acumular juros cada vez maiores, o que agrava de dia para dia o seu preço.

*O presidente da Câmara de Loures
está interessado no*

Interesses diversos

Um terreno com mais de 90 hectares é o que está em causa na Quinta do Infantado. Destes, cerca de 42 serão (seriam?) para instalação do Mercado Abastecedor da Região de Lisboa, sendo o restante para infraestruturas e instalações complementares. Inicialmente previsto estava um financiamento governamental de cinco milhões de contos. Tudo parece agora passar por uma fase diferente do definido em Diário da República. Ouvido pelo DL, Demétrio Alves, presidente em exercício da Câmara Municipal de Loures, queixa-se: «Continua a haver uma indeterminação sobre quem, como e quando se irá instalar na zona».

Ao especificar, acrescenta que a questão de saber quem tem a ver com a natureza e tipo da instalação, já que, disse, «não podemos pôr uma bolsa de géneros perecíveis completamente na mão de entidades pri-

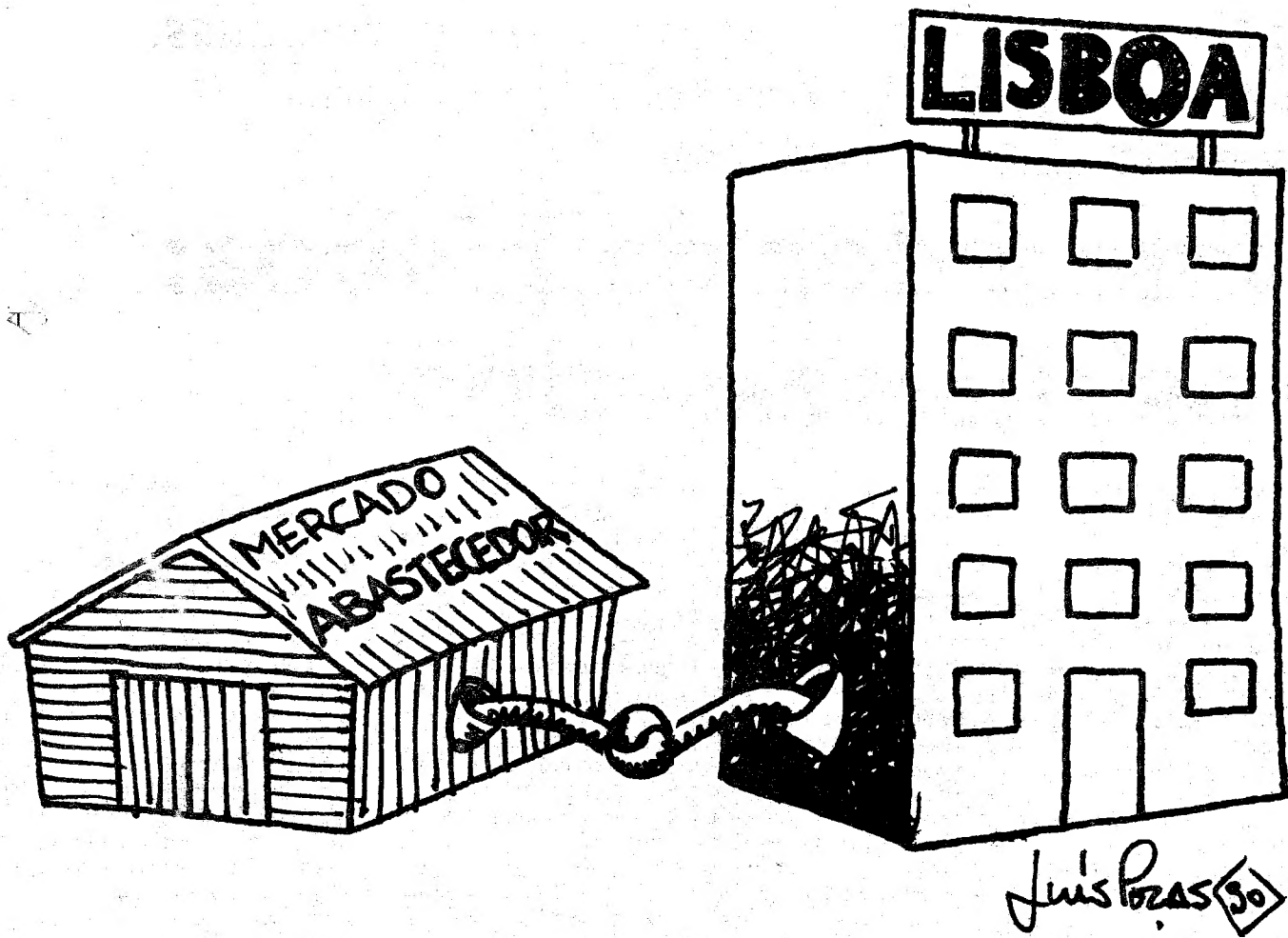
vadas e, provavelmente, internacionais», que trarão produtos altamente competitivos, pondo em risco os da região. O Município de Loures diz-se interessado no MARL «por uma questão altruísta», já que, sendo importante para o concelho - «embora não seja uma questão municipal que nos move» - principalmente por ser um assunto intermunicipal e mesmo nacional. «Há que esclarecer rapidamente quem, como e quando estará aqui instalado», acrescenta Demétrio Alves, que acrescenta que a instalação do mercado no seu município poderá ser um factor de perturbação de planeamento, pelo que, embora tido como importante para o desenvolvimento local, não pode ser feito sem se saber em que moldes é que irá avançar.

Diálogo necessário

Para analisar e definir acções futuras foi convocada uma reunião, para o próximo dia 12, a que se



Zona do Infantado: os interesses centram-se em mais de 90 hectares



Luis Pizarro

Depois da necessária autorização municipal para a instalação do MARL naquele terreno e após serem ouvidos representantes dos sectores interessados, a AGA informou, a 14 de Fevereiro de 1989, ser necessário entabular negociações com os proprietários, acautelando «antes outros aspectos que estão subjacentes a tal negociação», acrescentando que «os contactos encontram-se em curso e numa fase que reputamos decisiva. A serem levados a bom

termo, a AGA adquirirá, por conta do Estado, o terreno para aí ser instalado o MARL».

Outros interesses

Situação que, face ao histórico presente, parece ter morrido. Hoje em dia estão em jogo os interesses de diversos grupos. Para além dos referidos Sonae e RAR, a que se juntou a Copmerlis, criada pela Associação Nacional dos Armazenistas, Importadores e Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas (ANAEF),

outros tentam adquirir um terreno que se poderá prestar a alta especulação imobiliária.

Aquele é um território «de caça». Sobre ele estão viradas as espingardas de diversos grupos, que passaram por várias constituições. Para além da Sonae, inicialmente associada com os franceses de Memaris, da RAR que estabeleceu parceria com a italiana Ortomercato Milano, da HFC Portugal e da Copmerlis, há a acrescentar a SUPA aliada a espanhola Mercasa, espe-

cialista em mercados de abastecimento por interesses espalhados por vários países europeus.

Mais que criar, no MARL, uma «bolsa de géneros perecíveis», há o perigo de ali surgir, segundo fontes municipais e de grupos portugueses, «um centro abastecedor de produtos estrangeiros, isto é, ser um núcleo distribuidor de géneros da CEE, enquanto a produção nacional será descurada e preterida».

Almeida Henriques

de Loures acusa Governo de indefinição e diz que o seu município
ado no MARL apenas por «uma questão altruísta»

Diversos de costas voltadas

seguirão reuniões com os agentes sócio-económicos envolvidos. No entender de Demétrio Alves, «deveria ter sido o Ministério do Comércio e Turismo a ter a iniciativa de promover as reuniões para planificar o futuro». Uma questão candente, para Loures, parece ser o factor de perturbação que pode ser criado pelo MARL, por muito desejado que seja. «Se atrás de uma catadupa de interesses especulativos, teremos forçosamente uma palavra a dizer e a solução supostamente encontrada não será líquida», garante o presidente da Edilidade, que acrescenta que o Governo terá que ter essa questão em conta. Urgente, igualmente, desbloquear a questão do proprietário do terreno, mas, segundo Demétrio Alves, o assunto deverá ser bem ponderado, já que «quem se mete nisto não estará interessado em mais-valias da exploração do metro quadrado do terreno,



Rui Pacheco

Demétrio Alves recusa uma bolsa de perecíveis totalmente na mão de privados

antes na comercialização de produtos que dêem retorno de capital que justifique o empreendimento».

Desde princípio, quando o assunto começou a ser tratado o presidente era Severiano Falcão, que Loures defende uma participação quadripartida, com o envolvimento do sector privado, dos municípios, da Administração Central e dos agentes sócio-económicos. «Esta teia de quatro cantos

nunca poderá ser marginalizada», afirma Demétrio Alves.

«Saltar do comboio»

Para o presidente do terceiro maior concelho do país, não é o investimento de 10 milhões de contos que está em causa, já que o importante «é a questão sócio-económica reguladora e perturbadora em simultâneo». A queixa, mais uma vez: «Continuamos oficialmente

na ignorância do que se está a passar, a nível de Governo». A leitura que faz é que «o Governo salta de um comboio em movimento, com os comandos indefinidos e ninguém sabe quem é que está a esses comandos». Outra questão se põe, depois da opção final pelo Infantado. Esta é uma zona viável, no entender do presidente da Câmara de Loures, mas a necessitar de infra-estruturas viárias. Embora previstas, com conclusão apontada para coincidir com a do MARL, há que saber «quem é que as vai construir e se estarão previstas em qualquer plano».

O que se passa é, no entender de Demétrio Alves, «paradigmático da forma de relacionamento entre a Administração Central e a Administração Local, com a primeira de costas voltadas para a realidade, enquanto nós enfrentamos os problemas do dia-a-dia e as realidades».

A.H.

*Representante da Copmerlis
diz que mercado é urgente*

Operadores estão a trabalhar em péssimas condições

O Mercado Abastecedor da Região de Lisboa já devia estar construído há dezenas de anos. Esta parece se a opinião generalizada de agentes sócio-económicos envolvidos no processo. Nesse sentido se pronunciou Domingos Galante, secretário-geral da ANAEF e representante da Copmerlis, que disse ao DL que «os operadores estão a trabalhar em péssimas condições».

Sendo a ANAEF uma instituição sem fins lucrativos, criou a Copmerlis que, associada a outros grupos empresariais, concorre à compra - e tudo aponta para ganhar - do terreno do Infantado. «Para nós era indiferente associar-nos fosse a quem fosse. O que queríamos era criar um mercado abastecedor», afirma Domingos Galante.

No seu entender, este deve funcionar como uma «bolsa de produtos perecíveis». Conforme acrescentou, a grande concentração «é que irá regularizar o mercado» e se o MARL «não for construído a produção agrícola irá decrescer cada vez mais». Face aos eventuais perigos de que o mercado geral português seja inundado de produtos provenientes de outros países, Domingos Galante garante privilegiar os investimentos de um grupo nacional, forma mais correcta do MARL «servir para a defesa do produto nacional».

Presença do Estado

A semelhança de outras entidades, a Copmerlis e o consórcio a que está ligada entende que «o Estado deveria estar presente, mesmo que minoritariamente». As indefinições actuais devem ter origem, conforme disse, «nas faltas de verbas do OGE», para além de ser necessário saber o que significa «que o Governo tenha dito que o MARL deixou de ser prioritário».

Sabendo-se que mais de 42 hectares serão eventualmente destinados ao corpo principal do mercado, os restantes 50 hectares serão utilizados para a implantação de infra-estruturas e serviços terciários, o que possibilitará, caso não haja um controlo apertado, uma grande especulação imobiliária, com um terreno a ter um valor multiplicado pelo factor 10 em poucos anos. Mas, diz Domingos Galante, «o que nos interessa é o mercado, não o resto».

Como certa, a compra do terreno pelo grupo Sonae, RAR e Copmerlis. Quanto à instalação do mercado, «se ela for por concurso público, tudo bem», acrescenta Domingos Galante, que defende preferir que «seja com capitais nacionais». Para já, estão todos à espera que sejam «cumpridos» os prazos, de há muito ultrapassados, de aprovação dos estatutos de sociedade de exploração do mercado, o que compete ao Governo.

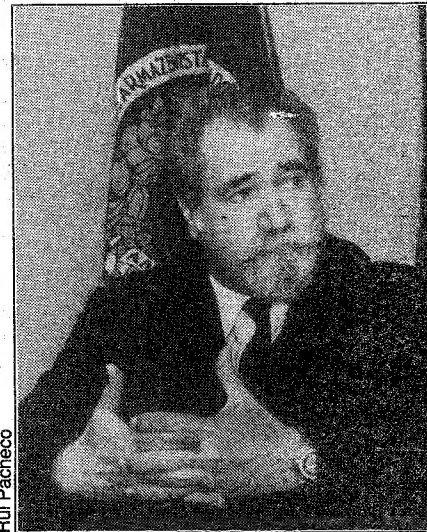
O parecer dos grupos interessados no terreno e na construção do mercado entra em choque frontal com o definido pelo Governo e pelo que é defendido pelas autarquias. Se os primeiros entendem o MARL como um bem colectivo e público, embora com participação de interesses privados, os segundos, conforme disseram ao DL, entendem que «se o Governo quer o mercado mas não o quer construir, então que o abra ao sector privado, mas definindo regras».

Partindo do princípio de que o terreno está mesmo em fase última de venda, será agora preciso definir em que termos é que o MARL será instalado.

Não tendo sido comprado atempadamente pelo Estado, o preço agora será definido pelos seus futuros proprietários. Mais complexa ainda, a questão da sociedade que o irá explorar. O articulado legal parece ser letra

morta, pelo que o grupo que se propõe avançar com um mercado, a todos os títulos privado, irá definir a estrutura de exploração.

Domingos Galante afirma que, dado não haver, assim, recursos a fundos, a questão fica muito mais onerosa, devido à inexistência de verbas de apoio a fundo perdido, dinheiros da CEE ou do PDR. Em conclusão, «quem irá pagar será o consumidor».



Rui Pacheco

Domingos Galante: a face dos interesses dos produtores

A.H.

ECONOMIA

Bancos e empresas japonesas à procura de negócios na Europa de Leste

Tóquio abre brecha no muro

O Japão descobriu imediatamente que na Europa de Leste, caído o comunismo, há excelentes possibilidades de realizar negócios e começou a experimentar o terreno. Em Abril, o Banco de Tóquio abrirá uma filial em Berlim Leste. Será o primeiro banco não europeu a abrir as suas portas na Europa Oriental. «Esperamos grandes resultados sobretudo a longo prazo, mas, de qualquer maneira, temos de começar» - disse Azusa Oshima, director-geral das operações para a Europa daquele banco.

O Banco de Tóquio é a extremidade de um iceberg que está a aflorar e sob o qual se escondem sociedades de todos os grupos. O Fuji Bank chegou, recentemente, a um acordo com os bancos austríacos e húngaros para a criação de uma *joint venture* na Hungria no valor de 17 milhões de dólares. A nova sociedade prestará assistência às médias e pequenas empresas com *factoring*. «Os países da Europa de Leste - disse um funcionário do Fuji Bank - irão avançar com as suas reformas apesar da situação económica interna. Os seus mercados financeiros terão a partir de agora um alto índice de crescimento.»

O New Germany Fund, um fundo recentemente cotado em Nova Iorque e que investe em sociedades alemãs que operam na Europa de Leste, foi tomado de assalto por investidores japoneses enquanto o interesse pelos títulos americanos diminuiu.

Dez presidentes de sociedades financeiras mediadoras decidiram, além disso, visitar a Europa de Leste no fim de Abril. «Temos que dar conta pessoalmente do desenvolvimento da situação» - disse Yoichi Tsuchiya, presidente da Sanyo Securities.

O avanço nipónico está destinado a arrastar consigo muitas outras instituições bancárias e empresas. É naturalmente também a indústria automobilística. A Suzuki fez um acordo no valor de 20 bilhões de ienes para a produção de automóveis de média cilindrada na Hungria. A Daihatsu fará o mesmo na Polónia e também a Matsushita, a maior sociedade do mundo de produtos de consumo, anunciou que vai abrir escritórios em Budapeste.

A maior parte dos acordos passam através das maiores sociedades comerciais. As nove maiores têm já uma presença constante de 70 pessoas nos países da Europa de Leste, mas o seu número está a aumentar rapidamente. A maior sociedade comercial, a C. Itoh, tenciona aumentar o seu pessoal de 14 para 30.

Os países que o Japão observa com particular atenção são a Hungria e a Polónia. A visita, o mês passado, do primeiro-ministro japonês

Toshiki Kaifu, além de cativar as simpatias do eleitorado do seu país, serviu também para estudar as possibilidades na Polónia e na Hungria, onde o ministro Kaifu levou um pacote de ajudas no valor de quase dois bilhões de dólares em empréstimos e assistência técnica. Isso criará também novas oportunidades para as empresas japonesas.

Parte das atenções recaem também sobre os restantes

A cooperação entre Japão e Europa de Leste é ainda mais significativa se se considerar que as suas relações económicas são virtualmente inexistentes. Nos primeiros nove meses, as

guerra, por causa de quatro pequenas ilhas ao largo de Hokkaido no norte do Japão, ocupadas pelos soviéticos e



do norte do Japão e a Sibéria Oriental, cujo desenvolvimento é considerado da maior importância dentro do programa de reformas económicas soviéticas. No fim das conversações assinaram-se acordos no valor de 4,2 bilhões de ienes e foram lançadas uma dezenas de *joint venture*. Para o próximo ano está prevista a visita de Gorbachev ao Japão, o que poderá criar as condições para um tratado de paz e investimentos japoneses na Sibéria.

Os japoneses, apesar de tudo, tendem a minimizar o seu papel na Europa de Leste. Trata-se de um terreno tradicionalmente reservado às empresas europeias. O Japão,

países. O Governo iniciou conversações com a Bulgária para a realização de um acordo sobre a prevenção da dupla tributação, para estimular investimentos directos e *joint venture*, enquanto uma delegação de economistas da Alemanha Oriental discutiu, no final do ano passado, com Tóquio os possíveis acordos na área da cooperação.

mercadorias japonesas destinadas aos países de Leste, excluindo a URSS, representaram 0,3 por cento das exportações japonesas, na sua maior parte sob forma de máquinas e no valor de 469 milhões de dólares.

A URSS representa um capítulo à parte. Os dois países ainda não assinaram um tratado de paz desde o fim da

reivindicadas pelos japoneses, que Tóquio chama territórios setentrionais e a URSS Curis meridionais.

As relações são, portanto, ainda frias, apesar de haver evidentes sinais de melhoria. Em Outubro do ano passado, mais de 400 delegados dos dois governos encontraram-se para promover trocas comerciais entre as regiões

EUA e Japão de acordo em reformas estruturais

Washington rejeita pedido japonês de limitar uso de cartas de crédito, mas aceita reduzir impostos sobre a mais-valia

Após quatro dias de intensas negociações, o Japão e os EUA chegaram a acordo, quinta-feira passada, sobre a necessidade de levar a cabo uma série de reformas estruturais, ao nível das economias respectivas, com o fim de resolver os diferendos comerciais que envenenam as relações entre aqueles dois países.

Washington rejeitou o pedido japonês de limitar o uso de cartas de crédito aos EUA, mas aceitou dar respostas positivas nas questões que têm a ver com o projecto de incitamento fiscal à poupança da classe média e à redução do imposto sobre a mais-valia, com vista ao encorajamento dos investimentos empresariais.

Washington renovou ainda o desejo de melhorar o sistema educativo e de se submeter à lei Gramm-Rudman do regresso progressivo e obrigatório ao equilíbrio orçamental.

Este acordo visa sobretudo reduzir o

enorme défice comercial americano em relação ao Japão, centrando-se no combate aos obstáculos verificados nas trocas comerciais.

Por isso, Tóquio decidiu empenhar-se no desregulamento do seu sistema de forte protecção à distribuição e abrandar progressivamente a legislação japonesa que restringe o estabelecimento de grandes superfícies, o que irá permitir às grandes cadeias de supermercados estrangeiros implantar-se naquele país.

Tóquio prometeu também reforçar a aplicação da lei *antitrust*, com multas mais pesadas, para desencorajar os acordos ilícitos entre empresas e o Governo japonês aumentou as despesas das obras públicas, para as quais as sociedades americanas podem fazer propostas.

Estas negociações duravam desde o mês de Julho do ano passado, mas só foram desbloqueadas em Março, após o

encontro entre o presidente Bush e o primeiro-ministro japonês Toshiki Kaifu.

Na leitura das 32 páginas do relatório do acordo, nota-se que os EUA não têm a intenção de modificar radicalmente a sua política. Na lista dos problemas, segundo Tóquio, os EUA deviam corrigir a debilidade da economia nacional, o endividamento excessivo dos consumidores, o pesado défice orçamental, o enfraquecimento do sistema educativo e a ausência de vistas largas nas empresas americanas, a qual trava a produtividade.

Charles Dalara, subsecretário adjunto do Tesouro, assegurou que «os EUA seguem já políticas que vêm ao encontro dos pedidos japoneses», enquanto Koji Watanabe, vice-ministro japonês dos Negócios Estrangeiros saudou os esforços e os resultados obtidos pelos EUA na correcção do défice orçamental.

«DL»/AFP/Jean-Louis Santini

consciente da própria imagem, não quer ser apontado como a ave de rapina da economia, como aconteceu na ocasião da retirada dos investimentos americanos na África do Sul, quando os japoneses, rápidos em colmatar o vazio, tornaram-se o *partener* comercial daquele país. Além disso, o Japão ainda se lembra da campanha de difamação tentada por membros do Congresso americano a propósito de um radiogravador da Toshiba.

Uma filial da Toshiba foi acusada de ter violado os regulamentos do Cocom, organismo que controla o comércio de material de alta tecnologia com os países comunistas e do qual fazem parte quase todos os países da NATO, além do Japão. A Toshiba tinha vendido sofisticadas fresadoras à URSS que depois foram utilizadas para o fabrico de hélices de submarinos atómicos.

Há, por isso, pessoas no Japão que são cépticas sobre a oportunidade de ampliar desmedidamente o envolvimento do Japão com a Europa de Leste. Antes de mais nada, os benefícios derivados da maciça dose de investimentos naquelas áreas seriam para o Japão muito poucos. Além disso, não se pode ignorar o problema do défice externo. Segundo Oshima, do Banco de Tóquio, se as reformas económicas falhassem, estes países enfrentariam uma crise financeira comparável à da América Latina. Um terço dos 16 bilhões de dólares de dívida da Hungria é com bancos japoneses. O Export-Import Bank of Japan decidiu, assim, conceder novos empréstimos à Polónia apenas depois da realização de um acordo entre o Governo polaco e o Fundo Monetário Internacional.

Seria assim que muitos no Japão gostariam de olhar as relações com a China. Há algum tempo começaram as visitas de delegações oficiais entre os dois países como primeiro passo para a normalização completa das relações. Além dos projectos oficiais, entre os quais desponta um empréstimo de 810 bilhões de ienes para Pequim, os dois governos decidiram criar uma comissão para lançar 44 projectos de investigação a realizar conjuntamente.

Recomeçam também os acordos por parte das empresas. A Mitsui & C. vai vender à China um sistema para a construção de equipamentos necessários para a fabricação de produtos de consumo. «A longo prazo, a China atrai muito mais do que a Europa de Leste», afirma um alto funcionário de um banco japonês.

Agostino Mauriello
Exclusivo «Corriere della Sera»/«DL»

Trad.: Alessandra Balsamo

ECONOMIA

Aquicultores reunidos em colóquio não se conformam com limitações à sua actividade impostas por considerações ambientais. Invocam a maior gravidade de outras fontes poluidoras e a impunidade de que usufruem

Aquicultura e poluição: relação pouco líquida

Poluir muito, pouco ou nada foi a temática dominante do "Colóquio sobre o Desenvolvimento da Aquicultura e a Interação sobre o Meio Ambiente" organizado pela Associação Portuguesa de Produtores Aquícolas e a American Soybean Association, onde esta actividade apareceu como "algo mais" do que engordar peixes em gaiola.

Mais do que abordar a poluição própria desta actividade, os participantes privilegiaram a comparação com poluições resultantes de outras actividades.

Este enfoque chocou com o discurso de M.J. Philips, especialista inglês, que não se cansou de insistir na racionalização, na gestão e na ética, como instrumentos que podem obviar aos efeitos negativos da aquicultura.

O confronto entre modelos racionais de actuação e a realidade portuguesa evidenciou as maleitas que afectam o sector.

Racionalizar, planejar, gerir

Philips, membro do *Institute of Aquaculture* da Universidade escocesa de Stirling e consultor da FAO, afirmou que «a expansão da aquicultura, muito grande nos últimos anos, suscitou preocupações devido ao seu impacto ambiental», que se manifesta

na paisagem, na vida selvagem, na qualidade da água e nas pescas, além de, inclusive, "roubar" locais aos pescadores.

Muitos impactos, disse, «serão evitados se forem detectados antes da implantação do projecto e se os proprietários e gestores das explorações aquícolas os considerarem». Ou seja, «se houver planeamento e boa gestão, os problemas serão evitados».

De resto, a racionalização da implantação e gestão de unidade aquícola foi algo comum às comunicações dos três especialistas convidados: o referido J.M. Philips, Javier San Juan (consultor da FAO) e Harald Rosenthal (professor catedrático da Universidade alemã de Kiel).

San Juan admite a confluência das visões diferentes que sobre um projecto tenham a sociedade e os proprietários: «O que há a fazer é estudar, para reduzir ao mínimo os custos para todas as comunidades, incluindo a humana».

Impacto ambiental

Esta racionalização de comportamentos tem o seu corolário na dependência total de qualquer projecto de instalação de uma unidade aquícola da avaliação do impacto ambiental. A

avaliação, segundo Rosenthal, «é muito mais social que científica».

Segundo os especialistas, são necessários estudos prévios a qualquer instalação aquícola. Os projectos devem responder às necessidades dos empresários (técnicas, económicas, recursos naturais) e às garantias exigidas pela sociedade (ambientais, técnicas, políticas e económicas).

Da avaliação do impacto ambiental previsto, em função das limitações do meio natural e dos efeitos da concretização do projecto, dependerá a realização do empreendimento.

Com um parecer negativo, pára tudo de imediato. Caso contrário, procede-se a reajustamentos, se necessário, definem-se medidas correctoras e acompanha-se a materialização do projecto. Este deve ainda incorporar avaliações respeitantes ao clima económico, social e político da aquicultura, bem como das estruturas de suporte, como os *inputs* industriais e as produtos disponíveis das actividades de investigação e desenvolvimento.

Em todo o processo, o empresário desempenha um lugar-chave, quer pelas informações básicas sobre ecologia, economia e sociedade que (não) tem, quer pela capacidade de gestão que (não)

manifesta.

Quando respondia a um participante que tinha manifestado o seu espanto por tanta racionalidade e controlo, Philips disse que «o ambiente não é limitador, é um processo real que tem de ser considerado».

Contudo, a considerar a sua experiência internacional, este respeito pelo ambiente verifica-se pouco ou em poucos lados: «É importante conhecer os recursos dos meios onde se trabalha, mas há muitos exemplos de vários países onde isto não se passa».

"Proibir pombos de voar"

Estas preocupações ambientais foram mal recebidas por alguns participantes no Colóquio. Um deles disse mesmo que «quem impedir a aquicultura ficou contente de ouvir Philips».

Para este empresário, «temos de pensar na envolvente do nosso País e não compará-lo com a Escócia», porque, acrescentou, «os termos de comparação que eu tenho são as celuloses, os curtiúmes, os esgotos a céu aberto, a indústria automóvel...».

Para outro participante, «há que ter a noção da realidade e ver os diferentes graus de poluição. A aquicultura é das actividades menos poluentes que temos».

Atacá-la e não fazer nada



M.J. Philips: «O ambiente não limita, existe e tem de ser considerado»

em relação às outras fontes de poluição (muito mais gravosas) seria «o mesmo que proibir os pombos de voar, por causa da poluição sonora dos aviões».

Estes argumentos fundamentam-se em que, como alguém disse, «num lago escocês não há "SAPEC's" nem celuloses, mas nos nossos estuários há pesticidas e adubação química. Não há comparação entre um hec-

tare de arroz e um hectare de aquicultura no estuário do Sado, nem vamos inverter as coisas e dizer que um barragem no estuário do Tejo, ao lado da Lisnave, é inestético».

Apesar de tudo, os aquicultores estão cientes dos prejuízos devidos a um meio ambiente mal tratado. É que os peixes são das espécies mais sensíveis às alterações deste meio.

Rui Nunes

Estado acusado de «autocrático»

Incentivos financeiros nacionais e comunitários estão na origem do desenvolvimento da aquicultura em Portugal.

Classificado de «exponencial» por Jorge Godinho, secretário de Estado das Pescas, o crescimento do investimento é visível nos números disponíveis: os 300 mil contos de 1986 passaram para um milhão em 1987 e 1,7 milhões no último ano. As 17 explorações existentes em 1986, geridas pela Direcção-Geral das Florestas, juntaram-se 16 projectos aprovados entre 1987 e 1989, enquanto outros 18 estão em carteira.

A estrutura dos projectos apresentados já atinge a dimensão industrial.

A situação de carência progressiva manifestada pelos bancos pesqueiros tradicionais, a que acresce o encarecimento do pescado, favorece o desenvolvimento desta cultura.

Estima-se que a sua quota de 13 por cento da produção

piscícola mundial passe para 25 por cento no futuro próximo.

Erros e demissões

Esta situação, porém, está longe de reflectir uma realidade pacífica e agradável. Enquanto Jorge Godinho apela ao «empenho, discernimento e inteligência» dos aquicultores na execução dos projectos e na gestão das explorações, Manuel Serra, presidente da Associação Portuguesa de Produtores Aquícolas, denuncia ao DL a «autocracia da Administração».

Para o secretário de Estado está em causa «evitar os erros dos outros». Para tal, importa consciencializar os empresários da concorrência que a aquicultura faz, no espaço físico, ao turismo e ao ambiente e da necessidade de criar valor acrescentado na produção. A este propósito, anunciou que em breve o Governo deixaria de «fechar os olhos» às capturas de juvenis para alimentação dos

viveiros. Os aquicultores deverão assegurar a reprodução, concluiu.

Depois de anunciar que está em curso a revisão completa da legislação regulamentadora da actividade para, entre



Jorge Godinho foi elogiado pelo seu apoio aos aquicultores

outros efeitos, «dar certeza quanto a prazos de licenciamentos», Jorge Godinho afirmou ser «preciso que a Administração e os empresários se sintonizem».

Divergências relativas aos impactos ambientais alimentam os problemas existentes. Manuel Serra garante que da parte de Jorge Godinho e Macário Correia o apoio é total. O problema, esclarece, situa-se nos escalões e serviços inferiores, como a Hidráulica ou o Serviço de Parques que, através de «despachos atrasados ou sem fundamentação», tentam «entravar» o desenvolvimento da aquicultura. De resto, a situação pode levar a mudanças na direcção do estuário do Tejo, admitiram fontes do sector, para «amaciá-la» a oposição à introdução da aquicultura.

O «comportamento duplice» da Administração é, de resto, o único problema com que o sector se confronta, para o presidente da APPA. Formação dos aquicultores, defesa do ambiente, qualidade dos projectos são, no seu entender, áreas pacíficas.

«A sério...»

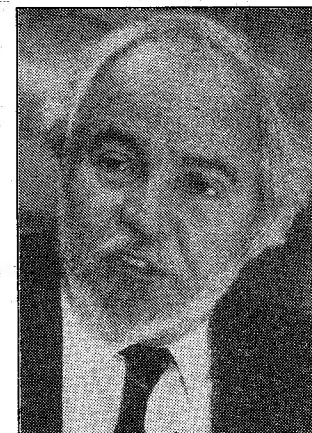
Nas espécies produzidas,

destinadas a exportação, destacam-se o camarão japonês, o rodvalho, o linguado, o robalo, a enguia, as trutas salmonadas e a tainha. Apesar das repetidas afirmações de defesa do ambiente, são públicas as polémicas a propósito das explorações do camarão japonês, cuja consequência mais conhecida foi a despromoção a Reserva do Parque da Ria Formosa. Por determinar permanecem as consequências sobre a cadeia ecológica.

O desenvolvimento da aquicultura, confinada por enquanto a salinas antigas, tanques e alguns estuários fluviais, «está a começar agora, a sério», nas palavras de Manuel Serra. Já se pensa nas explorações em mar aberto e reivindica-se o acesso às albufeiras.

De característica semi-intensiva, a produção existente alcança uma a cinco toneladas por hectare, ao passo que no estrangeiro atinge as 200.

Manuel Serra reivindica



Manuel Serra (APPA): «A Administração Pública não se entende: por um lado, apoia-nos, por outro, cria-nos entraves»

para a sua associação 80 por cento dos aquicultores existentes - número que se recusou a quantificar -, cujas explorações vão dos dois e três hectares até às centenas de hectare.

Os projectos estão a observar uma tendência de crescimento do seu valor. O intervalo compreendido entre os cinco e os 700 mil contos está a alargar-se para o milhão de contos.

R.N.

Independência nacional joga-se no mercado

Estratégias empresariais passam por «joint ventures» e outras alianças, defende o professor Vasconcellos e Sá

«Não se pode fugir à realidade, nem podemos continuar com ilusões. As empresas portuguesas vão ter que concorrer com as estrangeiras, de maior dimensão, num mercado aberto, vasto, que exige grande especialização. Resta-nos encontrar estratégias, e elas existem, para vencer a batalha do Mercado Único. Temos que partir do princípio que a independência nacional, hoje em dia, depende mais do poder económico do que do poder político», disse ao DL Vasconcellos e Sá, professor de Gestão de Empresas na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade Católica Portuguesa.

As grandes empresas portuguesas tornam-se médias quando confrontadas com as grandes empresas estrangeiras e não possuem as vantagens destas. As empresas de maior dimensão, segundo Vasconcellos e Sá, beneficiam de menores custos devido a economias de escala, de descontos de fornecedores e de melhor acesso a financiamentos, conseguindo, por outro lado, cobrar maiores preços pelos seus produtos, devido a uma melhor imagem

de marca.

Para fazer face a esta concorrência, aquele especialista aponta três tipos de estratégia básica que podem ser adoptados pelas empresas portuguesas: «Aliança com empresas estrangeiras, através de joint ventures, para servir o mercado nacional; aliança com empresas estrangeiras para servir o mercado europeu, ou concorrer com as empresas estrangeiras no mercado europeu».

Todas estas estratégias são viáveis, dependendo do sector a que se aplicam, mas cada uma delas tem particularidades próprias, atendendo a factores como as características do mercado, ao tipo de consumidor, à legislação em vigor, ao grau de especialização da mão-de-obra portuguesa, à capacidade de venda e distribuição, ao meio cultural e sócio-económico envolvente.

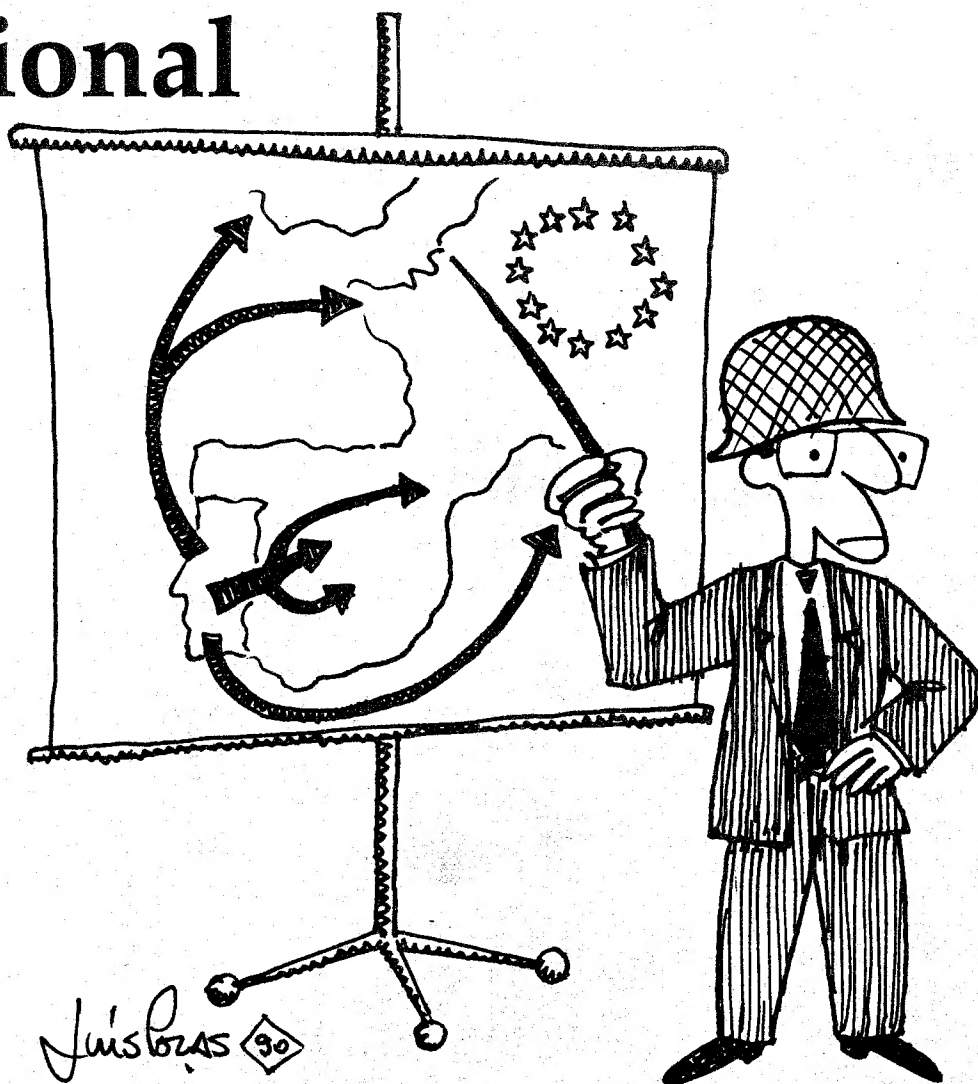
Joint ventures precisam-se

No caso da constituição de joint ventures, as empresas portuguesas podem beneficiar do know-how técnico, capacidade financeira e

imagem das estrangeiras, mas estas não se podem substituir às portuguesas no que respeita ao conhecimento da cultura e do mercado português.

O conhecimento do modo como funcionam as instituições económicas e o comportamento do consumidor são factores decisivos para levar a cabo uma estratégia de joint venture. Por isso, Vasconcellos e Sá considera que o grande argumento das empresas portuguesas é o conhecimento exaustivo do mercado nacional.

«A diferença entre a teoria e a prática passa pelo conhecimento da burocracia, leis, regulamentos, modo de fazer negócio, língua, psicologia, hábitos e valores dos clientes. E isto possuem as empresas portuguesas, para além de uma organização de marketing, distribuição e força de vendas, implantada em território nacional, o que permitirá à empresa estrangeira poupar tempo», afirma Vasconcellos e Sá. No segundo tipo de estratégia apontada, ou seja, a aliança com uma empresa estrangeira para servir o mercado europeu,



em vez de produzir um produto na sua totalidade (um frigorífico, um motor, um relógio...), a empresa portuguesa deve dividi-lo nas suas componentes fundamentais e especializar-se nas que não obriguem a economias de escala, vendendo-as seguidamente a empresas de maior dimensão que fabrique, por sua vez, as outras componentes, montem e comercializem o produto.

Pode também passar-se o contrário. A empresa de menor dimensão subcontrata partes do produto a outra de maior dimensão, fabricando internamente as componentes com pequenas economias de escala, montando depois o produto. É o que se passa, por exemplo, nas indústrias de frigoríficos e de bicicletas.

Especialização exige-se

A concorrência com as empresas estrangeiras no mercado europeu, terceiro tipo de estratégia defendido por Vasconcellos e Sá, exige das empresas uma especialização em determinados segmentos da indústria que

permitam estreitar e alargar a área de operações da empresa, em termos de produto/segmento e geográficos, respectivamente.

As empresas portuguesas não devem, segundo aquele especialista, ocupar um segmento de mercado onde se concentrem as empresas estrangeiras de maior dimensão e recursos financeiros, nem onde a empresa portuguesa disponha de vantagens em termos comparativos.

«Deve ser um segmento onde as empresas grandes, internacionais, de uma determinada indústria, estejam a fazer canibalismo, nas suas próprias vendas, aos outros segmentos da mesma indústria», sublinha Vasconcellos e Sá.

Já na década 60, refere ainda, empresas japonesas e alemãs haviam entrado em segmentos do mercado automobilístico dos EUA, onde as

grandes empresas, como a General Motors, a Ford e a Chrysler, não estavam em força, «evitando assim uma competição frontal com rivais de maiores recursos financeiros e que conheciam muito melhor o seu próprio mercado».

O mesmo se passou com as indústrias de computadores Burroughs, as embalagens Crown Cork e com a indústria de papel e pasta de papel Union Camp. Nos últimos vinte anos, as histórias de sucesso, «são histórias de empresas, ou especializadas, ou que, diversificando, mantiveram uma unidade tecnológica ou de mercado entre os seus diversos segmentos».

Casos como a Sony, a Xerox, a Honda, a IBM ou a Volkswagen, são disso um exemplo.

Rui Ferreira e Sousa

O Estado visto como intermediário

O Estado deve funcionar como um órgão que facilite as estratégias das empresas, um intermediário privilegiado no estrangeiro, através do ICEP, cuja função prioritária seria o apoio logístico a todos os níveis e a recolha de informação.

Esta é a opinião de Vasconcellos e Sá, que salienta também o papel das embaixadas enquanto «olheiros» das empresas portuguesas. «Quantas embaixadas mandam para cá os concursos públicos que se realizam por esse mundo fora?», pergunta.

A formação é outra das prioridades a levar a cabo. «Devia haver cursos superiores com especialização nos sectores industriais mais fortes, como por exemplo a indústria do calçado, a gestão de hotelaria, a indústria dos têxteis, para além de cursos profissionalizados de formação intensiva, de duração de um ou dois anos, contabilidade, informática, gestão de pessoal ou marketing. Cursos de actualização para médios e grandes empresários, são igualmente desejáveis», disse Vasconcellos e Sá ao DL.

R.F.S.



Vasconcellos e Sá: «A independência nacional passa mais pelo poder económico do que pelo político»

**ANDAR
ESCRITÓRIO**

ALUGA-SE

AV. MARQUÊS TOMAR

ESPAÇO ABERTO DE 250 M²

PARQUEAMENTO PARA AUTOMÓVEIS

PRÓPRIO - TELEFONE 7934251

(HORAS DE EXPEDIENTE)

**PARQUEAMENTO
10 CARROS**

ALUGA-SE

AV. MARQUÊS TOMAR

PRÓPRIO - TELEFONE 7934251

(HORAS DE EXPEDIENTE)